

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

**A POSITIVAÇÃO DO “JEITINHO BRASILEIRO” NA MÍDIA:
UMA RECONFIGURAÇÃO DO ESTERÓTIPO IDENTITÁRIO
NACIONAL**

MARCELLE DE OLIVEIRA NASCIMENTO

NITERÓI
Agosto/2017

MARCELLE DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**A POSITIVAÇÃO DO “JEITINHO BRASILEIRO” NA MÍDIA:
UMA RECONFIGURAÇÃO DO ESTERÉOTIPO IDENTITÁRIO
NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: Prof. Marildo José Nercolini

**NITERÓI
Agosto/2017**

N244 Nascimento, Marcelle de Oliveira.

A positivação do “jeitinho brasileiro” na mídia: uma reconfiguração do estereótipo identitário nacional / Marcelle de Oliveira Nascimento. – 2017.

112 f.

Orientador: Marildo José Nercolini.

Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) –
Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2017.

Bibliografia: f. 98-100.

1. “Jeitinho brasileiro”. 2. "Gambiarra". 3. Malandragem.
4. Mediação. 5. Margem. I. Nercolini, Marildo José. II. Universidade
Federal Fluminense. Departamento de Arte. III. Título.

MARCELLE DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**A POSITIVAÇÃO DO “JEITINHO BRASILEIRO” NA MÍDIA:
UMA RECONFIGURAÇÃO DO ESTERÍOTIPO IDENTITÁRIO
NACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

NITERÓI, 31 DE AGOSTO DE 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marildo José Nercolini (Orientador)

Prof. Dr. Gilmar Rocha (UFF)

Prof. Dra. Rossi Alves Gonçalves (UFF)

Prof. Dra. Anna Paula Soares Lemos (UNIGRANRIO)

Ao meu pai, por tudo!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado forças para continuar mesmo quando tudo desmoronava.

À minha mãe, Marcia, por ser o meu ponto de apoio, a base da nossa família, e pela disponibilidade em me ouvir sempre que foi necessário, demonstrando todo seu amor e apoio.

À minha irmã Yeda, que teve que suprir a minha ausência em casa durante esse período longe, sem nunca questionar as minhas atitudes e por sempre me incentivar nesse caminho por mim escolhido. A você toda a minha gratidão!

Ao meu orientador, Marildo Nercolini, por ter sido um poço de compreensão durante toda essa trajetória do mestrado e por ter acreditado até os quarenta e cinco do segundo tempo que eu daria conta do recado. Não existe palavra para demonstrar o tamanho da minha gratidão.

Ao meu primo João, e seus pais tia Regina e tio Zezé, por terem me dado todo apoio e suporte necessários durante a minha estadia aqui no Rio de Janeiro.

Às minhas amigas Lailla, Larissa, Raisa, Ellenzinha e Rebeca que mesmo de longe escutaram minhas angústias e demonstraram todo o apoio necessário para que essa trajetória fosse um pouco mais leve.

A minha família de Angra, principalmente minha prima Fernanda que me acolheu durante todo o tempo da minha breve experiência carioca.

E por fim, mas não menos importante, a todos os colegas do PPCULT, principalmente os amigos Paula, Hugo e Daniel, com quem compartilhei horas de conversa na volta para casa, meu muito obrigada!

“Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar”

Paulinho da Viola

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o mecanismo social chamado “jeitinho brasileiro” e também como ocorre a sua reconfiguração atualmente. Para isso será feita, primordialmente, a análise do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, em especial, a terceira temporada exibida em 2008 pelo Canal Futura. Busca-se investigar como o programa procura evidenciar o caráter positivo do termo “jeitinho brasileiro”, analisando suas técnicas e estratégias, utilizando para isso a metodologia Modo de Endereçamento. Além disso, discute-se termos e contextos associados ao ‘jeitinho brasileiro’ através de algumas proposições teóricas como: caráter nacional, favor, corrupção, malandragem, favela, margens, frestas, “gambiarra”, mediadores, para que o processo de reconfiguração do “jeitinho brasileiro” possa ser a base central desta pesquisa.

Palavras-Chave: “jeitinho brasileiro”; “gambiarra”; malandragem; mediação; margem.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the social mechanism called "jeitinho brasileiro" and also how its reconfiguration occurs nowadays. To achieve this goal, it will be done, primarily, the analysis of the program *O Bom Jeitinho Brasileiro*, especially the third season exhibited in 2008 by Canal Futura. It is sought to investigate how the program seeks to evidence the positive character of the term "jeitinho brasileiro", analyzing its techniques and strategies by the use of *Modo de Endereçamento* methodology. In addition, it will be discussed the terms and contexts associated with the "jeitinho brasileiro" through some theoretical propositions such as: national character, favor, corruption, "malandragem", "favela", margins, "gambiarra", mediators, so that the reconfiguration process of the "jeitinho brasileiro" can be the central base of this research.

Keywords: "jeitinho brasileiro"; "gambiarra"; malandragem; mediation; margins.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – MAPEANDO O <i>JEITINHO BRASILEIRO</i>	15
2- ENDEREÇANDO E ANALISANDO O BOM JEITINHO BRASILEIRO	39
2.1 – Pressupostos teóricos e metodológicos	39
2.2 – <i>O Bom Jeitinho Brasileiro</i>	42
2.2.1 – Contexto Comunicativo	42
2.2.2 – O Mediador	44
2.2.3 – Organização Temática	45
2.2.4 – Os episódios	47
2.2.5 - Entrecruzando os “jeitinhos”	64
3 – RECONFIGURANDO O JEITINHO: GAMBIARRAS EM CENA	69
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

A televisão sempre teve uma aura mágica e hipnotizante para mim. Desde a minha infância, me lembro de passar horas diárias em frente aquele aparelho que me apresentava lugares e realidades tão distantes, mas ao mesmo tempo me fazia sentir tão próxima daquilo que estava sendo veiculado. Com o passar do tempo, as horas em frente à TV foram diminuindo, mas o fascínio ainda se fazia presente.

A adolescência veio trazendo uma mudança nos produtos visuais que eu consumia. Os programas de auditório e desenhos animados deram lugar às séries e filmes, principalmente os documentários. A proximidade que os documentários têm com a realidade sempre me deu a sensação de estar diante de uma obra única, original. É evidente que os documentários não apresentam a realidade em si, mas sim uma representação, um ponto de vista dentre muitos que poderiam estar ali sendo mostrados. E entre os documentários, aqueles que mais chamam a minha atenção são os que acompanham o dia-a-dia das pessoas, seu cotidiano e nos revelam que há valor na simplicidade. Essa ligação com histórias de indivíduos comuns é um mote presente na minha vida acadêmica desde a graduação.

Ao ingressar no curso de Comunicação Social na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Bahia, cidade que respira cinema graças a seu filho ilustre Glauber Rocha, eu pude me aprofundar mais nas questões teóricas referentes ao audiovisual, através das disciplinas cursadas e também através de diversas mostras de cinema e oficinas que aconteciam na cidade. Já na graduação me interessei por pensar questões relacionadas à identidade nacional e à realidade brasileira. No trabalho de conclusão de curso, começo a caminhada nessa linha, fazendo minha primeira incursão na análise do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*.

Quando resolvi tentar a seleção do mestrado em Cultura e Territorialidades não tive dúvidas ao optar pelo mesmo tema que o da monografia, já que esse assunto se fazia pertinente na linha “Mediações, saberes locais e práticas sociais” do programa. Após ser

aprovada, percebi logo de início, juntamente com meu orientador, que o foco dessa vez deveria ser o “jeitinho brasileiro”, e o programa serviria como objeto de análise para a dissertação. Essa mudança se fez pertinente, dentre outros motivos, não só para a adequação correta na linha de pesquisa selecionada, mas também por uma necessidade de compreender um mecanismo social como o “jeitinho brasileiro” que encontra cada vez mais destaque em vários meios, inclusive na mídia.

Durante as disciplinas do programa, pude entender mais sobre o tema que abordarei nessa dissertação não só através das exposições ocorridas nas aulas sobre o assunto, mas também através dos trabalhos produzidos para as disciplinas. Mesmo sabendo que poderia mudar o tema da dissertação durante o mestrado, assim como muitos colegas fizeram, sempre tive a convicção de que a análise de um mecanismo como o “jeitinho brasileiro” nos dias de hoje seria uma forma de tentar compreender como a nossa sociedade funciona e como essas ações são representadas em diversos meios.

Para compreender o “jeitinho brasileiro” e sua ressignificação ao longo do tempo em diversos meios, principalmente a conotação positiva do termo presente no programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, será necessário buscar respaldo não só em referências teóricas, mas sobretudo, na literatura e na música que refletem tanto os contextos sociais da época em que são produzidas. Para a análise do programa, a metodologia adotada é a denominada *Modo de Endereçamento*, metodologia com pressupostos provenientes dos estudos culturais, que propõe uma análise de programas audiovisuais através de alguns moderadores como *mediador, contexto comunicativo e organização temática*. Partindo do princípio de que os mecanismos sociais estão sempre em processo de mudança, principalmente em seus significados, essa dissertação abrangerá também conceitos como “gambiarra” que, a depender do uso e do contexto, ressignifica o mecanismo do “jeitinho”.

O primeiro capítulo dessa dissertação irá abranger a questão da identidade nacional, com um maior aprofundamento no “jeitinho brasileiro”. Através de exemplos coletados em algumas obras da literatura brasileira e também da música, além de referenciais teóricos, vários temas serão abordados para que possamos entender como o “jeitinho” sendo construído como uma característica da representação do “ser brasileiro”. Primeiramente, serão apresentados dois livros, *Memórias de um sargento de milícia* e *Macunaíma*, com dois

protagonistas marcantes, Leonardo e Macunaíma, carregados de traços de personalidades e atitudes que são considerados até hoje exemplares do caráter nacional brasileiro. Para entender o nacional, não só a ideia de nação será apresentada, mas também a discussão em torno de como a nacionalidade brasileira começou a permear o campo das artes, como no modernismo de Oswald e Mário de Andrade. Além disso, a nação será analisada nesse capítulo através do conceito de *comunidade imaginada*, de Benedict Anderson (1989) e o caráter nacional sob a perspectiva de Dante Moreira Leite (1968).

Juntamente com a questão nacional, o “jeitinho brasileiro” também será abordado nesse capítulo. Para definir o conceito de “jeitinho brasileiro”, Livia Barbosa (2005, p.42) afirma que é difícil distinguir o “jeitinho” de outros mecanismos como a corrupção e o favor, e uma forma de fazer isso é “pensar essas categorias como um continuum”. Nesse continuum, o pólo visto como positivo pela sociedade seria favor, e o negativo a corrupção. Já no pólo neutro, que pode ser visto tanto sob a perspectiva positiva, quanto a negativa, se encontra o “jeitinho”. É baseando-se nessa proposta que a análise do “jeitinho brasileiro” será discutida nessa dissertação.

Outros termos também constantemente confundidos e relacionados com o “jeitinho” serão analisados no capítulo primeiro. O antropólogo Roberto DaMatta é um dos autores utilizados não só para explorar aspectos do “jeitinho”, mas também expressões como o “você sabe com quem está falando?”. A malandragem também terá destaque nesse capítulo na análise do crítico literário, Antônio Cândido, através de seu ensaio *A Dialética da Malandragem*, de 1970, e na discussão de Gilmar Rocha que aborda a questão da malandragem a partir de análises da década de 1970 e do fato do termo ter sido “camuflado de jeitinho” atualmente; além de uma argumentação mais crítica sobre o “jeitinho brasileiro” feita pelo teórico Jessé Souza.

Uma vez apresentadas as particularidades do “jeitinho brasileiro”, o capítulo 2 dessa dissertação irá apresentar uma análise endereçada do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*. Essa série documental teve a consultoria do antropólogo Roberto DaMatta e foi exibida no Canal Futura entre os anos de 2006 e meados de 2012. A temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro* que será mais especificamente analisada nesse trabalho será a terceira, cuja exibição do primeiro episódio aconteceu no dia 8 de outubro de 2008. A opção por essa

temporada se deu pela justificativa de ser a única que tem todos os 15 episódios disponibilizados pelo Canal Futura em seus canais de compartilhamento e também por considerar que a análise de uma das temporadas seria suficiente para as questões dessa pesquisa.

Ao se apropriar da história de um ator social em cada episódio, *O Bom Jeitinho Brasileiro* exalta a positivação do “jeitinho”, mas não deixa de fora o fator exclusão social. O programa busca ressaltar o aspecto “empreendedor” do cidadão, mesmo que esse empreendedorismo seja proporcionado por uma informalidade tão presente em uma sociedade que valoriza o trabalho, mas muitas vezes, não dá as condições necessárias para que esse trabalho seja realizado e valorizado. As construções narrativas desenvolvidas pelo programa, através do discurso e de suas mediações, são questões que devem ser consideradas por se apropriarem de um símbolo da cultura nacional pertinente ao imaginário brasileiro.

Analisar a forma como as mensagens são passadas e todo o processo e contexto social em que elas estão inseridas se faz pertinente em um projeto como esse, pois só assim poderá ser possível entender se o sentido produzido foi articulado na prática para surtir o efeito desejado, e, sobretudo, para complexificar esse estereótipo “jeitinho brasileiro”, naturalizado como característica nacional, colocando-o em questão. Para a realização do projeto proposto, além da pesquisa bibliográfica das questões pertinentes à temática, será feito um estudo de caso de dez episódios da terceira temporada do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, utilizando-se, como já dito, os pressupostos trazidos pelo Modo de Endereçamento. Esse conceito de Modo de Endereçamento foi criado por Itania Gomes (2011) ao observar que mesmo sendo nítida a importância da televisão no Brasil, ainda não foi desenvolvido no país “um método de análise adequado de seus produtos”. Isso negligencia fatores importantes da comunicação e torna as análises generalizadas e superficiais.

O terceiro capítulo trará o “jeitinho brasileiro” atualizado através do termo “gambiarra”. Como veremos, originalmente associada à extensão elétrica, a “gambiarra” hoje pode ser vista sob dois conceitos principais, a resignificação de um material em algo totalmente diferente daquilo para o qual foi inicialmente produzido e a improvisação gerada pelo contexto e estrutura social que o indivíduo está inserido. A análise do contexto em que o indivíduo produtor da “gambiarra” está incluso será feita nesse capítulo ao abordar temas

como favelas, margens, “cultura da sobrevivência”, dentre outros. As “mobilidades laterais”, denominadas por Vera Telles (2012) como mediações entrelaçadas nas fronteiras, frestas das margens sociais, serão o gancho para a discussão de proposições como táticas, em Michel de Certeau (1994), e mediações, abordadas aqui por teóricos como Gilberto Velho (2001) e Jesús Martín- Barbero (1997).

Para além disso, a questão de resistir e re-existir em um ambiente hostilizado e marginalizado como a favela será argumentada sob a discussão crítica de autores como Adriana Facina (2014) e Jessé Souza (2015). Essa resistência será também exemplificada através da análise de algumas letras de músicas compostas por artistas pertencentes às margens, além de textos e sites de escritores e blogueiros que retratam as suas realidades através da escrita que atinge milhares de pessoas graças ao impulso das novas redes sociais. Por fim, outros meios que se apropriam da palavra “gambiarra” serão pesquisados para compreender os diferentes significados que a palavra carrega ultimamente.

Enfim, esta dissertação é fruto de uma necessidade em aprofundar um tema que já venho estudando há alguns anos. Sob uma nova perspectiva, dessa vez tendo como foco o “jeitinho brasileiro” e como objeto de análise o programa “*O Bom Jeitinho Brasileiro*”, esta dissertação visa trazer uma atualização do termo “jeitinho brasileiro”, mostrando como se dá a construção e ressignificação desse mecanismo social na nossa sociedade, tendo a mídia e suas mediações como plano de fundo.

CAPÍTULO 1

MAPEANDO O *JEITINHO BRASILEIRO*

Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apegoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enjoos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

O trecho transcrito acima corresponde a um dos primeiros parágrafos do romance *Memórias de um sargento de milícia*, do escritor Manuel Antônio de Almeida, publicado pela primeira vez em 1850. Esse livro irá nos guiar pela vida de Leonardo, protagonista do que podemos considerar como o primeiro romance malandro da literatura nacional e considerado um legítimo anti-herói, pois durante sua trajetória, além de não salvar ninguém, se mostra um indivíduo com muito mais defeitos que qualidades. Tendo sido escrita durante o final do Romantismo e iniciando o Pré-realismo, a obra apresenta características do Realismo, com

uma linguagem nada rebuscada, mais próxima ao coloquial, e tem como público alvo as camadas populares. Essas características vão de encontro às obras consagradas do Romantismo, como *Iracema*, do José de Alencar, que possui uma preocupação moralizante, além de uma visão ultrasentimentalizada do amor e tem como seu público alvo a camada mais rica da sociedade.

Para pensar o país durante o Segundo Reinado (1840-1889), *Memórias de um sargento de Milícia* se apropria de uma vertente realista, se afastando do romantismo e de toda sua tragédia para adentrar no mundo da comédia e da malandragem. Posteriormente, no século XX, através do desenvolvimento da literatura regionalista e modernista, outras representações das identidades brasileiras foram sendo construídas, como por exemplo, o *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade.

Macunaíma, considerado por muitos o livro mais importante do nacionalismo modernista brasileiro, foi construído, além de outras coisas, através de um extenso aproveitamento da cultura popular que serviu de plano de fundo para a saga desse herói brasileiro. Ao ser publicado, ficou evidente a inovação literária que aquela obra possuía ao trazer uma linguagem diferente, embalada pelo movimento modernista iniciado na década de 1920. Rompendo com o purismo do Romantismo, Mário de Andrade conseguiu misturar a tradição oral com a escrita, o culto com o popular, valorizando o caráter nacional, antes tão criticado.

A crítica Gilda de Mello e Souza, em seu livro *O Tupi e o Alaúde* (1979), compreende *Macunaíma* como “um esforço feito para entender o seu povo e o seu país” (p.29). Tecendo uma rede de ideias que se aproximava de uma *bricolage*, o processo criador da música popular, segundo Gilda, é o local onde Mario de Andrade se baseia para compor o modelo de *Macunaíma*. Para ela,

De certo modo o livro é — como define o seu autor — "a aceitação sem timidez nem vangloria da entidade nacional", concebida por este motivo "permanente e unida", na desgeografização intencional do clima, da flora, da fauna, do homem, da lenda e da tradição histórica (1979, p.34).

Assim como Leonardo, Macunaíma também é entendido como um anti-herói, fato evidenciado inclusive no subtítulo do livro “um herói sem nenhum caráter”. A ambiguidade, não só psicológica como também cultural, existente em ambos protagonistas, é apresentada através de representações que mostram as contradições do caráter brasileiro. Os personagens vivem rodeados de hostilidade, mas acabam driblando as dificuldades muitas vezes através das frestas existentes na sociedade. Os valores nem sempre seguem a ordem sugerida e o leitor se percebe diante da ambivalência dos personagens.

Mário de Andrade, um dos protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922, marcou época por deixar nítido em sua obra toda sua consciência artística, aliada à sua postura como intelectual. Além disso, *Macunaíma* está conectado com o movimento antropofágico dos modernistas, fortemente teorizado e defendido por Oswald de Andrade. O movimento antropofágico brasileiro buscava assimilar outras culturas, mas com a condição de não imitá-las. Seria um abranger de todas as culturas, culminando em uma estruturação de uma cultura com caráter nacional.

Em seu Manifesto Antropófago, Oswald de Andrade produziu uma teoria sem forma, mas que com o tempo pôde ser resgatada pela antropologia não como uma doutrina, mas nas palavras de Amir Geiger e Otávio Velho, “como uma perspectiva ético- esteticamente etnográfica e instrumento crítico- analítico, navalha cuja lâmina forjou- se como liga e moldes únicos” (2000, p.74). Essa teoria proporcionou uma conexão brasileira entre a antropologia e a crítica cultural, sem propagar um complexo de atraso tão comum nos escritos daquela época. O modernismo então apresentou uma abordagem nacionalista a respeito de alguns aspectos da realidade brasileira que só posteriormente foram tratados de uma forma oficial, ou institucionalizada pela academia. Há uma valorização dos elementos primitivos, daquilo visto como “autenticamente brasileiro”, questionando o lugar que as nações modernizantes davam a esses elementos rústicos. Na visão de Geiser e Velho (2000), o fato de o Brasil conter realidades ambíguas não foi interpretado como uma reprovação que poderia levar a uma homogeneização, mas sim, essas dualidades foram modernisticamente pensadas como a própria forma de inserção e contribuição moderna do país. Nesse período, a questão da nação, da nacionalidade brasileira começa a permear não só o campo literário, mas também o campo musical, e a partir da década de 1930, mais significativamente, o campo teórico.

São vários os teóricos que desenvolveram estudos a respeito do conceito de nação. Para Marildo Nercolini (2005), a ideia e o sentido de nação ocupavam um espaço central no pensamento político de Rousseau. Segundo Nercolini (Id. Ibid. p.102-103) “Rousseau afirmava a necessidade de o indivíduo ampliar seus horizontes, abrangendo o que se passava com outras pessoas como parte do seu próprio sentir, percebendo no outro algo de si próprio”. Ou seja, para Rousseau a nação forneceria “o mais poderoso e irrecusável objeto de lealdade a sentimentos ampliados”, possibilitando assim a sobrevivência da sociedade.

Outros teóricos, ainda de acordo com Nercolini, também deram sua contribuição no desenvolvimento do conceito de nação. Hegel trouxe à tona a noção de “espírito de um povo” que seria uma totalidade desenvolvida nas ações e direções de um povo e que se concretizaria, segundo Nercolini, “quando este chega a fruir e a compreender a si como tal”. Já Eric Hobsbawn teoriza a questão da construção da nação moderna com um vínculo essencial desta com os “movimentos nacionalistas conscientes”, como os fundados por Giuseppe Mazzini na Itália, Polônia, Suíça, Alemanha e França, entre 1831 e 1836.

O sentido de nação que hoje conhecemos deve e muito as análises feitas por Benedict Anderson. Em seu livro *Comunidade Imaginada* (1989), Anderson enfatiza a dificuldade de analisar termos como nacionalidade, nacionalismo e nação, esse último definido como um fenômeno. Mesmo evidenciando a dificuldade em conceituar o termo, Anderson (ibid., p.14), inserido em um espírito sócio-antropológico, propõe definir nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana”. O termo *imaginada* é aplicado no conceito sob a justificativa de que nem os membros das menores nações conhecerão todos os seus compatriotas, mesmo que em suas mentes esteja presente a imagem de sua comunhão. A questão da nação imaginada como limitada está vinculada à existência de fronteiras, que apesar de sua abrangência são finitas, além das quais encontram-se outras nações. Já a expressão *soberana* justifica-se, segundo Anderson, “porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído (Id., ibid., p, 15). Por fim, a nação é imaginada porque desconsiderando alguns fatores presentes na sociedade, como desigualdade e exploração, a nação é percebida como uma fraternidade composta por um companheirismo profundo e horizontal.

Na visão de Anderson, historicamente a possibilidade de se imaginar a nação só surgiu quando, e onde, três conceitos culturais básicos deixaram de ter domínio inquestionável sobre o pensamento dos homens. O primeiro era a ideia de que uma determinada língua escrita oferecia acesso privilegiado à verdade ontológica. O segundo era a crença de que a sociedade era naturalmente organizada e torno de e sob centros elevados, como os monarcas, por exemplo, que estavam naquela posição de distinção em relação aos outros seres humanos por algum “arranjo divino”. Em terceiro lugar estaria a concepção de temporalidade em que a cosmologia e a história não se distinguem, sendo essencialmente idênticas as origens do mundo e dos homens.

No contexto brasileiro, a preocupação em definir o Brasil como nação e o brasileiro como povo tem sido um tema recorrente no pensamento intelectual desde o início do século XIX. Roberto DaMatta, antropólogo brasileiro reconhecido por sua obra acerca de uma antropologia da sociedade nacional, percebe a nação brasileira como uma entidade simbólica que, longe de ser algo simples de se interpretar, se traduz em questionamentos que levam a diversas reflexões. A sociedade brasileira se organiza, para o autor, em torno de um quadro de valores (tradicionalistas, hierárquicos, pessoais) que se diferem àquele associado ao individualismo das nações modernas. Amir Geiger e Otávio Velho (2000, p.69) fazem uma crítica à condenação usual da nossa “vocação periférica” em contraponto com as nações modernas e propõem uma possibilidade transmoderna de “o nosso atraso valer como uma crítica às pretensões generalizantes da modernidade individualista ocidental, de que o Estado-nação é elemento”. A nação é vista assim como algo complexo no que se refere a sua realidade e conceito, ao mesmo tempo em que se apresenta híbrida ao articular os valores presentes nas sociedades periféricas ao individualismo característico das nações modernas. Sendo assim, parafraseando alguns pós-culturalistas, a nação é sempre contaminação.

No livro “O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia” (1968), Dante Moreira Leite discute a ideologia do caráter nacional brasileiro através de uma análise dos escritos sobre o Brasil produzidos pela cultura letrada desde o século XVI até o século XX, estruturando assim as origens e o perfil desse caráter nacional. Apoiando-se nos estudos de Karl Marx, Leite valoriza a questão socioeconômica apontando que esses aspectos socioeconômicos influenciam a cultura de um povo, além de se identificar mais com o enfoque da luta de classe dentro da sociedade do que com o mito da homogeneidade nacional.

Para Leite, o nacionalismo começou na América através dos movimentos de emancipação das colônias e, com a importação de algumas ideias nacionalistas européias, foram construídos alguns mitos e símbolos que reforçaram o sentimento nacionalista. A exaltação de suas qualidades foi uma grande característica que o autor identificou na origem do nacionalismo entre um povo. Essa particularidade pode ser observada nas obras inseridas no contexto do modernismo, principalmente nos textos de Oswald e Mario de Andrade. Dentre os tipos de nacionalismo, Leite destaca dois principais, o nacionalismo doentio/expansionista e o nacionalismo saudável. Como exemplo do doentio/expansionista, está o nazismo que é um nacionalismo que destrói outros povos, já o saudável tem como exemplo o nacionalismo sul americano que de alguma forma tenta se defender do imperialismo de outros povos.

Ao analisar o caráter nacional brasileiro através de algumas obras literárias de diferentes períodos, Dante Moreira Leite inicia sua pesquisa a partir do romantismo. Para ele, o romantismo brasileiro tem como base três pilares: a exaltação da natureza, o indianismo e o idioma nacional. Percebe-se aqui que o romantismo não rompeu completamente com seus antecessores do realismo de onde mantiveram o sentimento nativista e a admiração pela natureza. Mais do que isso, para Leite o romantismo foi marcado “de entusiasmo pela vida nacional, de confiança no futuro do jovem país, de celebração de sua natureza, de elogios à inspiração de seus jovens poetas” (2002, p.219). Para os escritores Aléxia Franco, João Silva e Maria Pina, Leite critica a ideia de que “há um caráter nacional determinado por fatores raciais, culturais ou religiosos que justifica o subdesenvolvimento do Brasil” (2006, p.11). Ao invés disso, “Leite defende que a dominação de um país pelo outro é um processo político, econômico e social constituído pelos países capitalistas centrais e, por isso, pode ser modificado (Id., Ibid.).

Por fim, Leite não defende o isolamento das culturas, mas sim um desenvolvimento cultural onde o contato com outras culturas estimule a curiosidade e a criação de um povo, sugerindo então a construção de um nacionalismo que não destrua as particularidades de uma nação e incentive a convivência com outros nacionalismos sem que haja relações hierárquicas entre eles.

Há diversos fatores que respondem à questão do porquê o “jeitinho brasileiro” ser um alvo de estudo paradigmático da nossa identidade nacional. ”Sintetizando os nossos múltiplos lados, ele promove, dependendo de onde o utilizo, homogeneizações positivas e negativas de nosso universo social, sem nunca impor escolhas excludentes e definitivas” (BARBOSA, 2005, p.174). O “jeitinho”, muito pelo contrário, sempre promove opções parciais, que podem ser desfeitas a qualquer momento.

É importante para o trabalho diferenciarmos os conceitos “jeito” de “jeitinho”. Fernanda Borges (2006, p57-58) entende o “jeito” como um processo cognitivo, e o “jeitinho”, como o modo pelo qual esse processo é afirmado na cultura brasileira. Ou seja, podemos enxergar o “jeito” como “jeitinho brasileiro” através de uma análise singularizada do termo. De acordo com a autora, “o ‘jeitinho brasileiro’ pode ser entendido como uma afirmação da radicalidade do ‘jeito’ e envolve, (...) um projeto de cultura e uma filosofia do ‘jeito’”. Para ela, “embora o ‘jeito’ do corpo e seu envolvimento com os fenômenos da consciência sejam característica de todos os homens, parece que no Brasil atribuímos um peso especial a esse mecanismo, que é valorizado e reconhecido como uma característica do nosso modo de ser em sociedade”. Essa característica torna-se importante para os brasileiros porque nas palavras de Livia Barbosa, “nada é mais importante para a sociedade brasileira moderna, individualista, do que temperar toda a impessoalidade do mundo político, econômico e empresarial como uma boa dose de intimidade” (Id., *ibid.*, p.123).

Devido a toda formalidade existente em alguns setores do Estado brasileiro, a população teria, de acordo com Borges (2006, p.78-79), passado a exercer o “jeitinho” como “uma maneira marota de desrespeitar a extrema formalidade em respeito a valores maiores”. Valores maiores que podem ser compreendidos como necessidades urgentes que surgem sem nenhum aviso. Ainda sobre a situação em que se encontra o “jeitinho”, a autora detalha que essa situação poderia ser entendida como capaz de despertar a consciência por meio do imprevisível, exigindo atitude e retomada de posição. Essa atitude, de acordo com a mesma autora, só terá resultado se as pessoas não tiverem como objetivo uma igualdade no quesito atitude, mas sim, forem capazes de notar forças circunstanciais na emergência de situações específicas nas quais seria possível identificar a vulnerabilidade da condição humana.

Ainda sobre o exercício da lei perante os cidadãos, Fernanda Borges recorre ao escritor Contardo Calligaris para desenvolver uma concepção de “jeitinho” no sentido de esperança e fracasso. Para ele, “sua nobreza tem que ser considerada numa estrutura onde a origem da lei aparece como uma prepotência escravizante, e o ato nas margens é o lugar onde se espera uma dignidade de sujeito” (CALLIGARIS *apud* BORGES, 2006, p.79). Desse ponto de vista, o “jeitinho” se distancia do símbolo de subdesenvolvimento e passa a ser um símbolo de esperança para aqueles que sofrem com a rigidez das leis nacionais.

Mas essa atitude de burlar a lei torna o “jeitinho” apenas como “uma espécie de ‘tapa-buraco’ que resolve a situação enquanto uma solução mais definitiva se realiza” (BORGES, 2006, p.79). Esse ponto de vista é uma concepção que entende que o “jeitinho” desapareceria assim que nossos problemas fossem resolvidos. Para esclarecer sobre esse equívoco, Fernanda Borges (2008, p.80) discorre:

O “jeitinho” não é uma solução paliativa, mas um procedimento que mobiliza valores com os quais é possível pensar numa concepção própria de homem e na sua relação com a natureza e a sociedade. O “jeitinho” não corresponde a um costume inconseqüente ou a um desvio cultural que desaparecerá com o “desenvolvimento” econômico ou histórico. Trata-se de um procedimento apoiado em um processo cognitivo, que é o “jeito” do corpo, característico de todos os homens, e que na cultura brasileira se afirma na aceitação da capacidade de articular uma regra geral abstrata e universal com a solidariedade das relações pessoais.

Mesmo estando há muito tempo presente no campo das representações, o “jeitinho” brasileiro é recente em nossa identidade nacional. Para Livia Barbosa (2005, p.178):

Se levarmos em conta apenas os seus aspectos morfológicos, o “jeitinho” pode até ser eterno no nosso contexto social. Mas, se nos ativermos ao conteúdo que as pessoas lhe atribuem e ao valor social que lhe conferem atualmente, verificaremos que a sua existência é bem mais recente do que imaginaríamos. E mais, encontra-se ligado a uma constelação de valores específicos que lhe conferiu o valor que possui atualmente.

Não há uma data precisa para o surgimento da expressão “jeitinho”. Livia Barbosa, durante sua pesquisa sobre o “jeitinho”, descobriu que o primeiro registro escrito da expressão ocorreu em 1943 na obra de Lysias Rodrigues, *Roteiro do Tocantins*. Já nos jornais, os primeiros registros datam de 1969, no diário de Goiânia *O Popular*. É salientado pela autora que nesse momento, as expressões encontradas são “dar um jeitinho” ou “jeitinho”, mas não,

especificamente “jeitinho brasileiro”. Apenas em 1974 a expressão “jeitinho brasileiro” foi utilizada pela primeira vez em material impresso, segundo pesquisa feita pela autora, e destacada na seguinte frase:

O adorável “jeitinho” bem brasileiro que nenhum povo do mundo teve a felicidade de enquadrar nos seus costumes e práticas atuou de maneira diversa através dos tempos, substituindo, na medida das conveniências e conforme o paladar, as velhas praxes para os fins propostos. (J, Rosa *apud* Barbosa, 2005, p.180).

Dentre os autores estudiosos da identidade nacional, e mais especificamente sobre o “jeitinho brasileiro”, o nome do antropólogo Roberto DaMatta se destaca. DaMatta, no prefácio do livro de Livia Barbosa, cita que

O “jeitinho” surge na realidade de algumas implicações sociológicas como uma instituição de pleno direito, e como um instrumento que ajuda a navegar o oceano turbulento do cotidiano brasileiro, um dia-a-dia arcado pelo inferno das incoerências entre as leis explícitas, escritas, discutidas, formalizadas em códigos bem elaborados e frequentemente muito duros; e as práticas sociais, que jamais são vistas como relevantes (DAMATTA, *apud* BARBOSA, 2005, p. xxi).

Classificar uma ação como “jeitinho brasileiro” faz com que se instaure uma homogeneização cultural, a partir da qual definimos como pertencente a todos os membros de uma nação. Essa atitude tende a ocasionar uma anulação da diversidade da cultura nacional, propiciando o surgimento de uma representação que busca homogeneizar a identidade brasileira, dentro dos parâmetros amplamente desenvolvidos por Benedict Anderson (1989), ao refletir sobre o caráter de invenção/criação da nação como comunidades imaginadas. Anderson alerta para a importância de desconsiderar fatores como desigualdade e exploração, que existem em qualquer nação, assim como desconsiderar as muitas diferenças aí presentes para que haja essa sensação de fraternidade e companheirismo profundo e horizontal de “todos como um”.

Sustentando esse argumento de Anderson, Barbosa interpreta o “jeitinho brasileiro” na figura de um recurso onde a sociedade brasileira estabelece uma igualdade, que podemos entender como imaginada, que desconhece desigualdades sociais e aparatos legais, e busca se concentrar exclusivamente nas desigualdades situacionais. Ou seja, o “jeitinho” não objetiva

um acesso de todos aos bens materiais e nem um tratamento igualitário por parte de algumas instituições, apontando para uma concepção de um cidadão brasileiro definido por um sistema moral. Apesar de concordar com o problema da homogeneização proposta por Anderson, Barbosa faz uma justificativa onde afirma que devemos considerar os contextos. Segundo a autora:

Quando nos referimos ao “jeitinho brasileiro” como um elemento de identidade social, não significa dizer que acreditamos que ele simbolize a totalidade da sociedade brasileira em todas as suas expressões, nem que expresse o comportamento “típico” do brasileiro e, muito menos, que essa forma da ação social possua uma “essência” exclusivamente nossa. Significa, apenas, que em determinados contextos ele sintetiza um conjunto de relações e procedimentos que os brasileiros “percebem” como sendo deles. E que essa totalidade expressa na categoria brasileiro só se mantém intacta a uma certa distância de um determinado ponto específico. Ela se segmenta à medida que nos aproximamos demasiadamente e tentamos estabelecer uma relação unívoca entre os brasileiros do “jeitinho” e os brasileiros que perfazem do ponto de vista empírico a população da unidade geográfica e política denominada Brasil (BARBOSA, 2005, p. 165- 166).

Jessé Souza ao abordar a origem de uma concepção que tenderia a pensar de forma homogênea a sociedade brasileira, atribui a gênese dessa questão a Gilberto Freyre que, segundo ele, “é o pai- fundador da concepção dominante de como o brasileiro se percebe no senso comum” (SOUZA, 2015, p.31). Reforçando essa ideia, Souza concede a Sergio Buarque de Holanda, pai-fundador das ciências sociais brasileiras do século XX, a chancela de ter a autoridade científica para ser o autor da forma dominante de como a sociedade brasileira se compreende até hoje.

Em *O que faz o brasil, Brasil?*, DaMatta (1986, p.64), discípulo confesso de Sérgio Buarque, propõe uma tese onde afirma que “o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais”. É nesse embate entre pessoa x indivíduo que surgem as brechas onde mecanismos como “favor”, “jeitinho”, e “Você sabe com quem está falando?” entram em cena. Para sintetizar esse pensamento, DaMatta apresenta como resultado desse embate um “sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o

indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema) ” (Id., Ibid.). Esse dualismo ligado à noção de indivíduo e pessoa foi desenvolvido pelos estudos de DaMatta durante as décadas de 1980 e 1990, acrescido de outros dualismos também como a casa e a rua, o carnaval e as festas da ordem, por exemplo.

Observa-se que o indivíduo estaria atrelado a uma identidade de um sujeito que vive sob as leis universais. O termo universal, nesse sentido, está ligado ao fator modernizador correspondente aos países desenvolvidos, onde se encontram as sociedades centrais. Em contraponto, a pessoa é aquela que permite-se usar das relações pessoais, onde as particularidades se sobrepõem à universalidade. É o fator particular representando as sociedades periféricas.

Como mecanismo, o “jeitinho” teria o poder de transformar o indivíduo em pessoa, no sentido de fazer com que o ser humano tenha a capacidade de se colocar no lugar do outro, igualando-se ao outro. Essa disponibilidade revela que “algumas forças foram identificadas, destacadas, enfatizadas, valorizadas e assumidas como próprias, correspondendo ao ‘jeito’ do corpo transformado em característica cultural” (BORGES,2006, p.58).

Além de transformar o elemento sociedade em humanidade, o “jeitinho” também se transforma em uma “identidade-símbolo” que reúne em si todo um modo de perceber o país e os brasileiros. Esse “jeitinho” privilegia os aspectos pessoais em detrimento daqueles caracterizados como institucionais. É a pessoa superando o indivíduo, aqui como um representante da lei. Sobre esses aspectos, Livia Barbosa explana:

Para essa vertente, o “jeitinho” encarna o nosso espírito cordial, conciliador, alegre, simpático, caloroso, humano, etc. Justamente os aspectos que são contrastados com os países anglo-saxões que nos fornecem uma leitura deles como frios, rígidos, quadrados, etc. Nesse contexto, nossa identidade histórica é manipulada de forma bastante positiva, pois a “nossa mistura racial”, o nosso clima, a maneira de o “português lidar com as outras etnias” são cogitados como uma das muitas causas possíveis desse nosso modo de ser. Nesse sentido, o “jeitinho brasileiro” promoveu uma homogeneização positiva, anulando toda a nossa diversidade interna a partir da ênfase de determinadas “qualidades” do povo (BARBOSA, 2005, 171).

Jessé (2015, p.29) refuta essa questão de privilegiar os aspectos pessoais, pois, para ele isso busca apenas “justificar uma suposta singularidade cultural e social pré-moderna entre nós”. Para esse autor, está nessa pré-modernidade o núcleo de noções como o “jeitinho” e o “favor”. A hierarquia comandada pelo “capital social de relações pessoais” seria uma justificativa para o personalismo, aqui entendido como as relações de favor/apadrinhamento, tão conhecido em terras brasileiras.

Barbosa também apresenta uma visão que concorda com o ponto de vista de Jessé Souza. A autora confirma que muitos críticos agregam uma conotação negativa para esse tipo de abordagem apoiada no personalismo, pois baseiam suas opiniões em fatores como desempenho econômico e político do país, ou seja, aspectos ligados ao patrimonialismo. A respeito dessa visão negativa, entende-se que

Paralelamente à visão positiva do país e do povo, constrói-se no interior do mesmo campo discursivo uma outra, caracterizada pela negatividade com que o país e o povo são apropriados. Nela se observa, de forma clara, a construção de uma identidade social negativa, pois os padrões de avaliação do grupo não nascem de seu interior, mas são impostos de fora. No nosso caso, isso significa que a leitura oferecida do Brasil como país e da sociedade e do povo brasileiro está focalizada, exclusivamente, no desempenho da economia e das instituições políticas e sociais, modeladas a partir dos parâmetros dos países desenvolvidos, realizando-se um contraste permanente entre nós e “lá fora” (BARBOSA, 2005, p. 172).

As definições da expressão “jeitinho brasileiro” são encontradas em diversas obras, escritas em diferentes momentos, que possuem alguns aspectos em comum, mas algumas singularidades. Ainda segundo Barbosa (Id., Ibid., p.41):

(...) o “jeitinho” é sempre uma forma “especial” de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma e burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, para que uma determinada situação seja considerada “jeito”, necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessário uma maneira especial, isto é, eficiente e rápida, para tratar do “problema”. Não serve qualquer estratégia. A que for adotada tem de produzir os resultados desejados a curtíssimo prazo. E mais, a não ser estas qualificações, nenhuma outra se faz necessária para se caracterizar o “jeito”. Não importa que a solução encontrada seja definitiva ou não, ideal ou provisória, legal ou ilegal.

Tendo sido orientada por Roberto DaMatta durante o processo de produção de sua tese de doutorado que originou o livro sobre o “jeitinho”, é perceptível a continuação do pensamento do autor em sua linha de pensamento. DaMatta, dentre algumas definições de “jeitinho” existentes em suas obras, exemplifica essa conceituação de “jeitinho” desenvolvida por Barbosa, ao interpretar o “jeito” como um modo ou estilo de realizar alguma ação, esse pesquisador da brasilidade o define da seguinte maneira:

(...) um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos — ou no caso — de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambigüidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o “jeito” é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando. O processo é simples e até mesmo tocante. (DAMATTA, 1986, p.83).

O “jeitinho” passa a ser visto então como uma forma de representação social que define e singulariza o brasileiro. Para alguns, está ligado à nossa ancestralidade, nossa colonização portuguesa. Para outros, está ligado a fatores como o subdesenvolvimento, em que as pessoas precisam “se virar” mais arduamente do que em países desenvolvidos, onde as posturas moral e política são menos fluidas, com menos intersecções. Há também aqueles que afirmam que o “jeitinho” está ligado à visão de mundo, ele faz parte da natureza humana no que toca a seus aspectos éticos e morais de ajuda ao próximo, de ajuda mútua, portanto desde que o mundo é mundo. Dentre esses aspectos, a meu ver, o mais criticável é o que transforma o fator colonização em algo crucial para o desenvolvimento do “jeitinho” no Brasil. Subestimar a questão estrutural da sociedade como aspecto importante na perpetuação de um mecanismo de navegação é tornar superficial a percepção da própria realidade social.

Também fazendo um contraponto a essa vertente culturalista, Jessé Souza produz uma análise que tem como um de seus focos o questionamento de algumas interpretações sobre o Brasil baseadas principalmente nos hábitos e costumes do povo brasileiro. O teórico propõe uma reinterpretação alternativa do dilema brasileiro em seu livro “*A modernização seletiva*”. Para ele, “valores não se transplantam como a roupa do corpo. Isso equivaleria a um idealismo culturalista no mau sentido desse termo. Valores dependem de condições propícias

de institucionalização para adquirirem eficácia social” (SOUZA, 2000, p.253). Ainda reforçando esse argumento, Jessé analisa que

“Desvinculada de uma teoria da estratificação social que explique como e por que precisamente esses valores e não outros lograram se institucionalizar, toda a temática da relação com valores se torna externa e indeterminada. Valores passam a ser concebidos como alguma coisa que existe independentemente de sua institucionalização, agindo de forma misteriosa sobre indivíduos e espaços sociais” (SOUZA, 2015, p.80-81).

No estudo de Livia Barbosa (2005), é válido apontar que a análise do “jeitinho brasileiro” como elemento pertencente à identidade nacional não objetiva identificar as causas sociais, políticas ou econômicas que deram margem ao aparecimento desse procedimento social. O interesse do estudo é saber o que esse elemento nacional significa, quando e como ele é utilizado, e como esse sistema funciona em termos de valor. Partindo desse pressuposto, seria justo chamar a análise da autora sobre o “jeitinho” de uma análise restrita, ou até mesmo direcionada. Da mesma forma se dá a análise do Roberto DaMatta a respeito de diversos aspectos da identidade nacional, como o favor, a malandragem e o “jeitinho”. Principalmente no livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, o autor deixa claro que seu objetivo é entender o dilema brasileiro tendo como foco rituais e personagens, não necessariamente as estruturas sociais. Entretanto, essas análises direcionadas se tornam alvos de críticas pela sua visão reducionista por não levarem em conta aspectos importantes como classes e desigualdades, que, querendo ou não, exercem grande influência na sociedade e suas ramificações.

Ainda existem aqueles teóricos que definem o “jeitinho” como um produto das condições históricas nacionais, reflexo de todo processo sofrido pelo país. Para Livia Barbosa (2005, p.34), eles “baseiam-se em aspectos históricos mal definidos, como dogmatismo católico, tradição de corrupção da corte portuguesa, educação generalizantes dos jesuítas”. Outra característica dessa análise histórica é perspectiva evolucionista. O “jeitinho” é tratado nessa perspectiva como um sintoma de sobrevivência de estágios de subdesenvolvimento econômico e social que os eventos da modernidade e do progresso tratarão de dissipar. Jessé critica essa concepção histórica pautado na sociedade escravocrata brasileira. Para ele, faz toda diferença a vida em uma sociedade escravocrata com era a brasileira, e uma não escravocrata, como era Portugal. No Brasil, onde a escravidão era uma instituição que pautava

a vida de todos, incluindo os não escravos, “é um absurdo científico admitir que houvesse uma continuação de Portugal no Brasil” (SOUZA, 2015, p.41).

Com Gilberto Freyre construindo uma ideia positiva de Brasil em *Casa-grande & Senzala*, 1933, e sistematizando-a de modo a convencer uma quantidade considerável de pessoas, a miscigenação passou a ser vista como algo positivo da nossa sociedade. Por associação espontânea, nas palavras de Jessé Souza, ideias como “calor humano”, hospitalidade, sensualidade e cordialidade, se tornaram “patrimônio afetivo de todo brasileiro, produzindo uma solidariedade nacional”. Essa associação também se deu pelo fato de o Governo Vargas ter uma política com um viés modernizador, onde a “unidade nacional” se fazia importante para sua implantação. Freyre permitiu através de sua análise o surgimento do “orgulho brasileiro”, que até hoje pode ser percebido, inclusive em forma de música entoada em eventos esportivos, como jogos da seleção brasileira de futebol.

Outro autor que irá analisar a questão do “jeitinho brasileiro” será o Alberto Guerreiro Ramos. Ele classifica o “jeitinho” como uma característica central da sociedade brasileira, mas não como um mero atributo do caráter nacional. Para o autor, o “jeitinho” não é algo exclusivo brasileiro, ele é comum a vários países latino-americanos que possuem uma mesma raiz denominada formalismo. O formalismo para ele é “essa característica dos países latino-americanos pode ser definida como a discrepância existente entre as nossas instituições sociais, políticas e jurídicas e as nossas práticas sociais” (RAMOS, 1966 *apud* BARBOSA, 2005, p.14). Livia Barbosa refuta essa afirmação de Alberto Ramos ao salientar que “o ‘jeitinho’ não está ligado a estruturas arcaicas, pré-industriais etc. É afeito aos domínios urbanos, impessoais, em que impera a representação da racionalidade e da igualdade”. O “jeitinho” teria sua origem “justamente no encontro da regra impessoal com a personalidade do sistema” (Id., *Ibid.*, p.16).

Nesse sentido, podemos ver o “jeitinho” não só como um elemento da identidade nacional, mas sim como um mecanismo de navegação social utilizado pelos brasileiros em situações que consideram necessárias. É sobre essa realidade que Barbosa opina:

(...) o “jeitinho” continua sendo aquele ponto nodal em uma rede de significados que nos remetem para estratégias de como se lidar com o fluxo da vida cotidiana que nós, brasileiros, qualificamos em certas circunstâncias como positivas ou negativas, ou seja, aquelas

situações que nos deixam orgulhosos e ao mesmo tempo zangados com o nosso país e nação (Id., Ibid., p. X).

Resumindo, o “jeitinho” é caracterizado por uma situação na qual uma regra instituída como universalmente válida é desprezada em favor de urgências circunstanciais e afetivas. Ele não pode ser confundido com o termo corrupção ou com o fator “levar vantagem sobre alguém”, afinal, é uma atitude que está de acordo com as relações interpessoais existentes na sociedade brasileira.

Livia Barbosa, diferente de alguns autores que definem o “jeitinho” de uma forma substantiva, afirma que o “jeitinho” estaria associado a fenômenos como o favor e a corrupção. Isso não significa que eles possam ser confundidos, mas sim, vistos como um continuum, em que, no qual no pólo positivo estaria o favor, no pólo negativo, a corrupção e na posição intermediária, o “jeitinho”. De acordo com a autora, à medida que se avolumam os escândalos políticos, a tendência é identificar o “jeitinho” com corrupção.

Para DaMatta, o Brasil teria uma legislação regulamentada no “não pode”. O “não” seria a palavra que submete o cidadão ao Estado, usada de forma geral e constante. Para esse autor,

Assim, entre o “pode” e o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antológico, mas singularmente brasileiro, a junção do “pode” com o “não pode”. Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de “jeitinhos” e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social (DAMATTA, 1986, p. 82).

Nota- se que a burocracia é o elemento em que na maioria das vezes, o mecanismo do “jeitinho” é acionado para ser utilizado. A rigidez do sistema burocrático do país é o principal motivo para que isso ocorra. Não é difícil encontrar relatos sobre os empecilhos que o Estado produz, ao invés de ter uma atuação apenas como mediador dos conflitos de interesse. Isso vira um jogo de desconfiança do Estado com o cidadão, e vice-versa, principalmente sob o viés do patrimonialismo. Esse conceito pode ser entendido aqui como o Estado assumindo o papel do homem cordial, ou seja, na interpretação de Jessé Souza (2015.p.48), “dando tudo aos amigos e reservando aos inimigos a letra dura da Lei”. Essa situação implica em perceber que o indivíduo, aquele que não possui naquele momento as relações sociais necessárias para

ser visto como pessoa, continuará sendo mais um ser não-relacional no meio da massa, pois não houve o reconhecimento do outro.

DaMatta (19997, p.13) destaca a importância desse processo de alteridade, de se reconhecer no outro, em seu livro *A Casa e a Rua*. Ele destaca essa identidade social como algo tão importante que chegou a um ponto onde “o conhecer-se a si mesmo através dos outros deixou os livros de filosofia para se constituir numa busca antropológica orientada”. Como um elemento universalmente conhecido e utilizado pela sociedade brasileira, o “jeito” não distingue classe social e para ser realizado precisa que haja um reconhecimento. Nesse caso, o “jeito”, como categoria social, só irá ocorrer se houver um valor nisso, se essa instituição do “jeito” for utilizada para traduzir uma situação como tal. Portanto, o “jeitinho” adquire esse peso na sociedade brasileira porque as ideias influentes não ficam estagnadas, elas ganham os jornais, os livros, as universidades, o discurso midiático, enfim, as formas como a sociedade se percebe.

Um fator que constantemente vem sendo confundido com o “jeitinho” é o favor. Diferente do favor, o “jeitinho”, segundo Livia Barbosa, não tem um objeto definido, seria inteiramente difuso. Para a autora, “quem dá e quem recebe o “jeitinho” estão sempre em situações iguais, ou seja, qualquer pessoa pode receber a retribuição de um “jeitinho” que não foi concedido por ela. Mas existe também outro fator que distingue esses dois elementos: o grau de conhecimento. Livia Barbosa explica:

Um outro aspecto que singulariza o “jeito” do favor é o grau de conhecimento entre as pessoas envolvidas na situação. Enquanto eu posso pedir um “jeito” a um desconhecido, favor não se pede a qualquer um. Implícita na premissa anterior, existe a ideia de que determinados assuntos e situações requerem confiança por parte de quem pede e, portanto, é necessário conhecer com quem está se tratando (BARBOSA, 2005, p.43).

É fácil perceber que “o jeitinho brasileiro” desconsidera algumas normas, mas também cria condições para o desenvolvimento de potencialidades humanas, de novas habilidades. O “jeitinho” “elege” aqueles valores que serão relevantes para sua efetivação. A maneira de falar é um desses principais fatores, como afirma Borges (Id., Ibid., p.83):

A condição humana é uma condição de “jeito”. E o “jeitinho” afirma essa condição humana de um “jeito” peculiar, ao eleger valores e critérios para dar ou não um “jeitinho”: a maneira de falar, de pedir o

“jeito” é considerada o elemento fundamental para a sua concessão. Tem que ser simpática, cordial, mostrar necessidade ou até mesmo humildade, mas jamais arrogância ou autoritarismo. Tudo pode ser posto a perder se a maneira de falar se mostrar impositiva ou grosseira.

Como pode-se perceber, os fatores mais decisivos para a obtenção do “jeitinho” seriam os individuais. Não depende de status social, dinheiro, mas sim, da maneira de como o “jeitinho” é solicitado. Nesse sentido, o “jeitinho” “é visto como forma alternativa de filiação não à sociedade brasileira, mas à condição humana. Ele funcionaria como um tipo de cidadania invertida, calcada na necessidade de quem precisa, e na compreensão de quem manipula a situação” (BARBOSA, 2005, p.64).

A maneira de falar, juntamente com o fator simpatia, tem uma força que nenhum outro fator possui na execução do “jeitinho”. Livia Barbosa enfatiza que tal força não viria necessariamente da solidez do argumento ou da beleza do discurso, mas sim do conjunto de valores que deixaria entrever. A respeito disso, a autora discorre:

A maneira de falar enfatiza uma relação de igualdade entre os interlocutores que se baseia na equivalência dos elementos envolvidos na questão, pois, se “*hoje sou eu, amanhã pode ser ele*”. E não é só isso: ao envolver pessoas que desconhecem as identidades nacionais uma das outras, todas as desigualdades, que poderiam existir caso elas se conhecessem, ficam suspensas temporariamente, permitindo que a interação se desenrole a partir dos recursos idiossincráticos que os autores apresentam naquela situação. Portanto, o fracasso e o sucesso do “jeitinho” estão diretamente relacionados ao desempenho das pessoas envolvidas na situação (Id., Ibid., p.49).

Apesar de suspensas temporariamente, as desigualdades permanecem ali, adormecidas. Muitas pessoas se acham no direito de se sentir mais importantes que outras devido a classe e a posição social a que pertencem. Essas pessoas utilizam-se do artifício “Você sabe com quem está falando?” para intimidar o outro e assim, conquistar seu objetivo. Para Fernanda Borges (2006, p.62),

O “sabe com quem está falando?” é característico das elites brasileiras mais comprometidas com as relações de favor e lealdade, com base no poder, que não podem ser confundidas com o “jeitinho”. Este envolve características tanto das relações de lealdade, herança da sociedade colonial paternalista, como das relações individuais implantadas no processo de modernização do século XX.

Além disso, a expressão “sabe com quem está falando? ”, para essa mesma autora, ligaria o desrespeito à lei ao desrespeito ao indivíduo, pois alguém impor um suposto direito hierárquico, sustentando uma vantagem pessoal. Essa expressão é um dos principais motivos pelo qual o “jeitinho” não é visto com bons olhos por algumas pessoas, pois elas confundiriam essa expressão como sendo um componente do “jeitinho”, e acabam enxergando o “jeitinho” como vergonhoso e próximo do favor e da corrupção.

Outro autor que desperta a atenção para a expressão “sabe com quem está falando? ” é novamente Roberto DaMatta. Segundo ele,

O “sabe com quem está falando? ”, além de não ser motivo de orgulho para ninguém – dada a carga considerada antipática e pernóstica da expressão – fica escondido de nossa imagem (e auto-imagem) como um modo indesejável de ser brasileiro, pois que revelador do nosso formalismo e da nossa maneira velada (e até hipócrita) de demonstração dos mais violentos preconceitos. (...) Pois o “sabe com quem está falando? ” é a negação do “jeitinho”, da cordialidade, traços sempre tomados para definir o nosso modo de ser, e até mesmo, para marcar o nascimento de nossa literatura (DAMATTA, 1997, p.182).

Frequentemente se associa o “jeitinho brasileiro” com a, com o malandro. Para Livia Barbosa, o malandro por muitos é visto como a personificação do “jeitinho”. Sobre o malandro, Fernanda Borges (2005, p.85) afirma que “existe um relacionamento complexo entre o talento pessoal e as leis que engendram-no caso da malandragem- o uso de histórias pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações”. Esse malandro seria, portanto, um profissional do “jeitinho brasileiro” que tem a habilidade de sobreviver diante das dificuldades.

Complexificando o fator malandragem, em *O que faz do brasil, Brasil?*, DaMatta (1986, p.87) traduz esse mecanismo como

não só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e — também — um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais.

O agir como malandro possui uma área privilegiada de atuação, a zona onde se encontram o prazer e a sensualidade. Área essa, segundo DaMatta, onde o malandro seria aquele que concretizaria a boêmia e a boa vida. Apesar de ter uma imagem mais propriamente ligada ao carioca, é destacado no estudo do DaMatta, o caráter nacional do personagem. É um papel que pode ser exercido por qualquer um, no momento em que a lei possa ser contornada, de um “jeito” discreto. Como não poderia deixar de ser, o autor romantiza um pouco a figura controversa do malandro ao nos igualar ao personagem justificando que assim como o malandro, nós “sempre escolhemos ficar no meio do caminho, juntando, de modo quase sempre humano, a lei, impessoal e impossível, com a amizade e a relação pessoal, que dizem que cada homem é um caso e cada caso deve ser tratado de modo especial” (Id., Ibid., p.88).

Apesar dessa visão positiva do malandro, existe também uma imagem negativa do mesmo. Roberto DaMatta, em seu livro *Carnavais, malandros e heróis*, traça o malandro com um perfil negativo, como “um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho” (1997, p.263). Esse ser deslocado encontra espaço também na discussão teórica de Jessé Souza. Em *A tolice da inteligência brasileira*, Souza, de maneira mais crítica, afirma que essa “classe” é posicionada como estando abaixo da classe trabalhadora brasileira e seria a original detentora do título “classe do jeitinho”, como *ralé*. A questão da honestidade, percebida como rota de fuga de uma classe que está rodeada pela fragilidade e pela pobreza, é apresentada como função vital de figuras paradigmáticas representadas pelos “destinos de bandidos para os meninos, ou do destino de bêbados para os homens adultos, e do destino de prostitutas para as meninas” (2015, p.213).

Complementando essa discussão a respeito da malandragem e do personagem do malandro, ainda se faz pertinente uma análise do tema como a do teórico Antônio Cândido. O crítico literário publicou pela primeira vez na década de 1970 o ensaio *Dialética da Malandragem*, no número oito da revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. A visão dicotômica otimista apresentada pelo autor em seu ensaio sobre *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, foi influenciada pela abordagem culturalista da década de 1930, onde começou a “ser permitido” sentir orgulho de certos aspectos da identidade nacional, porém, segundo André Bueno (2008), “esse otimismo sofreu a crítica impiedosa da atualidade, já que a formação do próprio capitalismo tomou um rumo diferente,

com certeza negativo e sem lugar para o otimismo de fundo cultural” (BUENO *apud* SCHWARZ, 2008, p.48).

Na *Dialética da malandragem*, Antônio Cândido apresenta alguns personagens conhecidos do grande público, a exemplo de Pedro Malasartes e Macunaíma, como pertencentes a uma mesma linhagem em que traços vistos anteriormente como negativos, a exemplo da miscigenação, são agora vantagens que compõe os traços da cultura nacional. Um dos principais motivos para Cândido situar o romance como romance-malandro é a análise primorosa que ele próprio faz do personagem principal, Leonardo. Leonardo é um homem apadrinhado, não precisou sentir o choque da dureza do mundo para se tornar “malandro feito”, já nasceu assim, sendo ele “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil” (CÂNDIDO, 1970, p.71).

Bueno ressalta em seu artigo uma nota de rodapé escrita por Cândido no ensaio sobre a *Dialética*, onde o autor elogia o artigo. *No tempo do rei*, de Walnice Galvão, publicado em 1962. No artigo, Walnice traz à tona aspectos que podemos associar ao malandro vivido por Leonardo, mesmo que a autora não utilize esse termo para defini-lo. São algumas dessas características: *desapego às convenções, vadio-tipo, espírito aventureiro, com gosto pelas mulheres*.

Além disso, a dialética do artigo se apresenta na forma da dualidade vivida pelo Leonardo que transita entre os eixos positivo da ordem e negativo da desordem. O personagem malandro pode ser visto como tal por viver bambeando entre os interstícios da sociedade, mas através de sua astúcia, consegue se desvencilhar do pólo negativo e acaba como herói de sua história. Essa conclusão se dá através da análise de Antônio Cândido a respeito do livro, quando o autor traz à tona que o mote da obra pode ser demonstrado na aceitação do “homem como ele é”, e destacando que o lado do bem e o lado do mal nem sempre estão tão claros e demarcados.

A partir da década de 1970, foram elaboradas outras análises relevantes a respeito da malandragem. Gilmar Rocha, em seu artigo “*Eis o malandro na praça outra vez*”: a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70, chamou o conjunto dessas interpretações,

hoje em dia consideradas clássicas, de “sociologia da malandragem”. Nesse sentido, vale ressaltar esse momento em que o fenômeno social da “cultura da malandragem” se tornou um problema sociológico, segundo o autor, “na medida em que, por meio dela, se buscava compreender a estrutura e a dinâmica da sociedade brasileira” (2006, p.108).

Representando não só o imaginário nacional, mas principalmente o imaginário popular carioca, as vestes que caracterizavam o malandro são fundamentais para entender esse fenômeno. Rocha conseguiu traduzir essas vestes ao enumerar as seguintes peças de roupas e acessórios: terno de linho branco S-120, a camisa de seda, o sapato de duas cores, a navalha no bolso e o chapéu de palha. É possível identificar essas vestes na figura do malandro presente na peça *Ópera do Malandro*, escrita por Chico Buarque de Holanda e cuja primeira montagem data de 1978, além do filme homônimo, lançado em 1985, dirigido por Ruy Guerra e tendo como intérprete do malandro Max Overseas, o ator Edson Celulari.

O fato do culto à malandragem coincidir com o momento político inserido no contexto da ditadura militar brasileira, permitiu que a malandragem fosse utilizada como uma reação à essa censura imposta nesse período, principalmente entre setores intelectualizados com representações contextualizadas nas chamadas “frestas”. Essa representação de vivência nas “frestas” permite enxergar o malandro vivendo em um limite, uma corda bamba entre o legal e o ilegal, entre o permitido e o proibido, ou seja, nas brechas da sociedade.

Outro contexto onde a malandragem se faz presente é na música, particularmente no samba. Para Gilmar Rocha, “a sociologia da música, antes de ver no samba apenas um “discurso malandro” compreende o malandro e a malandragem como performances” (Id, p.112). Sendo assim, o malandro no samba não é aquele quem fala, mas sim um tipo de fala. Para o autor, o discurso social da malandragem “trata-se de um discurso cujo sentido prático, lembrando Foucault, encarna-se no comportamento social e estético do malandro sendo o samba, enquanto arte da ginga, sua melhor expressão cultural e simbólica” (Id. Ibid). Um exemplo de samba que retrata a figura do malandro é a música *Malandro é malandro, Mané é Mané*, do Bezerra da Silva, onde é possível encontrar uma definição de malandro da seguinte forma:

E malandro é malandro e mané é mané

Podes crer que é

E malandro é malandro e mané é mané
 Podes crer que é
 Malandro é o cara que sabe das coisas
 Malandro é aquele que sabe o que quer
 Malandro é o cara que ta com dinheiro
 E não se compara com um Zé mané
 Malandro de fato é um cara maneiro
 E não se amarra em uma mulher só

Essa malandragem descrita nos versos acima e analisada por uma gama de intelectuais brasileiros, que representava um estilo de vida e povoa o nosso imaginário foi, segundo Rocha, “superada pelo progresso e o desenvolvimento da sociedade” (Id. Ibid.). Essa “nova malandragem” agora sobrevive nas frestas, nas brechas, e muitas vezes “camuflada de jeitinho brasileiro”.

O “jeitinho”, reconhecido por seu caráter ambíguo ao situar-se entre o favor, considerado honesto e caracterizado positivamente, e a corrupção atrelada ao discurso da desonestidade e caracterizada negativamente, é o foco principal do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*. Dentro do programa, seu significado positivo, traduzido como *novo jeitinho*, é vinculado ao fator empreendedorismo, o que pode nos levar a uma certa corrente de pensamento, ligado ao neoliberalismo.

Na descrição do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* encontramos a palavra empreendedorismo sendo utilizada como “sinônimo” de termos como *infinita capacidade de improvisação, consagração por trás da informalidade, maneiras diferentes de resolver os mesmos problemas*. Além disso, aos personagens do programa são atribuídos adjetivos como *singular, perseverantes, criativos, realizadores, pessoas comuns e anônimas*.

Ou seja, por trás de uma suposta criatividade inerente ao “ser brasileiro”, o programa mostra que dá para superar as adversidades se você, pessoa comum e anônima, seja lá o que isso queira dizer, for perseverante e possuir um espírito realizador. Afinal, não deve ser à toa o fato de você ser brasileiro e não desistir nunca.

Ironias a parte, esse discurso interligado do fator empreendedor e a criatividade do brasileiro se mostra problemático. Primeiro, quem são essas pessoas adeptas do *novo jeitinho*? Como já citei anteriormente nesse texto, Jessé Souza a elas se refere criticamente como pertencentes a “ralé”, termo que esse autor encontra em Florestan Fernandes e se apropria, interpretando a “ralé” como uma classe que se encontra abaixo da classe trabalhadora¹, onde seus integrantes são aqueles que se encontrariam nas franjas do mercado competitivo. As classes mais privilegiadas, se aproveitam desse “exército de pessoas disponíveis a fazer quase de tudo” (SOUZA, 2015, p.232). No contexto do programa, esse *quase de tudo* são os famosos bicos. Uma varanda de casa que vira salão de beleza nos finais de semana, o trabalhador que ajuda o vizinho a carregar a mudança, o aposentado que recicla peças usadas de computador, são exemplos desse tipo de trabalho.

O que se percebe é que muitas vezes o desempregado, ou o empregado informal, recebe e aceita a alcunha de “empreendedor” para que em país onde a desigualdade social é estarrecedora, essa pessoa tenha, assim, um mínimo de dignidade, mesmo que essa seja socialmente forjada. O discurso meritocrático que fundamenta o programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* na forma do empreendedorismo só enaltece o quanto a meritocracia só existe como falácia em uma sociedade tão desigual quanto à brasileira, onde os privilégios de alguns já estão tão embutidos na sociedade que já não são mais vistos como privilégios, mas sim como algo natural. É preciso estar atento aos discursos, e principalmente observar o que não está dito, mas implícito nos discursos propagados na mídia hegemônica.

¹ Jessé Souza prefere chamar de classe trabalhadora o que a esfera pública brasileira denomina de nova classe média.

CAPÍTULO 2

ENDEREÇANDO E ANALISANDO O *BOM JEITINHO* *BRASILEIRO*

O “jeitinho brasileiro” continua a ser apropriado e ressignificado continuamente. Nesse capítulo a pretensão é analisarmos mais detidamente o programa *Bom jeitinho brasileiro*, uma dessas tentativas de ressignificação. Para isso, estamos nos afiliando aos pressupostos dos Estudos Culturais e, para a análise, especificamente falando, utilizaremos a metodologia de análise proposta pelo “Modo de Endereçamento”.

2.1 Pressupostos teóricos e metodológicos

Durante a década de 1950, surgiu na Inglaterra a teoria dos estudos culturais, que passou a analisar, além dos produtos gerados pelo meio, o contexto em que o conteúdo era absorvido pela sociedade. O receptor, nessa teoria, é entendido como “um ser humano concreto, que possui repertório cultural ao qual recorre quando capta, captura, interpreta e assimila, digerindo-as, mensagens a ele destinadas (POLISTCHUNCK/ TRINTA, 2003, p. 129). Ele tem total influência sobre o que irá absorver daquilo que lhe é enviado, e não apenas assimila tudo que recebe. A exemplo de outras teorias dos anos 70, “os *cultural studies* situam os meios de comunicação no âmago da sociedade, inter-relacionando-os a instituições e a indivíduos” (2003, p. 129).

Raymond Williams, um dos pais fundadores dos Estudos Culturais, afirma o papel fundamental da cultura na construção social. Para ele a cultura é todo um modo de vida e também um campo de luta em torno dos sentidos e significados sociais. Williams (2005, p.223) propõe que vejamos qualquer produção cultural, seja literária, musical, audiovisual, midiática, como uma prática cultural, cujas “formas somente são acessíveis por meio da

percepção e da interpretação ativas”. E que, na análise, busquemos “descobrir a natureza de uma prática e então suas condições”. Ainda complementa afirmando que:

[...] à medida que descobrimos a natureza de uma prática determinada, e a natureza da relação entre um projeto individual e uma modalidade coletiva, vemos que estamos analisando, como duas formas do mesmo processo, tanto sua composição ativa quanto as condições dessa composição, e em ambas as direções trata-se de um complexo de relações extensivas e ativas (Id. Ibid. p.224).

Para muitos pesquisadores, o contexto histórico-cultural e até mesmo a ordem política em que o público se encontra, devem ser analisados. A respeito disso, Ilana Polistchuck e Aluizio Trinta discorrem:

(...) Os *cultural studies* se volveram em direção às relações existentes entre estrutura social, contexto histórico e ação dos meios de comunicação, no intuito de determinar como se dá a “atribuição de sentido” à realidade cotidiana de “práticas sociais partilhadas”. Entendia ser a cultura o conjunto de significados, valores, experiências, hábitos e rotinas, adotados por uma sociedade. A mídia é tida como elemento dinamizador de culturas próprias à sociedade moderna, porque atua em plano simbólico, instituinte. Se uma cultura provê, portanto, um recorte da realidade para atribuir-lhe um ou mais sentidos, então cada grupo social que a integre imprimirá a tal recorte feições próprias, atualizando-as em suas práticas sociais e em seus hábitos de vida. É, aliás, nesse privilegiado foro que se processa a incessante negociação simbólica- por apropriação, rechaço e assimilação- de significados, provenientes do intercâmbio social, a serem convalidados e submetidos a uma partilha (2003, p.131).

Dialogando com os Estudos Culturais e interessado na análise da produção audiovisual, é criado nos anos 80, uma metodologia de análise denominada “Modo de Endereçamento”. De acordo com Itania Gomes, “o conceito de Modo de Endereçamento surge na análise filmica, especialmente aquela vinculada a *screen theory* e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores (2011, p.33) ”. A ênfase é colocada em “como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo que deverá permitir ao analista compreender como essas questões são atualizadas em um produto específico, objeto de análise (Id. Ibid, p.28) ”.

Para a análise do programa “O Bom Jeitinho Brasileiro”, feita na sequência, adotamos uma adaptação dessa metodologia de análise, proposta pela professora Itania Gomes em seu livro “Gêneros televisivos e modos de endereçamento”. Segundo a autora,

(...) adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. Nessa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. Ele permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico (GOMES, 2011, p.36).

Para colocar em prática o conceito metodológico do Modo de Endereçamento, foram criados pela professora Itania Gomes alguns operadores de análise o mediador, o contexto comunicativo e a organização temática. Esses operadores favorecem a articulação dos elementos semióticos aos elementos discursivos, sociais, ideológicos, culturais e propriamente comunicacionais.

Sobre o mediador, Itania Gomes (2011, p.38) afirma que “o apresentador é a figura central, aquela que representa a cara do programa”. O mediador estabelece um vínculo com o telespectador ao longo do programa, demonstrando a sua familiaridade com o tema, construindo uma credibilidade no campo midiático, mesmo já possuindo uma credibilidade fora dele, ajudando o programa a construir sua legitimidade. Outro operador de análise é o contexto comunicativo, que envolve o contexto em que o programa atua. Esse contexto compreende o emissor, o receptor e as circunstâncias em que o processo comunicativo se dá. Por fim, o terceiro operador é a organização temática. A análise nesse contexto baseia-se na abordagem temática e como ela se relaciona com os outros operadores de análise.

A análise proposta pelo Modo de Endereçamento não deve ser feita aleatoriamente, ela precisa seguir alguns critérios, dentre eles, “observar como o programa se inscreve no contexto histórico, técnico, econômico, social, cultural de formação da televisão em uma determinada sociedade e do momento específico em que o programa em questão é transmitido” (Id. Ibid., p.42). Busca uma articulação entre elementos semióticos, discursivos, sociais e propriamente comunicacionais, ou seja, uma análise que faculta a consideração de

um produto midiático a partir de sua vinculação com a história e seu contexto, não abrindo mão da análise concreta e descritiva do programa.

2.2 - *O Bom Jeitinho Brasileiro*

2.2.1 - Contexto Comunicativo

O Canal Futura, de acordo com definição do próprio canal², se descreve como um projeto social de comunicação, de iniciativa privada e de interesse público; nasce e se constrói em parcerias, se mostrando uma TV atrativa e educativa que atua colocando em conexão pessoas, ideias, redes e instituições, através de um trabalho com redes sociais, mobilizando comunidades e instituições sociais. Quando se refere aos princípios e valores do Futura, o documento coloca no mesmo tópico frases como “dar visibilidade à diversidade cultural brasileira, valorizar os modos de viver, pensar e se expressar de nosso povo” e “incentivar a responsabilidade de cada um no seu próprio crescimento e desenvolvimento de seu país”. Ou seja, ao mesmo tempo que o Canal diz valorizar os modos de viver dos brasileiros, ele apresenta um discurso meritocrático que só seria possível de ser aplicado na prática se vivêssemos em uma sociedade igualitária, algo que está longe da realidade brasileira. Além disso, entre os mantenedores do Futura estão instituições como a TV Globo, FIESP e Bradesco, “unidas pelo compromisso de investir socialmente”, mesmo que seja uma mínima porcentagem dos seus altíssimos lucros arrecadados anualmente. Apesar das contradições, não se pode negar que o Futura tem em sua grade programas que retratam temas pertinentes em nossa sociedade, como é o caso de *O Bom Jeitinho Brasileiro*.

Há várias formas de ter acesso ao canal. Ele pode ser assistido nas TVs por assinatura, como a Net (canal 32) e a Sky (canal 8) e também pode ser sintonizada pela antena parabólica. Além disso, o canal chega a vários municípios através de uma rede de TVs universitárias, como a TV UFPB e a TV Unisinos. Estando 24 horas no ar, o Futura possui 83 mil horas de programação, 13 mil programas já exibidos, além de ter um público de 33 milhões de brasileiros que assistem o canal regularmente dentre os 73 milhões que têm

² Esse arquivo foi encontrado no antigo site do Canal Futura, www.futuretec.com.br, que hoje em dia foi extinto juntamente com seus arquivos. A íntegra do texto se encontra no anexo 1 desta dissertação.

acesso ao canal. Em pesquisa³ encomendada ao Instituto Datafolha em dezembro de 2005, o público do Canal Futura tem algumas reações provocadas pelo conteúdo exibido pelo canal que passam por questões como “pensar e refletir sobre um assunto”, “aplicar na vida o que viu e ouviu”, “indicar o Canal para os jovens”, além de “buscar mais informações sobre o tema que assistiu”. Além disso, os temas mais buscados pelos telespectadores no Futura são meio ambiente, direitos humanos, cultura brasileira e educação sexual e prevenção de drogas. O próprio canal contribui para esse tipo de busca ao afirmar⁴ que “cria uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo, sendo um aliado do brasileiro na busca da construção de uma vida melhor”.

O programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* foi exibido durante sete anos (entre 2006 e meados de 2012) na grade do Canal Futura em distintos horários. Com episódios inéditos exibidos à noite, uma vez por semana, era reprisado três vezes durante a semana no horário de cinco horas da manhã e uma hora da tarde. Nos dias em que era exibido o programa, seu horário ficava em uma parte da programação onde passava programas que se atinham a tematizar sobre a identidade nacional, como o programa *Um pé de quê?* apresentado por Regina Casé, que retrata a história de plantas tipicamente brasileiras, e o *Afinando a Língua*, apresentado pelo músico Tony Bellotto, que fala da língua portuguesa através da música. É, portanto, dentro desse contexto de identidade nacional que o canal situa o programa. É importante informar que o programa passou a ser exibido em 2014 no canal a cabo Discovery Civilization, no período vespertino. Na nova emissora, o programa apresentou uma quarta temporada inédita que seguiu a mesma linha das três primeiras exibidas anteriormente no Canal Futura.

Uma das questões que abrange o operador de análise “contexto comunicativo” é “Em que Brasil esse programa é possível?”. Os episódios analisados nessa dissertação fazem parte da terceira temporada do programa “*O Bom Jeitinho Brasileiro*” e foram exibidos pelo Canal no ano de 2008. Neste ano, o Brasil era governado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, que estava em seu segundo mandato (2006-2010). Foi nesse Brasil, governado por um ex-metalúrgico e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores que o programa foi exibido.

³ Essa pesquisa encontra-se no anexo 1 desta dissertação.

⁴ Informação encontrada no Anexo 1 desta dissertação.

Reconhecido oficialmente como partido político em 1982, o PT teve em sua ficha de filiação a assinatura de nomes como Antônio Cândido e Sergio Buarque de Holanda, autores consagrados em seus estudos acerca da identidade nacional. Enfim, “*O Bom Jeitinho Brasileiro*” foi exibido durante o governo de Lula, que criou programas e políticas públicas voltadas para as classes populares e, através delas, conseguiu tirar milhões de brasileiros da zona de pobreza e elevo-os economicamente para o que o então presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Marcelo Neri, denominou como nova classe média, ou classe C. É dentro dessa nova classe média que estão inseridos a maioria dos personagens aqui posteriormente apresentados, salvo algumas exceções.

2.2.2 - O mediador

O mediador e também consultor do programa é Roberto DaMatta, antropólogo, mestre e doutor pela Universidade de Harvard, ensaísta e que tem entre suas obras mais relevantes “*Carnavais, malandros e heróis*” (1979) e “*O que faz o Brasil, Brasil?*” (1984). Atualmente é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e já foi condecorado com vários prêmios e algumas menções honrosas, como a Medalha de Honra ao Mérito, do Ministério da Cultura. A escolha de Roberto DaMatta como apresentador do programa “*O Bom Jeitinho Brasileiro*” mostra a intenção do programa em estabelecer uma conexão do público com os estudos da realidade brasileira, visto que o antropólogo é um reconhecido pesquisador da cultura nacional.

Como apresentador do programa, Roberto DaMatta aparece apenas na abertura de cada episódio, momento em que situa o telespectador sobre a temática específica do episódio em questão. Sempre filmado em primeiro plano, DaMatta mescla sua fala com a de outros personagens para definir o “*jeitinho brasileiro*”. Sua fala se dá de forma calma e coesa, contrastando com a fala das outras pessoas que aparecem em pequenos flashes na abertura. O mediador aparece sentado, gesticulando pouco com as mãos que se encontram apoiadas em uma mesa. A utilização do primeiro plano traz uma proximidade com o telespectador que é imprescindível para conquistar a audiência do mesmo.

Como mediador do programa, Roberto DaMatta pode ter sua atuação observada através da performance cênica, que para Dannilo Oliveira, citando Wilton Garcia “está concebida em atos coordenados pela prática humana, com a qual se estabelecem

conectividades socioculturais entre *performer* (mediador) e observador (audiência) ” (2005 *apud* OLIVEIRA, 2007, p.36). É interessante ressaltar que apesar de ser o único mediador do programa, DaMatta não é a figura mais importante. O programa tem como objetivo levar o telespectador a entender o que leva o personagem de cada episódio a utilizar o “jeitinho brasileiro” de uma forma positiva em sua rotina. O mediador, nesse caso, apenas conduz o receptor a se inserir no contexto do programa e identificar o tema ali abordado.

A figura de Roberto DaMatta traz ao programa uma credibilidade devido a sua já conhecida trajetória de estudo sobre a identidade nacional, principalmente sobre o “jeitinho brasileiro”. DaMatta também é um dos consultores do programa, o que já estabelece uma familiaridade com o produto, facilitando o seu papel de conectar programa e audiência, além disso, o fato de utilizarem uma legenda descrevendo-o como “escritor e antropólogo” também faz com que tudo que seja dito por ele carregue um valor maior pelo seu status de mediador legitimado.

2.2.3 - Organização Temática

O programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* mostra, a cada episódio, o dia a dia de um personagem singular e pretende fazer com que o telespectador descubra, através dessas histórias, que por trás da informalidade, podem ser construídas maneiras diferentes de resolver os mesmos tipos de problemas. Caracterizados no programa como perseverantes, criativos e realizadores, os protagonistas da série poderiam ser encaixados no senso comum criado em torno do brasileiro, aquele que “não desiste nunca”. Essa série flagra a luta diária de pessoas comuns e anônimas para mostrar que é possível fazer a diferença e inventar um novo “jeitinho”.

O programa estrutura-se na forma de um documentário. Os próprios personagens narram suas histórias, muitas vezes falando diretamente para a câmera, e os outros participantes do episódio dão seus depoimentos baseados em perguntas feitas anteriormente pela produção e que irão se encaixar na edição do episódio. Além disso, o ambiente de trabalho dos personagens também tem destaque nos programas por ser o local onde cada personagem mostra o seu “jeitinho”. A forma como o mediador do programa se mostra é

contida. Sentado atrás de uma mesa, com uma camisa polo azul-claro e em um ambiente que aparenta ser um escritório, o mediador se apresenta de forma minimalista, destoando dos ambientes que aparecerão posteriormente nos episódios.

Um outro fator na organização temática do programa é a trilha sonora. Composta apenas de trilha instrumental, o ritmo alterna de acordo com a situação do personagem. Entre um samba acelerado, quando mostra um personagem indo de um trabalho a outro, ou uma melodia mais lenta, quando mostra, por exemplo, um personagem lembrando-se do filho que morreu atingido por uma bala perdida, a trilha dá o tom da edição e busca passar para o receptor a emoção do personagem, aproximando assim, as duas esferas.

Segundo um estudo qualitativo feito pelo Canal Futura no ano de 2006, o programa “*O Bom Jeitinho Brasileiro*” seria um programa agradável, pelo humor, alegria e criatividade dos personagens; envolvente; incentivador para pessoas em situação difícil; incluyente pela valorização da realidade dos segmentos de baixa renda; e que resgata o orgulho de ser brasileiro. Tendo como alvo o público em geral, *O Bom Jeitinho Brasileiro* traz em cada episódio de 26 minutos, em média, a história de um personagem.

O programa começa com uma vinheta de abertura de 45 segundos, em que surge o nome do programa, confeccionado utilizando-se de uma gambiarra, e, logo depois, vem o mediador do programa questionando o que é o “jeitinho brasileiro”. O mediador é identificado através de uma legenda e se encontra em um ambiente fechado que aparenta ser um escritório. Mesclando respostas de pessoas que aparecerão em alguns episódios, o mediador encerra sua fala, sempre em primeiro plano, mostrando ao telespectador o tipo de personagem que ele irá encontrar na série. Essas falas podem ser observadas a seguir:

(PERSONAGEM 1) - O bom jeitinho brasileiro

(MEDIADOR) - Vocês já conhecem o “bom jeitinho brasileiro”.

(PERSONAGEM 2) -A arte da adaptação

(MEDIADOR) Essa maravilhosa experiência de superação, generosidade, de bom humor...

(PERSONAGEM 3) -Chupar cana, assobiar e não borrar o batom.

(MEDIADOR) Mais do que um programa divertido, essas histórias todas trazem uma mensagem muito importante

(PERSONAGEM 4) É uma coisa que a gente chama de “a magia dos invisíveis”, né?

(MEDIADOR) Divirta-se e aprenda com o meu, o seu, o nosso “bom jeitinho brasileiro”.

Após a abertura, o telespectador já é apresentado ao personagem principal daquele episódio através de depoimentos de pessoas próximas a ele. Cada episódio tem dois intervalos, onde podem ser vistos *teasers* de outros programas da emissora e propagandas de projetos sociais ligados aos parceiros do canal. Os dois blocos do programa têm seu tempo dividido em sua maior parte para o primeiro bloco, e o restante para o segundo.

Neste trabalho serão analisados dez episódios da terceira temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, produzidos em 2008. A escolha da temporada se deu pelo motivo de ser a única que possui todos os seus episódios disponíveis no canal do Futura na plataforma de vídeos Youtube. Já a seleção dos dez episódios analisados foi feita de forma a englobar o máximo de diversidade de personagens e “jeitinhos” possíveis, além de buscar episódios que propiciassem uma análise mais rica de conteúdo e gerasse uma reflexão mais completa sobre o que seria “o bom jeitinho brasileiro”.

2.2.4 - Os episódios

Episódio 01- Totonho

Esse episódio conta a história de Carlos Antônio Bezerra da Silva, conhecido pelos apelidos de Bezerra, Gordo, e, “oficialmente”, por Totonho. Natural de Monteiro, no Pará, Totonho tem 42 anos e, dentre suas profissões, cita as de pedagogo, músico e produtor cultural, como pode ser visto em uma espécie de carteira de identidade produzida pelo programa e exibida no início do episódio, narrada pela personagem. Esse início do programa é ambientado na rádio Madame Satã FM, onde Totonho trabalha e tem como música de fundo uma canção da banda “Totonho e os Cabras”, chamada “Tudo para ser feliz”, onde podemos ouvir constantemente o seguinte verso, “Totonho, venha salvar o mundo”. Esse verso pode ser

considerado não apenas uma síntese da representação do personagem, mas também a ideia central desse episódio.

O programa segue acompanhando Totonho, que agora está ao lado de seu amigo Cláudio andando de bicicleta pelo Aterro do Flamengo, lugar próximo de onde Totonho vive, localizado no alto de uma ladeira no bairro da Glória. Durante todo o trajeto do passeio de bicicleta e durante uma pausa que tem como plano de fundo a baía de Guanabara, Totonho reclama da sua falta de tempo, usa expressões do tipo “o satanás botando o pé na frente para eu cair” e é denominado por seu amigo como um “cabra da peste”, expressão muito utilizada no Nordeste e Norte do país, local de nascimento do personagem. Além de conversar com a equipe do programa, demonstrando assim uma informalidade nesse formato de produto televisivo, Totonho olha diretamente para a câmera sem se intimidar e até mesmo demonstrando um certo tipo de prazer em estar sendo o protagonista deste episódio.

Ao contar sua trajetória como músico, Totonho relata que quando criança formou uma banda chamada “Os Renegados”, que teve uma vida curta, pois uma professora contou ao seu pai sobre o nome da banda e seu pai o obrigou a desfazer-se da mesma. Mais de 30 anos depois, o personagem conta que tem uma nova banda chamada “Totonho e Os Cabras”, com a mesma formação da antiga banda. Agora o programa se ambienta na casa de Totonho, que vive de aluguel em um sobrado, propriedade de um amigo e agora vizinho, chamado Paulo, que durante sua fala diz que Totonho, assim como muitos brasileiros, às vezes atrasa o aluguel, o que não o incomoda já que o mesmo também cita a importância de seu inquilino ser super confiável e correto nas coisas que faz, discurso que nos remete ao tema da cordialidade abordado anteriormente nessa dissertação. Outra fala importante de Paulo é quando ele justifica essa inconstância na vida do amigo ao dizer que isso se dá devido ao fato de Totonho ser artista, trabalhar com cultura e com área social, atividades que, de acordo com Paulo, não possuem estabilidade, mesmo destacando que Totonho faz as três muito bem. Além disso, Paulo traduz a relação que a sua família tem com o inquilino Totonho através da palavra *comunidade*. Dentro da análise que Benedict Anderson (2005) traz sobre o termo *comunidade*, podemos inferir que nesse caso a palavra traz um sentido de companheirismo, fraternidade, outros traços presentes no imaginário do que é ser brasileiro.

Totonho fala sobre seu trabalho social enquanto anda pelo Centro do Rio de Janeiro e discorre que deixou há dois anos o serviço na ONG onde passou 15 anos à frente porque chegou uma hora em que o próprio se sentia um alienado por tratar de questões de moradia para outras pessoas enquanto ele mesmo vivia de aluguel. Mais uma vez, o personagem se usa de um ditado popular para exemplificar uma situação ao dizer sorridente, “aquela coisa do avião, né? Se alguma coisa acontecer, põe a máscara primeiro em você e depois na criança”. Outro trabalho de Totonho que é mostrado no episódio é em uma editora de livros didáticos, onde tem um cargo no gabinete de cultura, promovendo eventos de produtos sobre a cultura brasileira. Nesse emprego, seu “chefe” ressalta o fato que Totonho também ocupa na empresa um cargo de analista de conteúdo, mostrando um olhar crítico ao que a grande imprensa fala, levantando os pontos que não são abordados. No final desse take, durante a fala do dono da editora, descobrimos que Totonho não é empregado remunerado e “apenas” apresenta suas ideias que, se concretizadas, aí sim serão trabalhadas em conjunto com ele. Um dos projetos idealizados por Totonho e posto em prática pela editora foi uma revista sobre o Nordeste em que só há reportagens positivas a respeito dessa região.

O final do episódio é ambientado novamente na rádio Madame Satã FM e, dessa vez, somos devidamente apresentados ao Dj Mosca, história e sua ligação com Totonho. Ele o conheceu em 1993 quando morava na rua. Segundo Totonho, esse ano a cidade do Rio de Janeiro foi marcada pela denominada Chacina da Candelária, crime cometido, na madrugada de 23 de julho, por policiais militares contra oito jovens sem-teto (seis deles eram menores de idade) assassinados enquanto dormiam nos arredores da Igreja da Candelária, localizada no centro do Rio. Sobre esse fato, Totonho se disse impactado pela fala do então diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro que afirmou na ocasião: “quando se mata um pivete, é um favor que se faz a humanidade/ sociedade”. Isso fez com que o protagonista desse episódio se engajasse e participasse da fundação de algumas ONGS no Rio de Janeiro, realizando trabalhos nas ruas da cidade. Mosca foi um dos jovens resgatados por Totonho e, influenciado e com a ajuda dele, passou a se interessar pelo rádio e hoje em dia coordena uma rádio comunitária, além de ajudar outras rádios comunitárias da cidade.

Por fim, uma imagem mais suave do personagem é mostrada quando ele aparece cozinhando para um grupo de amigos e dizendo que tudo que sabe na cozinha provém de memórias de criança. Segundo ele, cozinhar é uma terapia, e entre suas especialidades,

encontramos buchada, sarapatel, pratos tipicamente nordestinos e, nas palavras dele, “comidas pesadas, de cabra”. No decorrer do almoço alguns convidados dão suas definições de “jeitinho brasileiro”, dentre elas, “brasileiro topa qualquer parada”, “se tem que fazer, brasileiro não tem crise não”. Algumas músicas são cantadas por Totonho durante o almoço, misturando forró e repente, este, nas suas palavras, seria “mais rápido que a internet, pois já nasceu interativo”. O episódio termina onde começou, na Lapa, bairro conhecido pela alma boêmia e por ser, no imaginário carioca, um reduto dos malandros, como podemos observar na literatura, música, teatro, cinema. Ali Totonho é descrito por um amigo como exemplo de bom “jeitinho brasileiro” por ter vencido na vida e conseguido respeito através da irreverência. Para fechar o programa, Totonho se descreve da seguinte maneira:

 Não sou nem o caminho, nem a verdade, nem a vida

 E aquele que crê em mim não se salvará

 Mas eu sou um homem bom; um exemplar de homem bom e coletivo. Disso ai eu tenho certeza!

Totonho representa nesse episódio um típico exemplar do “bom jeitinho brasileiro”. Mesmo não tendo muitos recursos, arranja tempo de ajudar o próximo. Mesmo não sendo remunerado, não deixa passar a oportunidade de acrescentar uma visão diferente daquela transmitida pela mídia hegemônica quando é solicitado. Mesmo vivendo há tanto tempo na capital, nunca deixou seu lado “cabra da peste” de lado. Termos como cordialidade, irreverência e comunidade são utilizados para descrever o protagonista e suas ações. A cordialidade, tão importante nos trabalhos de grandes teóricos, como Sérgio Buarque de Holanda, continua viva no discurso atual e na representação do caráter brasileiro. Além disso, sendo homônimo do grande Bezerra da Silva, Totonho utiliza-se da malandragem para sobreviver de uma forma irreverente nas frestas da sociedade.

Episódio 02- Zé Ferreira

No episódio 2 somos apresentados ao Zé Ferreira, na certidão José Ferreira da Silva Neto, 53 anos, agricultor agroecológico, proprietário do sítio São José, localizado dentro do

Parque Nacional da Serra da Bocaina, na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Depois de fazer uma imagem panorâmica do sítio, a câmera mostra Zé Ferreira acompanhado de dois dos seus filhos, que fala, justificando a escolha do sítio como local para viver. Afirma que ele e sua família foram parar no sítio porque não tinham como viver em outro local. Ele precisou “dar um jeito” para sobreviver e assim melhorar suas condições de vida, nas palavras dele, isso seria o “jeitinho brasileiro”. Além disso, Zé Ferreira acrescenta que muitos brasileiros são levados a dar esse tipo de “jeitinho”, principalmente os nordestinos, que são “profissionais em fazer isso”. É valorizado no discurso do personagem a questão da sua origem, a questão da fome que ele teve que passar e o esforço que teve que fazer para transformar o sítio naquilo que é hoje. Finalizando a tomada, Zé Ferreira aponta que o “jeitinho brasileiro” é quando você se vira nas circunstâncias que ali existem, e não espera que os outros façam algo por você. Aqui nesse discurso a gente percebe uma clara ligação com a questão de viver às margens, de ter que se virar dentro de um sistema em que você é ignorado pelo Governo e tem que dar um “jeitinho” para ter acesso às coisas que, teoricamente, lhe são de direito, como uma moradia.

A chegada ao sítio em Sertão do Taquari, Paraty, é uma atração à parte. A trilha de três km só pode ser feita a pé ou por animais, por ela não sobem carro, moto nem bicicleta. O episódio mostra imagens da equipe do programa fazendo o percurso a pé; um dos integrantes da equipe até toca violão durante o trajeto, e os equipamentos são transportados por alguns cavalos que seguem os direcionamentos do seu Zé Ferreira. A trilha sonora que embala esse programa tem características sertanejas, um som de viola bem marcado ao fundo, o que se coaduna com o ambiente rural em que esse episódio se passa. Vivendo com sua esposa e mais três filhos, Zé Ferreira apresenta a rotina da família que trabalha em conjunto para que tudo funcione da maneira correta. É apresentado ao telespectador todos os produtos que são feitos com matéria-prima 100% criada no sítio, como manteiga e chocolate. Curiosamente o filho mais novo do agricultor, Jonatan, dá sua definição de “jeitinho brasileiro” ao dizer que “o melhor jeitinho brasileiro é viver da terra, preservando a natureza”. Percebe-se aqui uma consciência ecológica e de sustentabilidade originada e orgulhosamente demonstrada de sua vivência.

Capacitado por diversos cursos na área de agroecologia, Zé Ferreira, após trabalhar durante anos na construção civil, está há vinte anos no sítio desenvolvendo junto com sua

família uma agricultura sustentável e diversificada. Nesse ponto do episódio, o personagem mostra ao telespectador um pouco do conhecimento adquirido nos cursos e como ele o utiliza na prática. Estatisticamente falando, Zé Ferreira aponta que 85% do que é consumido no sítio é proveniente do próprio sítio e todo sustento da família também tem origem no sítio. Esse sustento vem da venda de produtos feitos no local, e também do turismo que é também mostrado nessa parte do programa.

Dentre os tipos de visitantes que o sítio recebe, um que se destaca é o turista universitário, que Zé Ferreira chama de “turistas diferenciados”. Na visita exibida pelo programa, o grupo mostrado era da Universidade Federal Fluminense, liderado pela professora Mônica Cox, do departamento de Geografia. O discurso da docente enfatiza a diferença de perspectiva entre o aprendizado na academia e o aprendizado na prática, mostrando que um não é superior ao outro, mas sim, complementares. Aqui também são explicitadas algumas diferenças entre o morar na roça e na cidade. No sítio eles não possuem energia elétrica, mas sim o diesel, além disso os filhos foram alfabetizados pela mãe, em casa, não possuindo nenhum tipo de especialização. O filho mais velho, Jorge, é o principal elo entre o conhecimento adquirido no sítio e o conhecimento trazido pelos estudantes universitários. Essa ligação fica evidente quando Jorge apresenta sua namorada Daniele, agrônoma de formação, que conheceu o sítio através de uma visita acadêmica e se apaixonou pela cultura local e seus moradores. Livros doados por ela e por outros acadêmicos são utilizados pela família para o aprimoramento das técnicas colocadas em prática no sítio.

O deslocamento do lugar central do conhecimento, reconhecido em nossa sociedade como a academia, da Universidade para o campo é um ponto chave aqui. O reconhecimento validado pelos professores e alunos que aparecem nesse episódio a respeito do conhecimento prático da família de Zé Ferreira traz à tona o conceito de “lugar de fala”, afirmando o protagonismo daqueles oprimidos pela sociedade, deslocando assim, segundo Paulo Patalano (2006), o opressor do lugar de dominação que ele ocupa, por força das relações de poder vigentes na sociedade de classes. Enfim, nesse episódio percebemos o bom “jeitinho brasileiro” amparado na sobrevivência, no ter que se virar para se manter, mesmo diante de enormes adversidades. E que na humildade de buscar aprender, principalmente na prática, há uma sabedoria que a academia muitas vezes não valoriza, existente nas habilidades, nos “jeitinhos”, nas gambiarras que a resistência produz.

Episódio 03- Irmãs Oliveira

O episódio 03 de *O bom jeitinho brasileiro* nos apresenta as irmãs Oliveira, seis irmãs (Vera, Denise, Helena, Inês, Fátima, Beth) com idades entre 45 e 64 anos, moradoras da Vila do Dentista, localizada na Pavuna, subúrbio do Rio de Janeiro e, segundo a “carteira de identidade” confeccionada pelo programa, com profissões resumidas em “de tudo um pouco”.

No começo do episódio fica evidente que o foco é a irmã Fátima, que trabalha com reciclagem. Fátima se tornou a responsável pela limpeza da vila onde mora, cobrando 15 reais de cada morador proprietário e 10 reais de cada morador que mora de aluguel, pois segundo ela, já é tão difícil pagar um aluguel, então ela dá um descontinho na taxa. Ao fazer a limpeza da vila, Fátima já vai recolhendo os lixos recicláveis dos vizinhos e juntando em sua casa para vender depois e ajudar no orçamento familiar. Nas palavras de algumas vizinhas, o bom “jeitinho brasileiro” é você ter criatividade para ver as oportunidades, e é esse “jeitinho” que podemos encontrar nesse episódio. O consumismo desenfreado e as transformações sofridas pelo meio ambiente ocasionadas pelo crescimento industrial, agrícola e urbano, dentre outras coisas, produziram uma enorme quantidade de lixo que muitas vezes é armazenada em locais inadequados. A reciclagem gerada através dos materiais da coleta seletiva de Fátima não só é um “jeitinho” de ter uma renda financeira, mas também é uma maneira de amenizar os impactos ambientais ao conscientizar seus vizinhos sobre a necessidade de separar os resíduos recicláveis dos não-recicláveis.

No decorrer do episódio é apresentado ao telespectador um pouco mais da vida de Fátima. Depois de ter um excelente emprego em uma metalúrgica como funcionária pública por 15 anos, ela teve que se virar para sobreviver. Tida como a mais esperta das irmãs, Fátima é “denunciada” pelas mesmas por fazer péssimas escolhas nos relacionamentos amorosos e sempre ser prejudicada pelas mulheres com quem se envolveu. Nota-se nessa parte um constrangimento não só da irmã ao indicar a orientação sexual de Fátima, como da própria Fátima ao falar de suas relações. Esse constrangimento ao se falar em relações homossexuais é muito presente na nossa sociedade patriarcal. Mesmo em uma família que possui seis mulheres como provedoras da casa, já demonstrando assim um arquétipo familiar não convencional, a pauta da sexualidade ainda consegue constranger mulheres independentes.

Logo depois, a história de Vera passa a ser relatada. Vera faz artesanato a partir de materiais recicláveis em sua máquina de costura encontrada no lixo há três anos. Mais uma das irmãs que encontra um “jeitinho” naquilo que para alguns se tornou descartável, sem uso. Apesar de toda criatividade da irmã, Denise diz que Vera não valoriza o próprio trabalho, pois vende tudo mundo barato. Para se justificar, Vera diz que não visa o lucro, mas sim ser feliz. Mesmo exibindo mulheres fortes, esse episódio nos mostra que apesar de toda consciência, ainda existe um longo caminho para essas mulheres, seja ao lidar com a sexualidade que não se encaixa nos padrões normativos, ou até mesmo com a desvalorização do próprio trabalho por estar ligado a materiais reciclados.

Episódio 04- Seu Alves

Honorato Alves Pereira, mais conhecido como Seu Alves, 78 anos, é o protagonista do 4º episódio dessa temporada de “O Bom Jeitinho Brasileiro”. Mesmo antes de chegar nesse episódio, o telespectador que acompanha essa temporada do programa já está familiarizado com a figura de seu Alves na abertura do programa. Mesmo sendo apresentado no programa como sapateiro e carpinteiro, o episódio de Seu Alves traz em suas primeiras imagens frases escritas em muros e assinadas pelo mesmo, já identificando no protagonista uma relação com as artes. Frases não só escritas, como também ditas por Seu Alves dão o tom de início desse episódio.

No decorrer do episódio, observamos que não só os muros próximos à sua casa, mas também todas as paredes e até o piso da casa de Seu Alves são adornadas por frases ou desenhos feitos pelo mesmo. Segundo uma de suas filhas, a casa reflete a personalidade do pai, assim como o uniforme que ele veste diariamente, constituído por uma blusa com seu nome bordado, uma bermuda e chapéu para completar o traje. Essa vestimenta nos remete a um símbolo nacional também reconhecido pelos seus trajes, o malandro. Lenço no pescoço e chapéu Panamá são acessórios que até hoje nos remete à essa figura no imaginário brasileiro. Sempre de bom humor, Seu Alves mesmo quando conta sobre a sua infância pobre no interior do Ceará, mescla piadas ao seu triste relato.

Conhecido não só pelo bom humor e profissionalismo, Seu Alves teve também seu talento para as artes reconhecido ao ser protagonista de uma exposição na Universidade Federal do Ceará, onde fotos dos muros com suas frases foram exibidas e um documentário foi feito em sua homenagem por um grupo de estudantes de audiovisual. Outro talento de Seu Alves mostrado no programa é o de pandeirista. Seu Alves canta alguns sambas durante o episódio e mostra que, em seu repertório, também tem espaço para as marchinhas de carnaval. Com uma família numerosa, 10 filhos, fica evidente que a herança deixada por ele, mesmo em vida, é a perseverança de ir em busca do que se quer, e nunca perder a alegria, apesar de tudo.

Ao encerrar o episódio com o depoimento de uma das filhas falando da vitalidade do pai, de sua secretária e melhor amiga Vivian falando da generosidade e lealdade de Seu Alves, e também com a cena dele pintando um muro com o nome do programa, o episódio parece querer deixar a mensagem de que nunca é tarde para se reinventar, dar um jeito naquilo que deu errado, e saber dar a volta por cima amparado no bom humor.

Episódio 05- Madalena

Nas primeiras cenas desse 5º episódio já nos deparamos com o tom que irá predominar nesse programa em que a protagonista é Madalena: a emoção. Depoimentos de colegas de trabalho, da filha e até da própria Madalena nos mostram um pouco do que está por vir. Pedagoga de formação, Madalena, de 48 anos, é moradora da cidade do Rio de Janeiro e coordena, no Instituto Fernandes Figueira, o projeto Biblioteca Viva, que tem como objetivo estimular o hábito da leitura, a criatividade e a organização do pensamento. No hospital onde trabalha, Madalena e a equipe de voluntários utilizam-se da literatura não só para confortar os pacientes e seus acompanhantes, mas também para lhes mostrar um mundo novo através das palavras.

Diferente dos protagonistas dos episódios anteriores dessa temporada, Madalena tem uma condição financeira relativamente confortável, e nesse caso o “bom jeitinho brasileiro” aqui está representado na atitude dela para com o próximo, especificamente com as crianças internadas no Instituto em que ela trabalha, e não um “jeitinho” voltado para si, mesmo que as consequências de suas ações também ecoem nela mesma. Segundo um médico que trabalha

com Madalena, o “bom jeitinho brasileiro” nesse caso é você tentar fazer do sofrimento que os pacientes e suas famílias estão passando algo melhor, seja através de um gesto, uma conversa, e da leitura de um livro. O diretor do Instituto, Dr. José Augusto, acrescenta ainda que precisa de um aparelho de tomografia de última geração tanto quanto da Madalena e seus livros junto das crianças, o que mostra a importância desse projeto para o hospital. Madalena deu um “jeitinho” de seu projeto ter uma sala própria no Instituto e, com muita perseverança e algumas gambiarras, conseguiu transformar uma área vazia do prédio em uma biblioteca frequentada pelos pacientes crônicos do hospital.

Duas histórias contadas durante o episódio nos mostram nitidamente a força do “bom jeitinho brasileiro” de Madalena e sua equipe na vida dos pacientes ali internados. A primeira é a festa surpresa de 15 anos de uma paciente chamada Wanessa. Internada há um tempo, Wanessa já tinha desistido de sua festa de quinze anos, pois sabia que não poderia sair do hospital. Toda a equipe preparou uma festa surpresa para a paciente dentro do próprio hospital, com direito a bolo, valsa, vestido de debutante e até príncipe. As fotos da festa são mostradas durante o relato e revelam a emoção do momento. Outra história tocante foi a de Mateus, que morava no hospital há mais de quatro anos e nunca tinha saído de lá. Ele só conhecia o mundo através da televisão e dos livros que eram lidos para ele pela equipe do Biblioteca Viva. Com a autorização do médico responsável, Madalena pode levar Mateus pela primeira vez para fora do hospital e a experiência que a criança teve ao pisar na rua pela primeira vez foi contada por Madalena de uma forma bastante emotiva.

No fim, nos é mostrado através da fala de uma colega de trabalho que a experiência de pedagoga de Madalena e seu empenho faz com que ela desenvolva uma grande capacidade de “ler as pessoas”, principalmente as crianças com deficiência que possuem uma dificuldade de comunicação. Nesse episódio é destacado não só a alegria como uma característica do brasileiro, mas principalmente o fator acolhedor, agregador presente no nosso imaginário. Apesar de autores como Jessé Souza afirmar que a classe detentora do “jeitinho brasileiro” é a classe dos batalhadores, esse episódio nos apresenta alguém fora dos padrões da “ralé brasileira” exercendo esse “jeitinho” e mostrando que as brechas também estão sendo usadas por aqueles que precisam menos, mas também precisam.

Episódio 06- Marcão

Marco Manso Cerqueira Silva, o popular Marcão, tem 44 anos e vive na cidade de Salvador, Bahia. Logo no início do programa não só é perceptível o seu amor pelo time de futebol Bahia por causa da camisa do protagonista, como ele também faz questão de frisar logo de cara. Sua necessidade de “dar um jeitinho” chegou cedo, pois aos 18 anos Marcão já era pai de duas filhas, algo corriqueiro na vida de muitos brasileiros. Durante o trajeto até o ponto de ônibus de onde mora, na Barroquinha, subúrbio de Salvador, Marcão vai cumprimentando vários conhecidos, mostrando sua popularidade no local onde vive desde criança.

Sua trajetória começa a ser contada quando ele chega ao seu local de trabalho, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, onde começou há 27 anos na função de auxiliar de serviços gerais e, tempos depois, passou a ser o responsável pela máquina de reprografia da faculdade. Quando atingiu a maioridade, tirou a carteira de motorista e passou a fazer bicos para alguns professores. Logo depois veio uma proposta para trabalhar como motorista na própria Universidade, cargo esse em que ele se mantém até hoje, além de ser supervisor do Programa de Redução de Danos também da UFBA. Esse programa visa ajudar dependentes químicos a diminuir eventuais consequências danosas causadas pelo uso de drogas. Utiliza-se das rádios comunitárias para atingir a população mais necessitada e também trabalham com os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra em Salvador.

Nas palavras de alguns integrantes do acampamento dos sem teto, Marcão é tido não só como um professor, mas também como um integrante da comunidade por estar em contato com essas pessoas toda semana, sempre ajudando e orientando cada um deles, principalmente em questões relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis. A criatividade em buscar alternativas e soluções diferentes para lidar com as comunidades é uma das características ressaltadas pelo chefe de Marcão ao falar dele. É preciso explicar como Marcão chegou ao cargo de supervisor do Programa de Redução de Danos. Concursado na vaga de motorista, Marcão levava a equipe que iria fazer o trabalho e ficava esperando sentado na Kombi até o trabalho acabar. Em um certo momento, Marcão notou que os membros da equipe estavam tendo dificuldade em se aproximar e estabelecer um diálogo com a comunidade. Ao se

depararem com aquele homem negro, parecido com eles, houve uma identificação imediata da comunidade, majoritariamente negra, em relação a ele e essa ligação se firmou. Marcão passou a ser o elo entre a Universidade e a comunidade, dialogando com eles através dos códigos de acesso adquiridos pelas suas vivências. Essa dinâmica de Marcão é o “bom jeitinho brasileiro” e, nas palavras dele, sua eficiência se dá por ele ser uma pessoa original, inteira, sem necessidade de máscaras.

Além da atividade como funcionário público, Marcão teve que dividir seu tempo com a Faculdade de Filosofia da UFBA, de onde é recém-formado, e também com o trabalho na lan house e lanchonete que funciona em uma parte de sua casa e é gerido pela sua família. Em um momento de descontração entre família e amigos, Marcão mais uma vez deixa clara sua paixão pelo futebol e pelo Bahia, além de mostrar seu lado músico para o telespectador através de uma roda de samba. O personagem mostra nesse episódio que nem sempre apenas o saber acadêmico é eficiente na prática. A vivência, nesse caso, tanto na academia, quanto nas comunidades, deu a Marcão o papel de mediador legitimado não só na comunidade, mas também reconhecido pelos seus colegas de trabalho na Universidade. A identificação proporcionada pela sua cor, sua estética e sua habilidade de falar de “igual para igual” com o público do projeto fez com que a mensagem fosse passada de uma forma mais eficaz. No fim, Marcão resume a sua história com a seguinte citação de Sócrates: “Uma vida sem busca não é digna de ser vivida”.

Episódio 07- Rosa

Rosalina Oliveira, a Rosa, é uma cabeleireira de 38 anos, moradora da cidade de São Luís, Maranhão, e protagonista do episódio 09 dessa edição. Rosa trabalha em um projeto chamado Reviver, localizado no Centro Histórico da cidade. Esse projeto está estritamente ligado à questão racial, e Rosa, sendo uma mulher negra, se diz conectada àquele local por saber que foram seus antepassados que construíram aqueles casarões existentes no Centro Histórico do Maranhão, e se esforça para manter o Reviver funcionando apesar do alto custo

demandado. Justifica esse esforço se dizendo brasileira e persistente, uma típica detentora do “bom jeitinho brasileiro”.

Como muitos brasileiros, Rosa tem sua rotina ditada pelos clientes. Trabalha durante a noite e durante o dia, mesmo estando cansada, ela se mantém firme no propósito de sustentar não só a sua família, mas também o projeto no local onde ela acha justo. Especialista em cabelo crespo, principalmente em tranças afro, Rosa ensinou seu dom a sua irmã e a algumas amigas como uma forma de cada uma delas montar seu próprio negócio e poder se sustentar. Além disso, Rosa ministra oficinas em comunidades Quilombolas, por exemplo, em troca apenas da passagem que recebe para fazer a viagem de barco. Sua oficina ensina para as alunas que tem como “dar um jeitinho” nos cabelos, mesmo não tendo dinheiro para comprar produtos, apenas com elementos naturais. Alimentos como mamão, mel, erva-cidreira, coisas que elas podem ter em casa são oferecidos como opção para quem não tem condição financeira de comprar os produtos industrializados.

A sabedoria popular, muitas vezes marginalizada, é valorizada não só por Rosa, mas principalmente pela comunidade Quilombola, que tem ali a resposta para muitas de suas dúvidas. Ao conhecer o poder dos produtos que eles possuem disponíveis em seus quintais, as mulheres da oficina demonstram um entusiasmo que pode ser observado ao dizerem que o shampoo de erva-cidreira feito por elas pode ser vendido não só ali na região, como também exportados, tamanha a empolgação que elas transpareciam. Rosa dá mais um exemplo de seu “jeitinho” ao contar a história de como convenceu seu filho mais novo, negro com cabelo crespo, a desistir de comprar um gel para deixar seu cabelo parecido com o do seu irmão mais velho, negro com o cabelo liso, que usa gel para deixar um topete. O “jeitinho” foi dado ao trabalhar a autoestima do filho, dizendo que seu cabelo era lindo e que tinha a possibilidade de fazer várias coisas nele sem precisar de nada, muito menos de gel. A criança, segundo ela, hoje faz de tudo com o cabelo após passar por esse processo de empoderamento pela mãe. Ao contar essa história, Rosa tem consciência que não está apenas relatando um acontecimento, mas sim empoderando também aquelas mulheres que muitas vezes não se sentem bonitas e precisam desse tipo de incentivo para enxergar o seu valor.

Vale ressaltar que ao final do episódio, se posicionando não só como uma profissional da beleza, como ela mesmo se intitula, mas também como militante do Movimento Negro,

Rosa mostra o local onde mora com sua família e, ao dar uma volta, ficamos sabendo que ela mora no conjunto Zumbi dos Palmares, uma comunidade majoritariamente negra, na rua Nelson Mandela, próxima à Avenida Bob Marley. Esse resgate de personagens negros relevantes para nomear as ruas exalta uma necessidade de identificação daquela população que se veem representados por eles. Ao invés de nomes de marechais, imperadores, ou algo parecido, como acontece normalmente, ali os nomes possuem um verdadeiro significado para aqueles moradores.

O “bom jeitinho” nesse episódio fica também marcado pela generosidade de Rosa em passar seu conhecimento, sem se importar com uma possível concorrência, colocando o bem-estar do outro, aqui identificado como as mulheres quilombolas, acima de tudo, e possibilitando que essas mulheres negras encontrem nessa partilha de conhecimento um meio de se sustentar, de sustentar a sua família e até mesmo de avistar uma perspectiva onde antes não existia.

Episódio 08- Milca

Ambientado no Rio de Janeiro, o episódio 11 da 3ª temporada do Programa tem como protagonista a motorista de ônibus Milca. Ela já é mostrada inicialmente como uma pessoa muito vaidosa, mas que gostaria de ser menos para ter um gasto menor com maquiagem e cremes. Segundo ela, que tem 43 anos e vive no Parque Ruben Vaz, em Bonsucesso, sua vida se resume a sua casa e a seu trabalho, realidade de muitos brasileiros, com pouquíssimo espaço e dinheiro para o lazer. Muito simpática e brincalhona, Milca é conhecida por seu “jeitinho” carinhoso de tratar os colegas e passageiros, principalmente do sexo masculino. Seu lema, de acordo com a própria, é “beijar na boca”. Seu companheiro de trabalho, ou co-piloto nas palavras de Milca, o cobrador João, elogia a atitude da colega em demonstrar o interesse tão explicitamente quando se interessa por algum homem.

O “jeitinho” com que a protagonista trabalha em uma profissão predominantemente masculina, em um ambiente normalmente muito hostil para as mulheres, é manifestado através da sua simpatia, reconhecida por vários passageiros como sua principal característica. Milca confessa que trabalha em uma das linhas de ônibus mais pesadas da cidade, a Grajaú-

Leblon, que tem um movimento intenso, principalmente nos finais de semana, por passar por bairros boêmios da cidade como Tijuca, Lapa e Copacabana.

Ao passar pela Zona Sul, Milca fala com ironia sobre as vantagens de se morar em um local onde os buracos são tapados, a iluminação é boa e, na maioria das vezes, a segurança funciona. Evidentemente, moradora de Bonsucesso, bairro que tem como alguns de seus limites o Complexo do Alemão e o Complexo da Maré, Milca se utiliza dessa figura de linguagem para criticar as autoridades que só se preocupam com a parte da cidade onde há mais interesses políticos e econômicos em jogo. Após passar um *take* onde a irmã de Milca diz que não sabe como ela consegue dirigir um transporte tão grande, a protagonista prontamente responde com a seguinte frase: “É mais fácil dominar isso aqui do que um homem!”

Outra característica de Milca que se encaixa no “jeitinho brasileiro” é a sua religiosidade. Tanto ela quanto sua mãe, também entrevistada, têm um discurso atrelado a Deus e à sua proteção. Ao apresentar sua casa aos telespectadores, Milca mostra uma residência ainda sem acabamento final e diz que casa de pobre é sempre assim, sempre em obra, sempre precisando dar um “jeitinho” em alguma coisa. A jornada dupla de trabalho também é exibida nesse episódio. Além de trabalhar como motorista de ônibus, essa mãe solo de quatro filhos, dois ainda vivem com ela, ainda tem que fazer todos os afazeres domésticos. Toda essa atividade é feita logo após chegar em casa do trabalho como motorista, pois segundo ela, não consegue dormir enquanto a casa não estiver limpa. Durante essa parte em casa, ficamos sabendo que Milca é mais uma dessas pessoas que já esteve em situação financeira bem mais confortável, e teve uma queda muito acentuada e repentina no padrão de vida, tendo que “dar um jeito” de se reerguer.

Sempre enfatizando que mora em uma comunidade, Milca nesse episódio nos mostra diversas formas do “bom jeitinho brasileiro”. Ao utilizar da simpatia com os passageiros que nem sempre correspondem da mesma forma; ao conseguir dar a volta por cima depois de ter levado uma rasteira da vida; por ter criado 4 filhos em uma comunidade e ter os quatro, nas palavras dela, no “bom caminho”; por conseguir respeito de seus colegas em uma profissão machista e hostil, dentre outros. Milca é um exemplo das tantas mulheres na sociedade atual

que tem dupla ou muitas vezes até mais jornadas de trabalho diárias, mas que mesmo assim ainda conseguem viver com a cabeça erguida à espera do respeito e dignidade que merecem.

Episódio 09- Izabel

Conhecida por sua habilidade de estar sempre fazendo algo diferente, Irlone Izabel Brasil, a Izabel, tem 50 anos, e dentre algumas de suas profissões estão: artesã, assistente de dentista e coordenadora de galpão no carnaval. Moradora de Florianópolis, Santa Catarina, a protagonista do 12º episódio da 3ª temporada de “*O Bom Jeitinho Brasileiro*” divide sua agenda da seguinte maneira: terças e quintas-feiras, assistente de dentista; quartas e sextas-feiras, na feirinha de artesanato; e sábados e domingos em um sítio onde ela é a famosa “faz tudo”, ou seja, uma inegável exemplar do “bom jeitinho brasileiro”.

Mais uma personagem feminina e mais uma mulher com dupla jornada de trabalho diária é apresentada nessa temporada do programa. Diferente de outras mulheres apresentadas em outros episódios que são divorciadas, Izabel frisa que nunca quis casar e que apenas queria ter os filhos, sendo até hoje, nas palavras dela, uma mulher solteira por opção. Na feira de artesanato é onde Izabel tira o maior sustento da família. Há uma solidariedade entre as feirantes que é mostrada no programa através da partilha de conhecimento entre umas e outras, e há também um compartilhamento de informações com os clientes no que Izabel tem interesse profundo sobre as lendas que permeiam a ilha de Florianópolis. De novo, o misticismo aparece nessa temporada do programa como um símbolo da nossa identidade.

Sempre valorizados pela imprensa, o Carnaval nesse episódio sai do eixo RJ-SP-BA e nos é apresentado a preparação dessa festa em Florianópolis, na figura da Izabel, agora na função de coordenadora de galpão da Escola de Samba Protegidos da Princesa. Seu chefe dentista, que também é seu amigo de infância, dá uma licença para Izabel durante a época que antecede a festa e contrata outra pessoa temporária, pois vê aquela função de coordenadora para ela não como um trabalho, mas uma realização pessoal. Izabel viaja até o Rio de Janeiro todo ano para fazer uma pesquisa durante o Carnaval daqui e assim ajudar a sua Escola no Carnaval do ano seguinte.

Curiosamente nos é mostrado uma espécie de “bico” de Izabel: ajudante no sítio do amigo/chefe. Somos informados pela protagonista que ela fez todos os desenhos do Templo Maçônico construído no sítio, mesmo não sabendo nada do que aquilo representava, pois não pertence à essa “sociedade discreta”. Por esse seu trabalho de cozinheira e serviços gerais Izabel não recebe salário, mas contribuições que alguns integrantes da Maçonaria lhe pagam individualmente. No episódio, Izabel faz questão de frisar que as contribuições são muito boas, falando de uma maneira intencional para mostrar ao telespectador que não existe uma exploração sobre o trabalho dela, mesmo ficando claro o contrário. Acho que essa situação resume bem esse episódio.

Episódio 10- Batista

Esse 13º episódio de *O Bom Jeitinho Brasileiro* é protagonizado por Francisco Tarcísio de Sousa Melo, um garçom de 45 anos, cearense da cidade de Guaraciaba do Norte, e que atualmente vive com sua família no Rio de Janeiro. Batista, como é conhecido, acorda todos os dias às 5h15min da manhã para se arrumar para a sua primeira função do dia: a de uma espécie de “garçom faz tudo”, em um restaurante na Rua Lavradio, na Lapa, o qual ele mesmo abre as portas, às 6 h. Além de abrir o restaurante, já arrumar as mesas e preparar o café dos outros funcionários, Batista também vai ao sacolão fazer as compras do dia. Perguntado pela produção do Programa sobre o que seria jeitinho brasileiro para ele, Batista diz que as pessoas fazem o “jeitinho” de várias maneiras, mas para ele o “jeitinho” seria trabalhar porquê é a única coisa que ele faz.

O bairro da Lapa tem um significado especial para Batista, pois uma irmã sua morava ali e aos poucos ele foi fazendo muitas amizades naquele ambiente, além de, segundo ele, ter acontecido ali uma das melhores coisas da vida dele: ter conhecido a sua esposa. Eles se conheceram em um bar onde ele era garçom e ela balconista, e a partir dali tudo se desenrolou. Ao encontrar alguns amigos durante o trajeto de volta ao restaurante, características como popular e honesto são citadas para definir o “jeitinho” de Batista.

Ao relatar o porquê de trabalhar em dois turnos, Batista e sua esposa Lídia nos contam que tiveram a casa inundada durante uma enchente e o dinheiro de um só trabalho do garçom

não seria o suficiente para cobrir as despesas, assim, Batista começou essa rotina que já dura 4 anos e lhe rende pouquíssimas horas de sono, mesmo ele não reclamando de cansaço. Os empréstimos acumulados para reerguer a vida da família nunca foram sinônimo de desespero para Batista. Segundo ele, o pensamento positivo de que sempre haveria alguma forma de pagá-los nunca o abandonou. Esse discurso de esperança, de acreditar que no amanhã tudo pode ser melhor, é ainda nos tempos sombrios em que vivemos bem presente entre nós.

O primeiro turno de trabalho de Batista vai das 06 h às 15h30min, e o segundo das 22 h às 04 h. Com a situação financeira estabilizada, Batista diz que se quisesse ficar em um só emprego não teria problema, mas como ele e a esposa têm o sonho de comprar um apartamento, os dois empregos se tornam necessários. Seu jeito simpático e atencioso cativa a clientela e, algumas vezes, ele garante uma gorjeta generosa, além da porcentagem já embutida na conta. Dessa forma, Batista vai dando seu “jeitinho” para juntar o dinheiro da sua futura casa própria.

Tendo apenas uma hora e pouco entre o turno da noite e o da manhã, Batista ainda consegue tirar um cochilo nesse intervalo, e renovar as forças para um novo dia de trabalho. Não há como não enxergar em Batista o retrato do brasileiro batalhador, persistente, que sabe dar a volta por cima quando necessário e que não deixa a peteca cair diante das dificuldades. Mesmo na sua folga semanal, Batista faz questão de fazer o almoço da família, não aparentando nenhum tipo de cansaço, muito pelo contrário, falando com orgulho do prazer que ele tem em cozinhar para seus familiares e que esse momento não pode ser substituído por qualquer descanso. O protagonista desse episódio resume bem o que foi apresentado nessa temporada, brasileiros que são afetados diretamente pelas estruturas que se tornam ainda mais potentes em um país tão desigual como o nosso, mas que encontram de alguma maneira um “bom jeitinho”, uma forma de se reinventar e passar por cima das dificuldades, sem tirar vantagem sobre ninguém, mas se utilizando das brechas e oportunidades encontradas pelos caminhos.

2.2.5 - Entrecruzando os “jeitinhos”

Através da análise desses episódios, podemos encontrar semelhanças e diferenças entre os personagens e os “jeitinhos” de cada um. Mulheres que se desdobram e fazem mais de uma jornada diária foi uma constante nessa temporada do programa. Izabel, Milca, Rosa são exemplos dessas mulheres que tem que desdobrar para sobreviver nos dias de hoje, muitas vezes até se submetendo a subempregos, sem carteira assinada, e sem garantias. Outro fator que vale ressaltar é a questão das ONGS. Totonho e Rosa são pessoas que trabalham em ONGS onde há uma identificação com as pessoas assistidas. Rosa, ao trabalhar com o empoderamento negro, sobretudo através da estética dos cabelos afros, já cria uma conexão com as mulheres negras que são seu alvo. Orientando essas mulheres sobre como se pode tratar os cabelos através do uso de plantas que se encontram em seus próprios quintais e valorizando seus cabelos crespos, Rosa ensina a essas mulheres não só um meio de ter uma renda financeira, mas também sobre autoestima. Já Marcão, mesmo não tendo uma moradia própria, ajudava pessoas em situação de rua a conseguir a delas, além de resgatar jovens e lhes ensinar alguma profissão que futuramente pudesse ser sua verdadeira ocupação, o que aconteceu com Dj Moska, que hoje coordena uma rádio comunitária, graças aos ensinamentos de Totonho.

As reviravoltas e inconstâncias da vida também marcaram essa temporada. Milca, Batista, Fátima, todos eles tiveram que, cada um à sua maneira, reinventar-se para dar a volta por cima. Milca se viu saindo de um apartamento à beira mar da cidade de Santos para um puxadinho no subúrbio do Rio de Janeiro e tendo que trabalhar como motorista, primeiro de caminhão, agora de ônibus, para sustentar sua família. Batista teve que trabalhar durante dois turnos de garçom para se recompor do estrago que uma enchente fez em sua casa e todas as dívidas originadas dessa tragédia. E Fátima, ex- servidora pública, perdeu tudo por causa de seus relacionamentos e teve que voltar para a casa da família onde viu na coleta seletiva uma chance para se reerguer.

Madalena, Zé Ferreira e Seu Alves são personagens que nos oferecem exemplos de dedicação e amor pelo que fazem. Madalena com seu projeto Biblioteca Viva se doa diariamente aos pacientes crônicos de um hospital ao apresentar-lhes histórias que, de alguma forma, atenuam suas dores e fazem o tempo passar mais rápido. Zé Ferreira teve o dom, juntamente com sua família, de transformar um lugar simples em um sítio agroecológico referência no segmento. Mesmo com pouco conhecimento teórico, sua consciência ecológica

e amor pela natureza se mostrou eficaz em suas ações. Já Seu Alves não só demonstrou sua aptidão como sapateiro, mas também o de artista. Ao transformar alguns muros da cidade e de sua casa em arte, Seu Alves chamou atenção da população para o seu talento, recebendo até homenagens na Universidade Federal do Ceará.

Marcão e Rosa, cada um à sua maneira, trabalham se comunicando com pessoas que se identificam não só com suas causas, mas com eles também. Trabalhando em uma universidade pública, onde também se formou em filosofia, e morando sempre na mesma comunidade, Marcão consegue transitar com facilidade esses dois mundos por vezes distantes. Ele consegue estabelecer diálogo com moradores das comunidades periféricas, enquanto seus graduados colegas acadêmicos tiveram dificuldades, assumindo o papel de mediador entre a universidade e os sujeitos moradores dessas comunidades. Marcão dá indícios de que o reconhecimento do outro é fundamental para que o diálogo aconteça. Da mesma forma, Rosa também tem esse reconhecimento das mulheres quilombolas a quem dá palestras. São mulheres negras vendo outra mulher negra repassar seu conhecimento, ocorrendo assim uma identificação imediata não só pela raça, mas também pelo processo de empoderamento trabalhado o tempo todo por Rosa.

O que se percebe é que o “bom jeitinho brasileiro” apresenta formas variadas, dependendo dos sujeitos que o utilizam e do contexto em que isso se dá. Muitas vezes, esses “jeitinhos” podem ir de encontro com as definições que alguns autores têm do termo, como quando Livia Barbosa associa ao “jeitinho” à questão do imediatismo, de algo que ocorre inesperadamente, definição que se adequa a alguns casos aqui apresentados, como os de Batista, Milca, Fátima, Zé Ferreira, Rosa, e outros não, como os de Seu Alves e Madalena. Ou quando se vê em no episódio cinco uma protagonista, Madalena, que não se encaixa no perfil da classe detentora do “jeitinho”, como afirma Jessé Souza, mostrando que dependendo da ocasião, esse mecanismo se adapta a todas as classes.

Durante a análise dos episódios, foram apresentadas várias definições do termo “jeitinho brasileiro” na perspectiva de diferentes sujeitos que corroboram de alguma forma com as conceituações do termo elaboradas por diversos teóricos e expostas no primeiro capítulo desse trabalho. Fernanda Borges quando identifica no “jeitinho” uma maneira marota de descumprir uma formalidade em função de um bem maior, retrata precisamente o

personagem Marcão, do episódio 06, e também reflete as opiniões de Pompéia (ep.03), “‘O bom jeitinho brasileiro’ é você ter a criatividade para ver as oportunidades” e Chiquinho (ep. 08) “‘O bom jeitinho brasileiro’ é você ser sagaz, é você saber sair bem de uma situação adversa”. Roberto DaMatta já identifica o “jeitinho” como um mecanismo necessário para “conseguir navegar no oceano turbulento do cotidiano brasileiro” (*apud* BARBOSA, 2005, p. XXI). Seu Zé Ferreira (ep.02), diz que esse “jeitinho” se apresenta para ele como uma forma de melhorar a condição de vida, bem como Andres (ep. 09) que diz que “‘jeitinho brasileiro’ é aquele que não desiste nunca, né? É aquele que tem sempre à vontade, a perseverança de sempre conquistar o que almeja, aquilo que quer”. Essa perseverança atrelada ao significado do “jeitinho” é encontrada em diversos episódios do programa e traduzida na fala de Pablo (ep.01), “brasileiro ele resolve qualquer parada, e o ‘jeitinho brasileiro’ é isso, não tem crise não! É pra fazer? Então vamos nessa e faz mesmo”. Mas, sem dúvida, o conceito de “jeitinho brasileiro” que mais aparece nas definições, tanto dos teóricos quanto dos não- acadêmicos, é a ligada ao espírito cordial, conciliador, simpático e alegre do brasileiro. Frases como “o ‘jeitinho brasileiro’ é o cara ser popular, honesto, se dar com todo mundo” (Damasceno, ep. 10); “o ‘jeitinho brasileiro’ é fazer tudo com a simpatia, com a alegria, tendo esperança de que todo dia vai ser bom e sempre buscar o melhor” (passageiro do ônibus, ep.08); “a gente sempre tem que ser feliz, tem que trazer alegria, paz e amor no coração, porque esse é o nosso ‘jeitinho brasileiro’” (Dj Moska, ep.1), são uma constante em todos os episódios. Livia Barbosa vê o “jeitinho” como uma forma especial de resolver o problema de maneira conciliadora, DaMatta romantiza o termo ao denominá-lo “tocante” por simbolizar um modo pacífico de resolver algum problema relacionando o fator pessoal do impessoal. Já Borges, também compreende o “jeitinho” como “capacidade de articular uma regra geral abstrata e universal com a solidariedade das relações pessoais” (2008, p.80). Enfim, essa ênfase nas definições positivas, principalmente no programa, dá-se obviamente para reafirmar a positivação do termo não só no título do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, mas também no teor do mesmo.

Assim como o termo “jeitinho brasileiro” foi utilizado em um dado momento, como já visto no primeiro capítulo, para substituir a expressão “malandragem” devido a carga negativa que sua representação adquiriu ao longo tempo, o “jeitinho brasileiro” também passa por um momento de ressignificação, conectado, entre outras razões, pelo momento político em que

passamos, quando a discussão em torno da corrupção está tão em alta, ocasionando uma associação deste termo com o “jeitinho”. Como já discutido neste trabalho, as expressões “favor” e “corrupção” são aquelas mais conectadas ao termo “jeitinho”, a depender de sua disseminação, principalmente nos meios midiáticos. Sendo assim, percebe-se um processo social de substituição do termo “jeitinho” para que essa carga negativa que o conecta com a “corrupção” seja desassociada do termo. Atualmente, uma das expressões que passam a ser usadas para substituir o uso do termo “jeitinho” é “gambiarra”, temática do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

RECONFIGURANDO O *JEITINHO*: GAMBIARRAS EM CENA

Nesse capítulo faremos uma discussão do termo “gambiarra” e como o mesmo está sendo usado, remodelando o sentido do mecanismo social “jeitinho brasileiro”. Através do resgate dos episódios de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, não só da terceira temporada, como fizemos no capítulo 2, mas também de episódios de temporadas anteriores, assim como de exemplos de outras áreas, este terceiro capítulo buscará retratar a maneira como as classes populares no Brasil, sobretudo as periféricas, utilizam-se da “gambiarra” para se deslocar, para resistir e re-existir às margens da sociedade. Utilizaremos as reflexões teóricas de autores como Michel de Certeau, Vera Telles, Adriana Facina, Gilberto Velho e Jessé Souza.

Uma parede branca com duas faixas verde e amarela é exibida ao fundo de um sujeito com seu cachorro, ambos transparentes. Logo depois, o sujeito está em um lugar que aparenta ser um galpão com chão de madeira, alguns sacos entulhados e uma imagem de São Jorge na parede. O personagem está com uma marreta na mão batendo em duas peças de ferro. De volta ao primeiro cenário, o indivíduo está em cima de uma escada desenhando na parede a frase “O Bom Jeitinho Brasileiro”, nome do programa onde essa vinheta está inserida. Por fim, vemos que o nome do programa foi preenchido com matérias recicláveis como canos, garrafas PET, pedaços de papel, vidro, madeira, dentre outros, e ao acionar o que demonstra ser um gato de energia elétrica, uma “gambiarra” com o nome do programa surge reluzente dando início ao episódio. Assim começam todos os episódios da terceira temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro* que, juntamente com a outra parte da vinheta já anteriormente analisada, apresenta uma ideia ao telespectador do assunto que o programa abordará.

Assim como o “jeitinho brasileiro”, a “gambiarra” também está relacionada à questão do improvisado. A improvisação consiste em uma ação não planejada que visa solucionar algum

problema ou necessidade com os recursos que estão disponíveis naquele momento. Por estar ligado desde sua origem a uma ideia de extensão elétrica⁵, o significado de improvisação relacionado à “gambiarra” se deve às situações relacionadas ao uso de eletricidade, principalmente aos fios emaranhados nas favelas, e posteriormente ao meio tecnológico, como sinais de internet e TV a Cabo. Para Rodrigo Bouffleur (2006), há dois principais conceitos que podemos aplicar ao termo “gambiarra”. O primeiro está atrelado à questão do improviso acarretado pelo contexto e pelas estruturas que cercam o indivíduo. Já o segundo é aquele que tem um impacto material no meio em que vivemos, podendo ser observado sob uma ótica social, enquanto um conjunto de atitudes. Nessa dissertação discutiremos “gambiarra” sob a ótica dos dois conceitos, já que ambos são recorrentes na realidade periférica aqui abordada.

Jessé Souza (2015) observa o porquê do “jeitinho brasileiro” e das “gambiarrras” estarem ligados mais fortemente às classes menos favorecidas através de uma perspectiva estrutural. Para o autor, capitais impessoais, como o capital cultural e sua apropriação através de privilégios injustos, se eternizam em nossa sociedade delegando à miséria vários brasileiros que são obrigados a vender sua força de trabalho por um valor bem abaixo do mercado, pois é uma das poucas alternativas que lhes restam. O autor chama essa camada social mais baixa de “classes de desclassificados sociais” e afirma que “é a da ausência da incorporação dos modernos capitais impessoais, tanto o econômico quanto o cultural, que reduz os indivíduos dessa classe a “corpos” que são vendidos “enquanto corpos”, a baixo preço, para serviços desvalorizados” (Id., Ibid, p.205). Focando na questão dos privilégios, Jessé discorre a respeito de uma busca pela sobrevivência ao dizer que:

O que as classes privilegiadas recebem desde o nascimento são as “armas” necessárias para a luta da competição diária por todos os bens e recursos escassos. Os excluídos entram “desarmados” nessa luta. Um exército de pessoas, como disse Bourdieu em seu livro acerca dos subproletários argelinos, disposto a fazer todo tipo de serviço porque não aprendeu a fazer nenhum (Id., Ibid., p.207).

Os sujeitos que compõem essa “classe dos desclassificados sociais” possuem algumas características em comum, como o fato de começar a trabalhar desde cedo para ajudar na renda da casa e ter que conciliar escola e trabalho; a super exploração com jornadas de

⁵ Extensão elétrica, com fio comprido, que permite levar luz a sítios afastados. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/gambiarra>>. Acesso em: 08 Aug. 2017

trabalho de até quinze horas, acumulando mais de um emprego, muitas vezes sem carteira assinada, e complementando com “bicos” nos finais de semana, enfim, uma classe trabalhadora precarizada por uma dominação social construída e legitimada. Jessé divide os “desclassificados brasileiros” em dois grupos, a ralé e os batalhadores. A “ralé” são aqueles sujeitos muito precarizados, moradores de favelas que trabalham na informalidade dando seus “jeitinhos”. Já os batalhadores, apesar de também integrar o grupo dos precarizados socialmente, possuem maiores recursos e possibilidades de ascensão social, pois fazem parte da chamada “nova classe média”⁶. A “ralé”, por fim, é entendida como a classe detentora do “jeitinho brasileiro” e da “gambiarra”, pois está jogada às margens do mercado competitivo. Ela é explorada pelas classes privilegiadas pois possuem, segundo Jessé, “um exército de pessoas disponíveis a fazer quase tudo” (Id., Ibid., p.232). Nesse exército de pessoas estão incluídos o motoboy que entrega pizza, o lavador de carros, a empregada doméstica, a prostituta que vende o próprio corpo para sobreviver, o aviãozinho do tráfico, dentre outros. Esse espírito de sobrevivência marginal é entendido por Jessé como uma luta de classe, mas não uma luta vista sob o ponto de vista da greve sindical ou uma revolução sangrenta, e sim, “um exército “silencioso” da exploração construída e consentida inicialmente” (Id., Ibid., p.233). Vale ressaltar que os representantes da “ralé” estudados nessa dissertação não correspondem às características de exército silencioso que tolera uma exploração consentida, mas possuem outros aspectos como trabalhos mal remunerados, escassez de serviços básicos, e principalmente, habitam o mesmo espaço marginal que eles, as favelas.

Nas discussões datadas das décadas de 1960/70, Janice Perlman (1977) afirma que o termo “marginal” agregava conotações negativas como vagabundo, preguiçoso, indolente ligado ao submundo do crime, das drogas, da prostituição. Ainda hoje, essa negatividade ligada ao sentido do termo prevalece em nossa sociedade, mesmo que atualmente essa palavra também tenha sido reconfigurada para compreender os sujeitos que vivem às margens da sociedade, como nas favelas, e não necessariamente estejam ligados às atitudes ilegais. Segundo Perlman (PERLMAN, 1977, p.40), em 1920, quando a primeira favela do Rio de Janeiro, o Morro da Providência, foi construída a palavra favela se referia a um “grupo de

⁶ Termo idealizado pelo economista Marcelo Neri, ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, antecessor de Jessé Souza no cargo, que compreende o conjunto de pessoas com renda entre 1,5 e três salários mínimos.

moradias com alta densidade de ocupação, construídas desordenadamente com materiais inadequados, sem serviços públicos, em terrenos usados ilegalmente sem o consentimento do proprietário”. A improvisação dos serviços urbanos, como água e luz, nas construções das favelas se fez através de seus próprios moradores, ou seja, de muitos “não profissionais” que instalaram suas “gambiarras” clandestinas para ter um mínimo bem-estar da população. Tais benfeitorias, feitas pelos próprios moradores, normalmente se dá em forma de mutirões comunitários. A seu modo, utilizando recursos escassos, reaproveitando materiais, sem auxílio governamental, esses sujeitos criam gambiarras. Flora Daemon destaca o papel fundamental desses mutirões nas favelas:

Os mutirões, trabalhos comunitários e coletivos, ergueram casas, postos de saúde, escolas, associações de moradores, quadras esportivas, escadarias e vias de acesso através das mãos, esforço e do poder de mobilização daqueles que vivem nas favelas. Em que pese o problema da falta de implicação dos poderes públicos na garantia dos direitos básicos aos cidadãos, partilhamos da ideia de que os mutirões podem ser entendidos como rearranjos criativos e engajados diante da ineficiência governamental (DAEMON, 2013, p.6).

Em sua dissertação, Boufleur (2006, p.22) complementa essa ideia, afirmando que:

As favelas são tradicionalmente um lugar de alto índice de improvisação, dadas as condições de sua natural precariedade, falta de recursos e baixa infraestrutura. Justamente por se relacionar a este panorama, o da favela e seu modo de vida, a palavra gambiarra passou a receber, juntamente com a ideia de improvisação, conotações pejorativas como “tosco”, “precário”, “malfeito”. Além disso, ainda, a relação entre o termo “gambiarra” e o chamado “jeitinho brasileiro”, levou a relacionar os tais atos de improvisação com a ideia de “malandragem” – a famosa “Lei de Gerson”, ou, “se dar bem”, prejudicando o resto das pessoas.

Já na década de 1970, as favelas eram vistas não só como um conglomerado de moradias, mas, nas palavras de Perlman, como “comunidades em busca de superação”. Reiterando essa perspectiva de Perlman, Adriana Facina (2014) acrescenta, que além de uma estratégia puramente de habitação, na favela há uma estratégia muito mais ampla de

sobrevivência. Habitada por gente dinâmica e capaz, a favela se torna um terreno fértil para a prática da “gambiarra” ao englobar uma “cultura da sobrevivência”.

É nesse cenário da favela que Vera Telles e Daniel Hirata (2007, p.174) inserem o termo “bazar metropolitano” para caracterizar esse ambiente onde vivem pessoas que oscilam entre empregos mal remunerados, muitas vezes sem carteira assinada, e desemprego, e até mesmo atividades ilícitas como o tráfico de droga. Para os autores, “esse embaralhamento do legal e do ilegal, o deslocamento de suas fronteiras sob a lógica de uma forma de mobilidade urbana” dão origem às chamadas “mobilidades laterais”.

Estudando há quase vinte anos os traçados das mobilidades urbanas nas periferias de São Paulo, Vera Telles, junto a outros pesquisadores, percebeu uma longa trama de ilegalidade que perpassa a cidade e teve como um ponto de partida a análise de novas mediações que se entrelaçam e compõem os agenciamentos da vida urbana, as “mobilidades laterais”. Por mobilidades laterais, Telles entende a transitividade de pessoas, bens e mercadorias entre o formal e o informal, o legal e ilegal, o lícito e o ilícito, mas é ressaltado pela autora principalmente, “as fricções engendradas nas passagens dessas fronteiras porosas” (2012, p.27). Dentre desse espaço poroso, repleto de fricções, é onde os agenciamentos políticos acontecem e condicionam o fluxo de pessoas, bens e mercadorias nos espaços. Ao se referir às “mobilidades laterais”, outro termo é evidenciado, a “arte do contornamento” dos riscos. Essa “arte” vem a ser o deslocamento dos indivíduos nas fronteiras porosas e como eles fazem o uso de códigos para se movimentar tanto no meio legal, como no ilegal. Esse deslocamento de um lugar para o outro nem sempre é uma tarefa fácil. Os autores justificam isso na seguinte passagem:

Leis e códigos formais têm efeitos de poder e condicionam o modo como esses mercados e essas atividades se estruturam. Circunscrevem campos de força e é em relação a eles que essa transitividade de pessoas, bens e mercadorias precisa ser bem situada. E, a rigor, descrita. São campos de força que se deslocam, se redefinem e se refazem conforme a vigência de formas variadas de controle e também, ou sobretudo, os critérios e procedimentos de incriminação dessas práticas e dessas atividades, oscilando entre a tolerância, a transgressão consentida e a repressão. Essas fronteiras, portanto, são politicamente sensíveis. E circunscrevem campos de disputa em que se combinam e se alternam a negociação, formas de controle, tolerância e repressão. É por esse prisma que se pode dizer que nesses campos de força se processa uma disputa surda ou aberta

sobre os 11 sentidos de ordem e o seu inverso, bem como dos critérios de legitimidade dos ordenamentos sociais (também em disputa) que vêm se engendrando nessas fronteiras incertas (Id. Ibid, p.37).

Assim como nas favelas do Rio de Janeiro, a periferia de São Paulo também se originou através da ocupação de terrenos de propriedade duvidosa e sem pavimentação. Quando os serviços básicos, como redes de água e luz, chegaram a esses locais, trouxeram junto com esse “progresso urbano”, nas palavras dos autores, *o reinado das gambiarras*, estimulado pela cidade que cerca esse território. É nesse ambiente propício para a expansão do senso de oportunidade e da astúcia que as táticas entram em jogo. Para Michel de Certeau (1994), as táticas seriam maneiras de transitar pelo lugar instaurando uma criatividade no próprio local onde vive. Em seus estudos, Certeau observou que:

Mesmo subjugados, ou até consentindo, muitas vezes os indígenas usavam as leis, as práticas ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores. Faziam com elas outras coisas: subvertiam-nas a partir de dentro – não rejeitando-as ou transformando-as (isto acontecia também), mas por cem maneiras de empregá-las a serviço de regras, costumes ou convicções estranhas à colonização da qual não podiam fugir (1994, p. 94-95).

Quando Certeau analisa através de uma ótica das *relações de forças* o uso da língua, podemos fazer um paralelo, baseado em sua análise, do uso dessas relações no advento da “gambiarra”. Essas “trajetórias indeterminadas” da “gambiarra” se dão a partir do momento que a improvisação transforma algo que deveria servir para uma determinada coisa, dentro de uma normalidade imposta pelas estruturas sociais, em outra coisa com funcionalidade bem diferente e que, muitas vezes, é visto pelos “não-marginais” como algo sem sentido, incoerente, pois, esses não detêm os conhecimentos exigidos para decodificar os códigos dos marginalizados. Nesse sentido, podemos dar o exemplo das garrafas PET que possuem um “uso oficial” como recipiente para embalar líquidos, mas, seus usos alternativos como vasos de plantas, luminárias, e até uma estufa⁷, antes eram desconhecidos por uma parte da

⁷ Ver site Tudo Interessante. **30 maneiras super criativas de reutilizar garrafas de plástico**. Disponível em: <<https://www.tudointeressante.com.br/2015/05/30-maneiras-super-criativas-de-reutilizar-garrafas-de-plastico.html/>> Acesso em: 23 de junho de 2017.

sociedade e agora, com a propagação midiática da necessidade de uma maior consciência ambiental por parte da população, se popularizou e teve seus “usos marginais” difundidos.

Um exemplo de como a mídia se apropriou dessa agenda ambiental é visto no programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, no episódio das Irmãs Oliveira, analisado no capítulo anterior dessa dissertação, onde os materiais reciclados se tornam não só uma fonte de renda da família através da venda de sucata, mas também através da transformação desse material em artesanato. Aqui, a “gambiarra” se encaixa no conceito de reaproveitamento de resíduos e materiais descartados, ou seja, sucatas, improvisando os usos desses recursos alternativos, para resolver problemas relacionados a qualquer atividade do indivíduo. O termo sucata se apresenta em Certeau (1994, p.92) como uma arte que “se inscreve no sistema da cadeia industrial (é seu contraponto, no mesmo lugar) como a variante da atividade que, fora da fábrica (noutro lugar), tem a forma de bricolagem”, e a adoção dessa prática sustenta para Ivete Walty (2004, p.63), “a adoção de um desvio na abordagem crítica das táticas cotidianas”, pois a bricolagem de Certeau, segundo Santiago (*apud* WALTY, 2004, p. 64), “desloca o eixo da produção de mercadorias, para o da sua recepção, o consumo, evidenciando, sobretudo maneiras de lidar com o material”.

Na primeira temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, a incidência de episódios que tinha como foco o uso de sucatas e sua transformação de recursos descartados em novos materiais, através de “gambiarras”, foi muito maior que na temporada analisada nessa dissertação. Resgato alguns desses exemplos da primeira temporada que fazem a ligação entre os termos “sucatas” e “jeitinho”, aqui ressignificados como “gambiarra”.⁸

O personagem Gildásio, apresentado na primeira temporada, é um pedreiro e eletricitista que revendia peças de computador na antiga Feira da Praça XV. Na garagem de sua casa, Gildásio monta computadores com peças aleatórias, compradas como sucatas na própria feira em que é vendedor. Autodidata na área de programação e conserto de computadores,

⁸ Como os vídeos dessa primeira temporada foram extintos da internet por uma ação do Canal Futura, não seria viável a análise completa desses episódios já que seus conteúdos não estão mais disponibilizados. Porém, através de um documento (anexo 2 dessa dissertação) e do resgate na minha memória, citarei mais alguns exemplos válidos. Tive acesso a todo conteúdo das duas primeiras temporadas do programa quando fiz minha monografia sobre o tema em 2012, ano em que o Canal Futura ainda possuía o site www.futuratec.org em funcionamento e disponibilizava o conteúdo de todos os seus programas através dessa plataforma.

Gildásio conseguiu formar uma filha na faculdade de Sistemas de Informação com o dinheiro do seu trabalho com sucatas, e em um momento do episódio a filha diz que ter um pai autodidata que domina vários conteúdos que envolvem a sua formação universitária, e outros que ela nem teve acesso na Universidade é um dos motivos de maior orgulho para ela. Ou seja, através do fruto do seu trabalho informal com sucatas, Gildásio conseguiu formar a filha em uma Universidade dando a ela uma legitimidade que, infelizmente, a sociedade lhe nega. Outro episódio, também da primeira temporada, que tem a sucata como seu gancho é o protagonizado por Tião. Assim como Marcão, da terceira temporada, Tião começou trabalhando em uma universidade pública, no cargo de faxineiro, e com criatividade e “jeitinho” conseguiu alcançar um cargo mais alto, como o de responsável pela Oficina de Materiais Didáticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. Tião cria brinquedos educativos no Centro de Ciências da UERJ, onde trabalha, através de sucatas, encontradas no próprio ambiente de trabalho, que são dispensadas por alguns profissionais da área e reutilizados por Tião, dando a elas outras utilidades, transformando essas sucatas em um novo produto utilizável. Depois de ser produzido pela indústria e descartado, o material que é redefinido como outro objeto que carrega um significado completamente diferente daquele para o qual foi produzido, sendo mais um exemplo que podemos extrair da ideia de “gambiarra”.

Ao se referir à tática como uma ação calculada que “se deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”, Certeau (1994, p.100) aponta que a *tática* atua aproveitando as ocasiões e as suas brechas, através da astúcia que pode ser vista como um “último recurso” para os fracos, compreendidos pelo autor como os operantes da *tática*. A arte de “dar um golpe” apresentada por Certeau, é equivalente a arte de “dar um jeitinho” no contexto brasileiro, pois salienta o senso da ocasião, a percepção de oportunidade. Em resumo,

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo- às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos, etc. (Id., Ibid., p.102).

A “gambiarra” muitas vezes é utilizada pelos moradores das favelas como uma forma de usufruir de algumas infraestruturas presentes nas grandes cidades. Mesmo que indiretamente, como uma mensalidade de TV a cabo paga a um morador que distribui o sinal pela comunidade, ao invés de assinar um plano muito mais caro direto com a operadora, ou até mesmo quando os próprios moradores se juntam para organizar uma rede de esgoto na favela dando um “jeitinho” com o material precário que possuem. Em episódio da segunda temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, a protagonista Euza, carioca do Morro dos Macacos, em Vila Isabel, ao mostrar a sua comunidade se depara com a fala de um vizinho que reclama que depois que a Unidade de Polícia Pacificadora, UPP, foi implantada na Comunidade, os serviços de luz, água, internet e TV a Cabo foram legalizados e agora quase ninguém pode ter acesso a esses serviços, pois tornaram-se muito caros. Ou seja, vivendo agora em uma comunidade “pacificada”, as brechas que antigamente existiam foram substituídas pela vigência da lei. Mas sempre se acha um “jeitinho”, criam-se gambiarras.

Dentro das experiências partilhadas entre os moradores das favelas, Facina (2014, p.07) se refere à “cultura da sobrevivência” como “a vida em escassez de direitos e em ameaça permanente”. A autora exemplifica essa cultura através da fala do artista MC Calazans, que assim como o vizinho da Euza no Morro dos Macacos, mostra a cultura da sobrevivência no Complexo do Alemão sob a perspectiva do “gatonet”. De acordo com Calasans (apud FACINA, Id. Ibid.):

Não existiria o Complexo do Alemão se não fosse a cultura. E a cultura não só a cultura artística do grafite, do rap, do pagode, do samba. Não, eu acho que é uma cultura da sobrevivência. Por exemplo, o gatonet. O gatonet nada mais é do que uma cultura de universalizar o acesso à internet. O gato luz nada mais é do que uma cultura da sobrevivência para universalizar o acesso à luz. Cultura da favela, do Complexo do Alemão principalmente, ela sempre veio da solidariedade. Então é assim: se você que mora embaixo do morro tem uma internet, o cara que mora aqui no pico da Grota tem que ter. Então pega os fiozinhos, vai engatando até chegar lá. Se você mora no pé do morro e tem saneamento básico, mano, puxa um caninho lá da puta que o pariu e vem emendando, fazendo gato, passando perrengue. Então essa cultura, que é o que acho mais importante, foda, incrível, essa cultura da sobrevivência fundada numa solidariedade, uma identidade de irmandade mesmo, que eu acho assim que é a mais... Que poucas pessoas valorizam isso e quando valorizam é para legalizar: “vamo botar TV por assinatura, vamos acabar com os gatonets...” Quando isso é uma cultura que o morro criou as Lan houses, né, que foram criadas na própria favela para dar

acesso à internet, mototáxi... Então a primeira cultura que a gente tem é uma cultura da sobrevivência. A gente tem uma realidade difícil, então, como vamos superar ela? Uma das formas de superar é construindo uma cultura local.

Diante da precariedade de recursos materiais e do descaso das instâncias governamentais, os moradores de favelas dão o seu jeito com o que se tem ao redor, improvisando criativamente, inventando e reinventando-se. No discurso acima, MC Calasans cita a criação das *Lan Houses* como mérito das favelas, temos no sexto episódio da terceira temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, um exemplo do uso dessa cultura como sobrevivência. O protagonista Marcão, preocupado com a situação de desemprego do filho adolescente, Marcos Filho, agravada pelo fato deles viverem em um ambiente cercado pelo tráfico de drogas, fez de uma parte da sua casa um puxadinho onde seu próprio filho, sozinho, instalou todos os computadores que deram origem a *Lan House* da família. Marcão viu nisso não só um meio de manter o filho ocupado com algo útil, mas também uma forma de incrementar a renda familiar. Esse espírito inventivo também abrange a matriarca da família, Mara, que atendendo aos pedidos dos frequentadores da *Lan House*, começou a preparar lanches, como cachorro-quente, para vender junto com um copo de suco ou refrigerante a um preço “camarada” que cabe no bolso dos clientes. Soluções criativas, gambiarras potentes.

Nas favelas em que Vera Telles e Daniel Hirata desenvolvem suas pesquisas, eles destacam a figura de um sujeito importante: o de agenciador local. O agenciador local se destaca por seu poder de mediação, que pode ser compreendida como uma ação social permanente e que, de acordo com Gilberto Velho (2001), nem sempre é óbvia, mesmo estando presente nos mais diversos níveis sociais e interações simbólicas. Velho enxerga que o indivíduo e suas ações sociais se tornaram determinantes no contexto da sociedade moderno-contemporânea, pois, ao redor deles se concretizam práticas e valores como a racionalidade econômica racionalista, por exemplo. O autor resgata Arnold Hauser para destacar que foi durante o Renascimento que um espaço próprio para o indivíduo artista foi criado, mesmo que esse processo de valorização da singularidade do artista não tenha sido algo linear, muito menos fácil. A trajetória e a biografia desses indivíduos se tornaram centrais para a transformação desses sujeitos em mediadores, pois é através delas que há uma legitimação perante a sociedade que o cerca. Esse mediador é apresentado por Telles e Hirata

como um agenciador de problemas cotidianos; aquele que serve como uma “caixa de ressonância” de tudo que acontece no bairro. Toda essa sociabilidade é confundida muitas vezes com o tráfico de drogas existente dentro dessas comunidades, que dependem justamente, segundo os autores, do ancoramento nessas redes de sociabilidade para que a gestão continue a funcionar. Nessas favelas, o mediador precisa agenciar todas as relações locais para que não haja grandes conflitos internos, evitando chamar atenção da polícia e provocar uma intervenção violenta da corporação. A relação entre o mediador e a polícia pode ser interpretada como um exemplo de “mobilidade lateral”, pois é exigido do mediador a utilização da “arte do contornamento” para jogar o jogo pesado de chantagem, extorsão e violência dos policiais. Esse agenciamento de relações também pode ser considerado uma atividade política a partir do momento que Velho evidencia que essa atividade não está atrelada a políticos profissionais, mas é constituída também por lideranças comunitárias, como é o caso desse exemplo relatado.

Outro exemplo de mediador já apresentado nessa dissertação é o personagem Marcão. Ao conseguir estabelecer o diálogo entre a Universidade, instituição em que trabalha, e o público-alvo do Programa que chefia, Marcão é a ponte que permite que as mensagens ali sejam codificadas e decodificadas⁹, produzindo um sentido. Confirmando esse conceito de *codificação e decodificação* de Stuart Hall, Velho relata que:

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, num processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de mediadores quando implementam de modo sistemático essas práticas. O maior e o menor sucesso de seus desempenhos lhes dará os limites e o âmbito de sua atuação como mediadores (2001, p.25).

O conceito de mediador que confirma essa posição de Marcão pode ser encontrado na definição desenvolvida tanto pelo teórico dos estudos culturais, Jesús Martín-Barbero (1997), como pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho. Martín-Barbero destaca o espaço de articulação entre os campos cultural e político onde as mediações estão inseridas. Aqui, o potencial do sujeito (mediador) se mostra indispensável nos processos de mediação evidenciando a competência do indivíduo em proporcionar o entendimento de ambas às partes

⁹Ver mais sobre o tema em HALL, 2013.

sem que ocorra um desfalque de informação. Uma característica atrelada ao conceito de mediador desenvolvido por Gilberto Velho e que pode ser aplicada a indivíduos facilitadores como Marcão, é a capacidade de transitar entre diferentes domínios sociais e de classes, nesse caso a Universidade e o acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Salvador, com a mesma desenvoltura e tendo reconhecida a sua legitimidade em ambos os lugares ao estabelecer um diálogo entre esses dois agentes coletivos mencionados. Isso se dá pela identidade plural de Marcão, que pertence tanto à Universidade, por trabalhar e ter se formado em Filosofia na mesma, e no acampamento por estar localizado às margens da cidade de Salvador, local semelhante ao que Marcão mora, e também pela questão racial que permite que ocorra uma identificação imediata entre os integrantes do movimento, em sua maioria negros. Isso fica evidenciado na fala de um dos entrevistados do episódio que diz que se identificou de imediato com Marcão por ele ser o único negro, rasta da equipe, como já visto no capítulo anterior. Esse trânsito dentro de mundos sociais diferentes é analisado por Velho no sentido de uma viagem, não necessariamente relacionada a um deslocamento geográfico, mas uma trajetória dentro da mesma sociedade. A respeito disso, Gilberto Velho (2001, p.20) discorre:

Cada vez mais, na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade. Assim a *viagem* pode se dar internamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando mais necessariamente um deslocamento geográfico, físico- espacial, mas, sobretudo um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou, mesmo, entre papéis sociais do mesmo indivíduo.

A troca de informações e experiências produzida pelo mediador pode fazer com que esse sujeito tenha consciência ou não do seu papel como agente de mediação. Mesmo vindo de origem humilde e convivendo em um ambiente elitizado, como é o caso de Marcão, sua vivência, seus costumes e crenças devem ser valorizados não só perante aqueles que se identificam com ele devido à proximidade com sua origem e raça, mas, principalmente por aqueles que vivem em um nível social diferente. Ao estar ciente do “projeto de mediação” que está exercendo, como é o caso de Marcão, pode ocorrer uma inversão onde uma pessoa que pertence a uma categoria social inferior é respeitada por pessoas de renda superior, pois possuem a habilidade de circular e difundir seus valores entre esses espaços distintos.

Dentro da “cultura de sobrevivência” existente nas favelas, uma das manifestações culturais que se propaga com força devido ao advento de redes sociais como Twitter e Facebook são os “escritores marginais”. Marginais porque diferente do que se é propagado na mídia hegemônica, o conteúdo desses escritores é produzido por pessoas que vivem no cotidiano das favelas, sentindo e vivendo as experiências que os moradores daquele mesmo lugar partilham. Assim como Carolina Maria de Jesus escreveu o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, em 1960, retratando como o próprio título já diz a vida de uma mulher, favelada e negra na cidade de São Paulo, as novas vozes que emanam das favelas causaram certo estranhamento por parte do público externo no começo, às vezes por não conseguirem enxergar aquela realidade cruel tão próxima, mesmo que pareça distante, e às vezes pelo conteúdo produzido intencionalmente para provocar. O escritor Anderson França é uma dessas vozes que ascendeu nas redes sociais, como o Facebook, nos últimos tempos. Com uma linguagem clara e um tom irônico, o autor viu seus textos tomarem proporções gigantescas na rede falando principalmente sobre a realidade dos subúrbios cariocas e de seus moradores, o que o levou inclusive a escrever um livro, *Rio em Shamas*, pela editora Objetiva. Um dos textos¹⁰ de maior polêmica, que transcrevo abaixo, ele critica o fato dos moradores da Barra da Tijuca não aceitarem a implantação do BRT porque, desse modo, os pobres agora poderiam frequentar as “suas” praias.

Li, no Suburbano da Depressão, que tem morador da Barra dando chique porque agora, com o BRT, mais pessoas da Zona Norte vão poder ir à praia. Até dei print. Tem grupo no facebook pros moradores do Recreio e Barra bostejarem. A Barra da Tijuca poderia fazer um Rioexit, emancipar como município, e se chamar Cidade Premium Special Top Personalité Saint Jorge Vercillo Flats and Resorts. A Barra não é como a Zona Sul. A Barra nem é rica. A Barra é pior que a Zona Sul, porque é o pobre que pensa que é rico. Quem mora na Barra é o ex-suburbano, que fez TI na faculdade ou ODONTO e comprou um apartamento de 4 metros quadrados. A caricatura do rico, é pior que uma van lotada de morador do Leblon. Porque o cara do Leblon FOI À PARIS, mas tantas, mas tantas vezes, que isso é banal pra ele, ele vai no Louvre e sabe o que significa aquelas porra na parede, porque ele é um félo da puta preconceituoso de merda, mas sabe usar a crase, enquanto que o morador da Barra vai pra Paris e precisa fazer uma foto colocando a torre eiféu na mão bisha pare isso parou de ser novidade quando Miguel Falabella saiu do vídeo

¹⁰ Texto encontrado em

<https://www.facebook.com/DinhoEscritor/photos/a.370885493122253.1073741828.370092159868253/488847204659414/?type=3&theater>

show pela primeira vez estamos falando da década de 30. O Kit Subúrbio é Smart Fit, Guanabara, Bolo da Vó Alzira e Igreja de Nova Vida. O Kit Barra é Smart Fit Premium, Guanabara Premium, Naked Cake of Grandmother All Zeera, e Igreja Pentecostal Give your Credit Card and Password em Auditório de Hotel Premium. A cidade para ex-usuários do cartão Di Santinni. Vagabundo corria, há 1 ano, atrás do Olaria-Praça 15 que só passava de 40 em 40 lotado, Festival Internacional da Sarrada na Mão do Trocador, mas agora comprou um fucking Hyundai 1.0 que chora pra subir um Viaduto de Madureira, e paga em 900 vezes num carnê que vem em volumes, tipo os livros do Game of Thrones, cada carnê uma temporada da desgraça, tem cartão Platinum do Santander cinza brilhante com limite Kimkardashianos de 6 mil reais, que quando ele tira da carteira chega cega com o fulgor da bandeira Visa, mas ele não fala pra ninguém que, pra usar o cartão, ele antes consulta Vovó Catarina e Pai Anacleto de Aruanda, e na geladeira só tem Nuggets, porque ele saiu de Irajá, mas Irajá não saiu dele, e o dia em que comprar um tablete de manteiga Président, vai cagar macio por uma semana, do corpo desintoxicando de Qualy. Pega Linha Amarela, Linha Vermelha, Linha A Porra Toda das Cores, noonca vai saber o que é viver entre uma Epitácio Pessoa e uma Ataulfo de Paiva, na Lagoa, ali, cheio de chef de cozinha, uns Ed Motta bebendo vinho e falando que a Alemanha é bom pacaraio os queijo, até porque o cara que tem pedigree de rico no Rio nem sabe do que se trata uma Linha Amarela, mas o morador da Barra, faz um street view do Google, de 2011, que vai ver ele na fila da York na Abolição. Aí o cara mora 3 meses na Barra e fica xatiado porque os pobres, a.k.a. o resto da família dele, vão atrapalhar o verão dele, ato contínuo, Mentira, que ele passa férias em casa, abraçado a uma mamadeira de Rivotril e programa do pastor Josué Valandro. Eu vou na porta da tua casa derramar Guaravita. Eu vou espalhar Biscoito Fofura no teu corredor, vou jogar ESTROGONOFE no teu carro, com batata palha. Então as máscaras vão cair. Quando eu filmar você, ajoelhado no chão lambendo o estrogonofe de virar o olho, com o rádio do carro na Big Mix tocando Nego do Borel. Se aceita, fio. Ao inverde negar as origens, bora botar uns espeto de salsichão com farofa, uns Tobi Uva. Hein para de k-ô. Escrever sobre o Leblon me exige raiva carnegânica. Mas escrever de você, da Barra, me dá pena. Senta aqui. Deixa esse Santa Cruz Direto vir pra fora. Volta pro primeiro amor. O cair é do homem, o levantar é de Dels. Dentro de toda Ludmila tem uma MC Beyoncé.

Outro autor que ganhou muita visibilidade nas redes sociais, principalmente no Twitter, foi Rene Silva. Rene criou o jornal *Voz das Comunidades* em 2005, aos 11 anos, na comunidade do Morro do Adeus, pertencente ao Conjunto de Favelas do Alemão. Após participar durante 3 meses de um jornal criado pelo grêmio estudantil da escola pública que estudava, Rene sentiu a necessidade de falar não só sobre os problemas da escola, mas também sobre os problemas sociais da sua comunidade, assim, criou o *Voz das Comunidades*

com o auxílio de algumas professoras do colégio. O “boom” do jornal aconteceu no ano de 2010, quando houve a ocupação das Favelas do Alemão pela polícia e pelas Forças Armadas. Rene compartilhou em tempo real em sua conta no Twitter, @vozdacomunidade, tudo o que estava acontecendo na comunidade. Segundo notícia¹¹ do site O Globo, o perfil do jornal que tinha até então 180 seguidores, passou a ter mais de 20 mil durante a ocupação do Alemão e a hashtag #vozdacomunidade chegou na lista de assuntos mais comentados do Twitter. Hoje, com um perfil seguido por mais de 380 mil pessoas, o *Voz das Comunidades* segue informando à população sobre tudo o que ocorre não só no Complexo do Alemão, mas em outras comunidades também. Esse ano, o jornal criou em sua página¹² no Facebook uma espécie de alerta para avisar aos moradores sobre as condições de segurança na região. As cores do alerta mudam de acordo com a gravidade da situação, assim como os semáforos, se a cor do alerta for amarela, o estado é de atenção, porém se for vermelha, o estado é de urgência. Com isso, Rene Silva e toda equipe do jornal conseguiram uma relação de confiança com sua audiência que busca no *Voz das Comunidades* conteúdo que dificilmente encontrará nos jornais de mídias tradicionais.

Também outra maneira bastante criativa e fundamental desses moradores periféricos criarem táticas de sobrevivência, gambiarras potentes de re-existência se dá pela música. Seja pelo funk ou pela rap, a música é uma das formas de sobreviver, de se recriar e de recriar o espaço onde vivem. Uma das letras encontradas que retratam a questão da gambiarra já no título é a “Dá um jeito”, do rapper Projota. Mesclando a questão do “jeitinho” com outras características da nossa sociedade como a religiosidade, o cantor inicia a letra da música com o seguinte trecho:

Quem não tem cão caça com gato, é fato, pois é
Tudo se dá um jeito pra quem tem fé

A questão do improviso também é forte nessa música. A ênfase na habilidade, criatividade de transformar algo em outra coisa completamente diferente. O “jeitinho” de transformar uma situação ruim em algo extraordinário. O poder da substituição, de conseguir

¹¹ Ver em <https://oglobo.globo.com/rio/rene-silva-jovem-do-morador-do-morro-do-adeus-twittou-em-tempo-real-invasao-da-policia-ao-2918816>

¹² Ver em <https://www.facebook.com/vozascomunidades>

improvisar com algo que poderia ser visto com um valor menor, mas a tática utilizada impediu que isso acontecesse.

Com uma faca e habilidade hoje cê vira o que quiser
Então, quando eu não tinha flor eu dei pra ela uma canção
Não tinha beat, improvisei no violão
Quando não tinha "din" pro restaurante, champanhe da saideira
Eu dei pra ela caldo de cana e um bom pastel da feira

A astúcia também está presente em “Dá um jeito”, assim como a questão do ilegal, associado à pirataria de mercadorias, e a exposição do tratamento que é dado pela polícia ao morador da favela. Além disso, a “cultura da sobrevivência” fica evidenciada no refrão da canção que tem várias repetições da expressão que dá título à música.

Desci ladeira pra trabalhar, fui de rapeira pra não pagar
Acorrentaram meus irmão sem ter direito a nada
(...)
Pra dvd e cd caro a falsificação
(...)
Na rua quando cê não pode, você dá um jeito
Quando alguém te deve, faz o que? Dá um jeito
Quando não tem mais chance você tem que dá um jeito
Então dá um jeito mano, vai, dá um jeito

Outra música que traduz a resistência dessa parcela da população que, por viver às margens, raramente tem voz em nossa sociedade opressora é a música “Mandume”, do rapper Emicida. Repleto de referências à cultura negra e resgatando nomes importantes de alguns ancestrais, como no próprio título, esse rap trata de uma valorização da cultura negra e de seus elementos. Além disso, é uma “resposta” dada à sociedade que acha que pode domesticar aqueles que são vistos como meros marginais sem direitos e que nessa música levantam sua voz de indignação e exigem respeito. Abaixo, alguns dos trechos mais enfáticos:

Eles querem que alguém
Que vem de onde nós vem
Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda
(...)
Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença
Chega! Sou voz das nega que integra resistência
(...)
Mas mano, sem identidade somos objeto da história
Que endeusa herói e forja, esconde os retos na história

Apropriação há eras, desses tá na repleto na História
 Mas nem por isso que eu defeco na escória

(...)

Domado eu não vivo, eu não quero seu crime
 Ver minha mãe jogar rosas
 Sou cravo, vivi dentre os espinhos treinados com as pragas da horta
 Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de bala
 Não marca, nossa alma sorri
 Briga é resistir nesse campo de fardas

Retratar o lugar onde vivem é mais uma das estratégias que os artistas têm para não só causar identificação com moradores que partilham a mesma experiência que eles, mas também de mostrar para quem não pertence àquele meio que a realidade é muito mais cruel e perversa do que aparece na tela da TV. O grupo de rap ADL MC's, oriundos de Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, tem diversas músicas em seu repertório que retratam o cotidiano de jovens nas favelas. “Favela Vive 2”, “Trabalho Nas Sombras” e “Na Vida” são algumas dessas letras. Em “Na Vida”, eles relatam sobre o poder de resistir/ re-existir dos moradores dessas margens.

Mas só de ter nascido e ser criado onde fomos
 Marcas na pele, feridas da vida mostram quem somos
 Os pés no chão, no solo infértil condenado da favela
 Me alimentou (cresci mais forte, tenho sonhos)

(...)

De viver sem ter paz
 As vezes não se sabe o que faz da vida
 Quase que eu fico pra trás
 Criado pra seguir leis, ir de encontro ao abismo escuro
 Empurrado pra dentro do crime, ser mais um entre os demais

Dentro do universo do rap nacional, Racionais MC's é um grupo que dispensa comentários e é, certamente, uma das maiores referências para os rappers brasileiros, inclusive fora da cena do rap. Encabeçado pela figura de Mano Brown, as letras do grupo são diretas e levam o público a pensar sobre a realidade que ali é retratada. Dentre muitas músicas do grupo, “A Vida é desafio” diz respeito a ter atitudes em um ambiente desfavorável, pois se você não resolver o problema, ninguém vai resolver por você. As oportunidades se encontram, algumas vezes, nas frestas e cabe a você ter a tática certa para encontrá-las.

É isso aí você não pode parar
 Esperar o tempo ruim vir te abraçar
 Acreditar que sonhar sempre é preciso
 É o que mantém os irmãos vivos

Geralmente quando os problemas aparecem
 A gente está desprevenido né, não?
 Errado!
 É você que perdeu o controle da situação
 Perdeu a capacidade de controlar os desafios
 Principalmente quando a gente foge das lição
 Que a vida coloca na nossa frente assim, tá ligado?
 Você se acha sempre incapaz de resolver
 Se acovarda, morô?
 O pensamento é a força criadora
 O amanhã é ilusório
 Porque ainda não existe
 O hoje é real
 É a realidade que você pode interferir
 As oportunidades de mudança
 Tá no presente
 Não espere o futuro mudar sua vida
 Porque o futuro será a consequência do presente
 Parasita hoje, um coitado amanhã
 Corrida hoje, vitória amanhã
 Nunca esqueça disso, irmão

Para enfatizar que nem só do eixo Rio-São Paulo saem os artistas “marginais”, um destaque da cena é o baiano Igor Kannário. Apelidado de “Príncipe do Gueto”, Igor é um artista polêmico dentro e fora dos palcos, mas com um carisma surpreendente e seguidores fiéis. Representante do chamado “pagode baiano”, Igor tem uma legião de fãs que o segue e consegue arrastar uma multidão de foliões todo ano na sua “pipoca” no Carnaval de Salvador. As dinâmicas da periferia são assunto recorrente em sua obra, como por exemplo em “Malandragem”.

Tão dizendo que eu estou induzindo a malandragem
 Com tanta coisa pra se preocupar
 O desemprego ou a desigualdade
 Querem me calar
 (...)

Querem calar a voz que é a favela
 Abraça de verdade
 Vou quebrando as barreiras
 E cantando dedo calibrado
 Não tenho nada a temer
 Porque Deus tá meu lado
 Se bater com a gente venha de ladinho
 Porque de frente o Kannário é barril

Além da música, como já dito anteriormente, a internet também é uma fonte de propagação da cultura da “gambiarra”. Ao procurarmos a palavra “gambiarra” em um contexto atual, encontramos vários sites, festas, páginas de Facebook e revistas que carregam o termo como tema. Percebemos nisso como a cultura da gambiarra está sendo reapropriada para além dos espaços periféricos. A seguir, apresento alguns exemplos.

A Gambiarra¹³ é uma festa itinerante que acontece semanalmente em lugares diferentes e possui pistas de danças que tocam estilos musicais variados. Em nenhum local do site há uma justificativa escrita do porquê a festa se chama Gambiarra, a única razão que encontramos ao navegar pelo site são as lâmpadas que compõem o nome Gambiarra, que, associados à questão da eletricidade, pode justificar o nome da festa.

Outro exemplo é a página “A Gambiarra¹⁴”. De acordo com a seção *about* do Facebook, os seus criadores a relacionam com a expressão ao afirmar que a página é fruto de uma inquietação, não ter limites, preconceito, nem pudor, e demonstram aversão aos meios convencionais tachados de “caretinhas demais para entender essa nova dinâmica”. Aos seus criadores se definirem como “somos agentes da deselitização cultural”, revelam sua ligação com o sentido do termo, popularizando a cultura da gambiarra como uma forma de resistência.

A revista eletrônica Gambiarra¹⁵ é, de acordo com seu editorial¹⁶, “um coletivo que se compromete, acima de tudo, com a qualidade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte (PPGCA/UFF) no qual está inserido. É um espaço que se abre para pesquisadores, artistas e experimentadores de todo o país, com foco em trabalhos que articulem uma reflexão teórica sobre arte e cultura”.

Dos sites e páginas encontrados o que mais, a nosso ver, se liga ao conceito de “gambiarra” é o projeto “Gambiarra Favela Tech¹⁷”. O projeto busca *nerds* que morem em comunidades cariocas para colocá-los em contato com seu potencial criativo e artístico. Idealizado pelo laboratório digital Olabi, a ONG Observatório de Favelas, a Fundação Ford e

¹³Ver em

http://www.gambiarraafesta.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=65

¹⁴ Ver em <https://www.facebook.com/agambiarra/>

¹⁵Ver em <http://www.uff.br/gambiarra/>

¹⁶ Ver em http://www.uff.br/gambiarra/editorial/0001_2008/

¹⁷ Ver em <http://www.gambiarrafavelatech.org/>

o MIT (Massachusetts Institute of Technology), o projeto iniciado no ano de 2015 na Favela da Maré incentiva os participantes a dar novos significados para os materiais obsoletos, para a tecnologia e para a cidade, e através do improviso e da inventividade busca transformar realidades. Como pré-requisito para entrar no projeto, além dos já citados acima, é necessário que os candidatos provem alguma habilidade. Por exemplo, montar e desmontar computadores, criar sistemas de iluminação improvisados, consertar ventiladores e gadgets, desenvolver adaptadores de tomadas, montar geradores e até saber lidar com softwares de código aberto. Mesmo sendo patrocinado por algumas corporações, “Gambiarra Favela Tech” mostra toda sua conexão com o termo ao apresentar expressões como “favela”, “potencial criativo”, “improviso”, “inventividade”, “transformar realidades”, “sistemas de iluminação improvisados”, dentre outras, e também por ter sua residência artística localizada em uma Favela como a Maré. Por fim, em uma atualização¹⁸ do dicionário Houaiss, uma nova definição de “gambiarra” foi elaborada creditando ao brasileiro as acepções da palavra que hoje são dominantes em nosso vocabulário, como “extensão puxada fraudulentamente para furtar energia elétrica; gato” e “recurso popular, criativo, para resolver algum problema; jeitinho”.

Ao apresentar uma série de exemplos ligados ao termo “Gambiarra”, associados a conceitos não só do termo, mas também de mecanismos que compõem e rodeiam essa palavra, busquei justificar a utilização dessa expressão para ressignificar a imagem negativa, atrelada a fatores como a corrupção que o “jeitinho brasileiro” vem carregando nos últimos tempos. A análise das favelas e da população marginalizada que compõe sua comunidade se fez necessária não só porquê a origem do termo “gambiarra” está relacionada ao fios emaranhados que perpassam as favelas, mas como também por seus moradores terem o “poder oficial” de deter majoritariamente o mecanismo da “gambiarra”, ligado à improvisação, à criatividade, à utilização de sucatas e suas novas reconfigurações, por viverem em um meio hostil onde a necessidade de existir e re- existir se faz necessária em um cotidiano de estruturas perversas que os obrigam a aderir às táticas de sobrevivência que têm um terreno fértil nas margens da nossa sociedade.

¹⁸ Ver em <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-obscura-origem-da-gambiarra/#>

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa aqui exposta me propus a analisar como um mecanismo social, no caso, o “jeitinho brasileiro”, passa por um processo de reconfiguração atualmente. Centrei tal análise no programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, série documental exibida pelo Canal Futura; e a partir daí, pensar outras formas em que esse “jeitinho” tem sido recriado e ressemantizado. Através da análise pude perceber que essa reconfiguração se dá através de algumas estratégias inseridas no programa e também da atualização do “jeitinho brasileiro” revestido de “gambiarra”.

Com as discussões feitas busquei apresentar a complexa gama de sentidos que o “jeitinho brasileiro” carrega, dependendo de quem fala e do contexto em que se insere, e principalmente evidenciar a necessidade de caracterizar positivamente um mecanismo tão singular do imaginário social brasileiro.

Através da análise teórica abrangendo não só o “jeitinho”, mas também termos aos quais ele é constantemente associado, como a malandragem, o favor, a corrupção, e a expressão “sabe com quem está falando?”, percebe-se a constante tentativa de desvincular o “jeitinho” do sentido negativo que esses termos carregam. A malandragem, que por muito tempo foi percebida como um estilo de vida ligado à boêmia e à astúcia, passou a ser vista também a partir da década de 1970, durante o contexto da ditadura militar brasileira, como uma reação às duras leis vigentes daquele período, onde o malandro vivia nas brechas entre o legal e o ilegal. A partir dessa época, na análise de Rocha (2006), a malandragem passou a ser vista como um problema sociológico, pois passou a ser vista como um meio de compreender a sociedade brasileira. Para suavizar essa imagem da “cultura da malandragem”, muitas vezes o “jeitinho” foi eleito como uma forma de revestir a prática da malandragem utilizada por aqueles que vivem nas frestas da sociedade.

O processo de distanciamento do “jeitinho” em relação aos termos “favor” e corrupção também foi evidenciado nessa dissertação. Ao utilizar *um continuum* para dividir esses termos em pólos diferentes, Livia Barbosa (2005) propôs fazer essa separação através de um desenho para que esse distanciamento ficasse mais evidente. Neutralizando o “jeitinho”, Barbosa o distinguiu do pólo positivo onde se encontra o “favor” justificando suas diferenças apoiando-se no momento em que os mecanismos são utilizados e a quem esse mecanismo é solicitado. Caracterizando o “jeitinho” como uma ação momentânea, inesperada, induzindo um momento de improvisação, o “jeitinho” em nenhum momento, para a autora, carrega uma carga negativa, apenas se diferencia da positiva devido às circunstâncias em que ocorre. Já para distingui-lo da corrupção, a carga positiva do “jeitinho” é evidenciada na análise. Apesar de trazer a definição de corrupção como algo muito vago, que depende não só da intenção de quem age, mas do sentido compreendido do outro que também está envolvido na prática, a diferenciação entre os mecanismos aqui está baseada além disso, no montante financeiro ali envolvido. Se alguma das partes achar que o dinheiro oferecido, por exemplo, para passar em alguma vistoria sem problemas, é um montante elevado, ali pode ser compreendido por um ato de corrupção, inclusive por alguém de fora da situação. Já se ambas as partes acharem que o valor envolvido não é nada demais, apenas um extra, uma ajuda por fora, essa ação pode ser compreendida como “jeitinho”. Questão complexa e que mereceria maior aprofundamento para além dessa dissertação.

O “jeitinho brasileiro” também é analisado sob a perspectiva damattiana do duelismo entre indivíduo (sujeito regido pelas leis que modernizam a sociedade) e pessoa (sujeito ligado às relações sociais). Nesse sentido, o “jeitinho” seria o mecanismo utilizado para navegar entre essas duas vertentes. Positivamente, ao transformar o indivíduo em pessoa, o “jeitinho” estaria valorizando as relações pessoais, fazendo com que algumas estruturas presentes nas frestas se tornem mais maleáveis e mais acessíveis a todos. Apesar de temporariamente suspensas, as desigualdades que dominam a sociedade moderna continuam ali e são reavivadas por práticas hostis como o nacionalmente conhecido “Você sabe com quem está falando? ”, compreendido por DaMatta (1997) como uma negação do “jeitinho”. Nesse caso, a classe e a posição social superior seria uma justificativa para que esse artifice fosse solicitado em alguma ocasião para intimidar algum interlocutor.

Apesar de ser um termo muito difundido socialmente, não existe uma bibliografia extensa que trate especificamente do termo ‘jeitinho brasileiro’. Um dos autores atuais que trata da questão do “jeitinho brasileiro” em uma boa parte da sua obra é o teórico Jessé Souza. Diferente de outros autores, a perspectiva adotada por Jessé para abordar o tema perpassa por questões estruturais como classes sociais e gênero. A leitura positivada do “jeitinho brasileiro” encontrada na obra do autor está refletida na “cultura de sobrevivência” que os indivíduos pertencentes à ralé têm que adotar para resistir não só nas frestas, mas sobreviver nas condições ali impostas. Entendida por Jessé (2015) como a classe oficial do “jeitinho brasileiro”, a ralé tem como mecanismo de sobrevivência de seus sujeitos os trabalhos considerados como subempregos, aqueles que não são registrados em carteira de trabalho, muitas vezes são mal remunerados e em alguns casos podem provocar riscos às vidas dos trabalhadores. No caso dos homens, o “jeitinho” a ser dado se relaciona prioritariamente a serviços braçais, sem qualquer tipo de especialização por parte de quem vai fazer. Já as mulheres se sujeitam não só a serviços pesados também como o de faxinar várias casas no mesmo dia, mas muitas vezes enxergam como única alternativa financeira a prostituição, associando o seu corpo a uma mercadoria. São nesses subempregos que Souza entende onde está o mecanismo de navegação social representado pelo “jeitinho brasileiro”.

A metodologia do *Modo de Endereçamento* foi utilizada na análise do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* por conseguir compreender de uma maneira prática as estratégias que os meios, inseridos nos estudos culturais, utilizam para emitir suas mensagens para o receptor. Faz-se necessário explicitar que essa produção/recepção da mensagem não ocorre em um processo de mão única, mas se estabelece dentro do ciclo de codificação/decodificação elaborado pelo teórico Stuart Hall (2013), em que o sentido da mensagem enviada é compreendido e ressignificado pelo receptor, gerando uma nova mensagem, e assim sucessivamente.

Através do operador de análise *contexto comunicativo*, inserido nessa metodologia, podemos observar as primeiras estratégias do programa para a positivação do “jeitinho brasileiro”. O Canal Futura foi o canal que exibiu as primeiras temporadas de *O Bom Jeitinho Brasileiro* entre 2006 e 2012, e na forma como o canal se descreve já se pode verificar a exaltação da diversidade de conteúdo a respeito da identidade brasileira, com programas que valorizam esse modo de viver brasileiro. Por mais que ocorra algumas contradições entre o

discurso do Canal e como ele é colocado em prática, a análise do *contexto comunicativo* abrange esses dois pontos de vista contraditórios e por isso eles foram explicitados nesta dissertação. Outra estratégia observada pelo viés deste operador de análise foi a do contexto em que o país vivia quando o programa foi exibido. Sendo veiculada em 2008, a terceira temporada de *O Bom Jeitinho Brasileiro* foi exibida durante o segundo mandato do presidente Luis Inácio Lula da Silva, filiado ao Partido dos Trabalhadores, o que já expõe outra ligação com o tema do programa que se baseia no empreendedorismo, habilidade estimulada durante todo o Governo do presidente Lula, assim como evidenciada durante os diferentes episódios do programa.

O *mediador*, outro operador de análise do *Modo de Endereçamento*, é uma outra estratégia percebida no programa. A escolha do teórico Roberto DaMatta é uma tática que pode ser evidenciada através de uma citação onde Jessé Souza (2001, p.45) afirma que DaMatta equipara sua reflexão sociológica a de Gilberto Freyre através de um importante ponto em comum “fazer uma sociologia de quem gosta do Brasil”. A partir dessa afirmação, compreendemos a escolha de DaMatta não só pela sua relevância teórica, principalmente no que diz respeito ao ‘jeitinho brasileiro’, mas também pelo seu ponto de vista analítico relacionado a alguns aspectos referentes à identidade nacional. Outra estratégia observada através da escolha do mediador para auxiliar na positivação do ‘jeitinho brasileiro’ representada no programa foi a de torná-lo não o centro das atenções, afinal os protagonistas são os personagens de cada episódio, mas sim fazer com que ele servisse como alguém que está ali para legitimar os discursos daqueles que muitas vezes são invisíveis na sociedade, mas no programa, estrategicamente, tira-os das margens e posiciona-os no eixo central.

A *organização temática* foi o último dos operadores analisados, mas o de maior relevância para evidenciar o caráter positivado do “jeitinho brasileiro” presente no programa. A estratégia já se anuncia no título do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro*, com a escolha de utilizar o adjetivo bom para caracterizar o “jeitinho” que será exibido no programa. Além disso, a abertura do programa também já é outra evidência por se tratar da confecção de uma “gambiarra” que é feita através de sucatas encontradas na rua pelo sujeito ali apresentado, sujeito esse representado apenas por uma forma pontilhada, assim como o cachorro que o acompanha, sem um rosto, uma vestimenta, um ser quase invisível. É essa invisibilidade que será deixada de lado nos episódios através da exibição do cotidiano de pessoas comuns, em

sua maioria marginalizadas, mas que, com a improvisação, conseguem sobreviver entre as frestas e fora dela.

O fator empreendedor e criativo dos personagens é uma das estratégias adotadas pelo programa para exaltar a positividade do “jeitinho”. Personagens como Totonho que trabalha em diferentes lugares não só pela necessidade, mas também pelo gosto de se relacionar com pessoas diferentes e ter suas ideias apreciadas por elas; Seu Alves que além de sapateiro gosta de mostrar seu lado artístico pelos muros e paredes não só da sua casa, mas também no perímetro urbano de Recife, sendo inclusive tema de uma mostra produzida por estudantes universitários para exaltar as suas obras. A questão do empreendedorismo também é fortemente identificada no episódio das Irmãs Oliveira que enxergaram no lixo descartado por seus vizinhos de vila, um meio para sobreviver. Ao vender as garrafas PET recolhidas na vila, Fátima consegue uma fonte de renda, além de outra fonte de renda extra que ela tira por ser a responsável pela limpeza e manutenção da vila, arrecadando uma pequena quantia de cada morador, além de prestar serviços como passadeira de roupa e faxineira para os seus próprios vizinhos. Não somente Fátima, Vera também utiliza materiais recicláveis, nesse caso sucatas, retalhos, para produzir objetos de decoração que serão vendidos, contrariando à família, a preços baixos, e assim incrementa a sua aposentadoria de um salário mínimo. A criatividade de Izabel é o mote de um dos episódios do programa que, estrategicamente, mostra a artesã vendendo seus produtos na feira, dando consultoria criativa no barracão da escola de samba em que desfila, além de pintar monumentos como um Templo Maçônico, mesmo não sabendo o significado daquilo que estava ali representado.

A criatividade e o “jeitinho” de Zé Ferreira foram um dos maiores destaques da temporada. Ao mostrar como Zé Ferreira e sua família conseguiram transformar um local deserto em um sítio referência na área da agroecologia sustentável, o programa mostra que através da astúcia e da capacidade de enxergar além do que pode ser visto, é possível exercer o “jeitinho brasileiro” positivamente. O reconhecimento da capacidade criativa de Zé Ferreira por pessoas que possuem perante a sociedade o poder de legitimar o conhecimento, nesse caso os professores e alunos universitários, também é uma estratégia adotada pelo programa para evidenciar essa positividade do ‘jeitinho’.

A capacidade de se reerguer depois de algum imprevisto também é destaque nessa temporada do programa. Batista e Milca são representantes legítimos do ditado brasileiro “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima” que mostra a capacidade do brasileiro de se reinventar na dificuldade, outro traço positivo relacionado ao “jeitinho brasileiro”. Ambos personagens não só conseguiram se estabelecer, mas conseguiram sobreviver a uma realidade que lhes apresentou um caminho árduo de existência/re-existência. Milca conseguiu o emprego de motorista de ônibus, profissão majoritariamente masculina, e através de sua determinação e irreverência, conseguiu o respeito dos seus colegas. Batista, mesmo trabalhando dois turnos completos, com um pequeno intervalo entre eles, é definido por seus colegas e amigos como uma pessoa batalhadora e “gente boa”, o que para eles, resultou na sua virada por cima.

O papel de mediador também pode ser identificado no programa com uma um mecanismo de navegação social, e assim ser também reconhecido como “jeitinho”. Madalena, mesmo pertencendo a classe média alta, consegue através da mediação da leitura se conectar e criar laços com os pacientes do Instituto em que trabalha. Ao trabalhar com a afetividade e o acolhimento das famílias e dos pacientes ali internados, Madalena consegue, com seu papel de mediadora, identificar as necessidades dos pacientes e relatá-las aos seus superiores que, juntamente com ela, irão elaborar estratégias para que a estadia no hospital se torne mais leve. Outros dois personagens que irão se destacar por seus papéis, dentre outros, de mediadores são Marcão e Rosa. Marcão, através de seu trabalho como supervisor de um programa da UFBA que visa ajudar dependentes químicos a diminuir eventuais consequências danosas causadas pelo uso de drogas, consegue fazer a ponte entre a Universidade, idealizadora do projeto, e o público-alvo, no caso os acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, pois compreende a linguagem desses lugares e consegue traduzir os códigos entre as partes. No caso de seu grupo de trabalho e de seus superiores na Universidade, Marcão consegue criar um diálogo, pois, além de trabalhar naquele espaço, também pertenceu a aquele lugar quando foi aluno do curso de Filosofia da instituição. Já com a população do acampamento, a identificação imediata ocorreu pela sua cor e por outro fator como seu cabelo com tranças rastafári, que são características presentes também nos indivíduos daquela comunidade. Rosa também organiza a sua mediação através da questão estética. Cabeleireira negra da cidade de São Luís, Rosa ministra oficinas de cuidados com cabelos afros em

comunidades Quilombolas da região e além de ensinar as meninas uma profissão, Rosa ensina algo muito maior, o empoderamento através da valorização de suas raízes. Ao mostrar às alunas que dá para cuidar de seus cabelos com produtos colhidos ali na terra onde moram, Rosa ensina a essas mulheres que é possível improvisar com aquilo que se tem, aliando um pouco de conhecimento com criatividade. Além disso, a questão da resistência é apontada nesse episódio quando somos apresentados aos nomes da rua e da comunidade onde Rosa vive com sua família, Nelson Mandela e Zumbi dos Palmares, respectivamente, que são nomes de personalidades ilustres da cultura negra e demonstram a valorização dessa identidade negra que está presente em praticamente toda aquela comunidade.

Além disso, outra tática do programa foi apresentar a definição de “bom jeitinho brasileiro” sob a ótica de diversos personagens que passaram pelo programa e ver que esses conceitos de alguma forma ou de outra se encaixam na proposta do programa, assim como também se relacionam com os conceitos apresentados nessa dissertação no decorrer do primeiro capítulo.

Por fim, o *Modo de Endereçamento* foi uma metodologia que permitiu compreender através da análise de *O Bom Jeitinho Brasileiro*, quais estratégias foram adotadas para que a positivação do “jeitinho brasileiro” fosse evidenciada em todos os episódios analisados do programa, mas também em todo seu contexto.

Outra conclusão chegada ao fim deste trabalho foi que o termo “jeitinho brasileiro” se apresenta como uma de suas reconfigurações atuais sob a forma da “gambiarra”, retratada à maneira como as classes periféricas brasileiras utilizam-se da improvisação em um ato de resistir e re-existir às estruturas hostis existentes às margens da sociedade em que são confinadas.

Esse processo pôde ser observado através da análise da origem do conceito da palavra “gambiarra” estar atrelada a uma ideia de extensão elétrica, emaranhado de fios, assim como ainda podemos ver em várias favelas brasileiras. Os conceitos principais de “gambiarra” analisados no terceiro capítulo desta dissertação estão conectados aos sentidos de improvisação de materiais, como sucatas, na confecção de outros com finalidades diferentes dos que foram primeiramente fabricados e a improvisação demandada pelas estruturas e contexto em que cada indivíduo está inserido.

Essas “gambiarras” traduzidas nas resistências que a população que vive nas favelas precisa para navegar em suas frestas, entre o centro urbano e as margens, são as chamadas “mobilidades laterais”. Essas mobilidades podem ocorrer nas comunidades através de algumas práticas como *gatonet*, o tráfico de droga, a venda da mão de obra mais barata como única alternativa de fonte de renda, e até mesmo os mutirões comunitários que fazem trabalhos como tratamento de água e esgoto por exemplo, pois, o poder público responsável legal por esse tipo de trabalho, dificilmente o faz.

Geralmente, esse tipo de benfeitoria originada dos mutirões é comandada por um morador que tem a mediação como prática não só entre os habitantes das comunidades, mas também consegue dialogar com representantes do poder público, como a polícia por exemplo. Esse agenciador surge a partir das necessidades locais e assume perante a comunidade o papel de mediação, que na análise geral de Gilberto Velho (2001) seria uma ação social que concretiza ao seu redor algumas práticas e valores identificados na sociedade moderna.

As táticas, aqui definidas sob a conceituação de Michel de Certeau (1994) como uma ação tomada nas circunstâncias definidas por forças superiores e externas, é um exemplo da “cultura de sobrevivência”, termo partilhado por Adriana Facina (2014) para exemplificar as atitudes que alguns moradores das favelas encontram para sobreviver a esse ambiente constantemente hostil para aqueles que ali navegam.

As táticas que refletem as ações praticadas para re-existir à “cultura da sobrevivência” é apresentada nessa dissertação a partir de vários exemplos atuais que refletem a reconfiguração do ‘jeitinho’ em “gambiarra”. Exemplos dessa mudança podem ser percebidos através do sucesso que alguns moradores locais obtiveram nas redes sociais ao compartilhar a situação real dos moradores de suas comunidades; por meio de artistas que ressignificam as representações das favelas em que vivem demonstrando através de sua arte a força de seus moradores o poder de suas comunidades; e até mesmo para fins comerciais o termo “gambiarra” é utilizado para demonstrar a associação que o termo tem com questões que refletem o improvisado, a criatividade, o empreender e o resistir.

Por fim, me recordo que durante a entrevista para a seleção do mestrado fui confrontada sobre o porquê de querer analisar o processo de posituação do “jeitinho brasileiro” se, para uma professora da banca, o “jeitinho’ já era positivo. A minha resposta foi

justamente baseada no título do programa, “se o “jeitinho brasileiro” é realmente positivo, qual a necessidade de existir um programa que precisa evidenciar esse caráter positivo logo no título, sendo que entre seus idealizadores está um dos maiores teóricos sobre o tema, o antropólogo Roberto DaMatta?”. Presumo, que ao final dessa análise, esta questão tenha sido esclarecida.

Creio que a discussão/problematização do “jeitinho brasileiro” e sua reconfiguração foi certamente realizada nesta dissertação. Não somente através da análise do programa *O Bom Jeitinho Brasileiro* e as evidentes estratégias e técnicas de positivar o “jeitinho” presentes nesse trabalho, mas também através da discussão de conceitos e contextos que englobam o “jeitinho brasileiro”, em especial a “gambiarra” que o atualiza, utilizando-se para isso de táticas exigidas pelas estruturas e contextos sociais na “cultura da sobrevivência” para que possibilitem a existência, a re-existência e a resistência desses sujeitos que, colocados às margens da sociedade, se reinventam e reinventam o lugar onde vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA Manuel Antonio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, Série Bom Livro, 1991.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma. O herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro: A arte de ser mais igual do que os outros**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BORGES, Fernanda Carlos. **A filosofia do jeito: um modo brasileiro de pensar com o corpo**. São Paulo: Summus, 2006.

BOUFLEUR, Rodrigo. **A questão da gambiarra: Formas Alternativas de Desenvolver Artefatos e sua relação com o Design**, 2006. Dissertação. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

BUENO, André. A dialética e A Malandragem. **Revista Letras**, Curitiba, n.74, p. 47-69, jan./abr. 2008. Editora UFPR.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, n. 8, 1970.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAEMON, F. Mídia de massa X Massas de mídias: as manifestações de 2013 e a emergência da contrainformação. In: BIAR, M. (Org.). **E o povo reinventou as ruas: olhares diversos sobre as manifestações de 2013**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

_____, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FACINA, Adriana. "A escada da memória: arte e conflito no Complexo do Alemão". 38º Encontro da ANPOCS, Caxambu, 2014. Disponível em:

<<http://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt34-1/9150-a-escada-da-memoria-arte-e-conflito-no-complexo-do-alemao/file>> . Acessado em 24 de maio de 2017.

FRANCO, Aléxia. P; SILVA, João. C; PINA, Maria.C. **O pensamento dialético de Dante Moreira Leite e sua crítica à ideologia do caráter nacional brasileiro.** Revista Línguas & Letras, v.07, n°13, p.179-193, 2° sem. 2006.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011.

GEIGER, Amir; VELHO, Otávio. “A liminaridade antropofágica de Roberto DaMatta ou Tupi *or not* tupi? A virtude está no meio. In: GOMES, Laura. G.; BARBOSA, Livia. & DRUMMOND, José. A. (orgs.). **O Brasil não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2001.

_____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro.** 6. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MARTIN- BARBERO, Jesus. **Dos meios as Mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

NERCOLINI, Marildo. **A construção cultural pelas metáforas: A MPB e o Rock Nacional Argentino repensam as fronteiras globalizadas, 2005.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial na televisão: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta.** 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

PERLMAN, Janice E. **O Mito da Marginalidade: Favelas e Política no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. **Teorias da Comunicação: O ensinamento e a prática da comunicação social.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, 8° reimpressão.

ROCHA, Gilmar. **“Eis o malandro na praça outra vez”:** a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 108-121, 2° sem. 2006.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde. Uma interpretação de Macunaíma.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 2000.

_____. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

TELLES, Vera S. Jogos de poder nas dobras do legal e do ilegal: anotações de um percurso de pesquisa, In: AZAIS, Christian; KESSLER, Gabriel; TELLES, Vera (org.). **Ilegalismos, cidade e política**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012, p. 27-56.

TELLES, Vera S. & Hirata, Daniel. **“Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito”**. Revista de Estudos Avançados da USP, v. 21, n. 61, p. 171-191, São Paulo, set./dez. 2007.

VELHO, Gilberto. “Biografia, trajetória e mediação”. In: KUSCHNIR, Karina e VELHO, Gilberto (org.). **Mediação Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 15- 28.

WALTY, Ivete. **De lixo e bricolagem**. Revista Alceu, v. .5 - n.9 - p. 62 a 76, Rio de Janeiro, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://revistaalceu.com.pucRio.br/media/alceu_n9_walty.pdf>. Acessado em 23 de novembro de 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Base e superestrutura na teoria cultural marxista**, in: Revista USP, São Paulo, n.65, pp.210-224, março/maio2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13448/15266>>. Acessado em 12 de fevereiro de 2

ANEXOS

ANEXO 1- SOBRE O CANAL FUTURA

O que é o FUTURA?

- Um projeto social de comunicação, da iniciativa privada e de interesse público
- Nasce e se constrói em parcerias
- Uma TV atrativa e educativa
- Trabalho com redes sociais, mobilizando comunidades e instituições sociais
- Atua colocando em conexão pessoas, ideias, redes e instituições

Educação para a vida

O Futura transmite valores e informações úteis ao cotidiano da população, vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Alcança crianças, jovens, famílias e trabalhadores. Cria uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo. Fala de saúde, trabalho, juventude, educação, meio ambiente e cidadania. Um aliado do brasileiro na busca da construção de uma vida melhor.

A ação concreta e transformadora do FUTURA

No Canal Futura, o público interage com a programação, trabalhando os conteúdos e aplicando-os ao seu dia-a-dia: diferentes grupos sociais ampliam seu diálogo e articulação locais; pessoas e grupos expandem suas capacidades comunicativas, exercitando novas formas de falar de si mesmos e com os outros. Novas gerações participam da criação de uma linguagem televisiva, na qual a pluralidade dos segmentos sociais se manifesta.

Parceiros mantenedores do FUTURA

O Futura é resultado da parceria entre organizações da iniciativa privada, unidas pelo compromisso de investir socialmente. Líderes nos seus segmentos, estas organizações promovem ações de efetivo impacto em áreas prioritárias da agenda nacional. São mantenedores do Futura: Bayer Schering Pharma; Bradesco; CNI; CNN; CNT; FIESP; FIRJAN; Fundação Itaú Social; Fundação Vale do Rio Doce; Gerdau; SEBRAE; TV Globo; Votorantim.

Princípios e valores do FUTURA

- Espírito Comunitário: incentivar a solidariedade, a participação das pessoas na construção da sociedade e o compromisso com o bem comum.
- Ética: resgatar o respeito aos valores éticos, aos direitos e às responsabilidades presentes no dia-a-dia de indivíduos, grupos e instituições.
- Espírito Empreendedor: valorizar a iniciativa, o risco, a criatividade e a tomada de decisão, incentivando a responsabilidade de cada um no seu próprio crescimento e no desenvolvimento de seu país.
- Pluralismo: dar visibilidade à diversidade cultural brasileira, valorizar os modos de viver, pensar e se expressar de nosso povo.

O FUTURA em números

- 24 horas no ar
- 73 milhões de brasileiros têm acesso ao canal
- 33 milhões de brasileiros assistem o Futura regularmente
- 83 mil horas de programação
- 13.000 programas já exibidos
- 17 estados com atuação presencial
- 12.636 instituições atuam com o Futura

- 425 mil educadores capacitados
- 2 milhões de pessoas usam a programação nas instituições

Programação

No Futura, a música motiva a prática do bom Português. Os desenhos ensinam História. A Ciência está no fazer do dia-a-dia e nos sonhos do futuro.

É o conhecimento que está em todo e qualquer lugar, na voz de anônimos, que aqui se transformam em famosos, e de famosos, que aqui aprendem com os anônimos. Brasileiros que tornam múltipla a tela do Futura, um espaço que acolhe sotaques vários, diferentes modos de pensar, ver e simbolizar o mundo.

Como assistir ao FUTURA

O telespectador pode assistir ao Futura gratuitamente através das parabólicas (Banda C) em todo o território nacional ou por meio de TV aberta (2), em alguns estados brasileiros. O Futura é transmitido, ainda, por meio de cabo (NET) e mini-parabólicas (SKY e Directv).

- Banda C: antenas parabólicas convencionais (*)

Potencial: 54 milhões de telespectadores

Hábito de assistir o Futura: 18 milhões

Público: 72% classes C, D e E

- TV por assinatura: sistema Net, Sky e Directv TV

(*) Potencial: 9 milhões

Hábito de assistir o Futura: 5 milhões

- Rede de TVs parceiras

Geradora Educativa: São Gonçalo (RJ) – Canal 18

17 emissoras ligadas as universidades (11 em operação e 6 em implementação_

Potencial: 10 milhões de telespectadores

(*) Fonte: Instituto Datafolha 2006 e IBOPE 2005

Público do FUTURA

- Crianças, jovens, famílias, trabalhadores, educadores

Como o FUTURA é percebido pelo público

90% da população declara: O Futura contribui para o desenvolvimento:

- do país
- da educação
- da família

Fonte: Instituto Datafolha – dez 2003

Pesquisa nacional pessoas com mais de 16 anos – parabólica

Temas e causas que os telespectadores buscam no Futura

- Meio ambiente
- Direitos humanos
- Cultura Brasileira
- Educação sexual e prevenção de drogas
- Formação profissional

Fonte: Instituto Datafolha – dez 2005

Perfil do telespectador do FUTURA

Apresenta um engajamento social bem maior do que os não-telespectadores
Reações/attitudes que o Futura provoca em seus telespectadores

- Pensar e refletir sobre um assunto (78%)
- Aplicar na vida o que viu e ouviu (72%)
- Indicar o Canal para os jovens (70%)
- Buscar mais informação sobre o tema que assistiu (65%)

Fonte: Instituto Datafolha – dez 2005

Pesquisa nacional pessoas com mais de 16 anos – parabólica

Os telespectadores do Futura são mais propensos a:

- Definir a sua raça através da identidade cultural e menos propensos a usar a cor da pele como critério relevante.
- Pensar em abrir seu próprio negócio.
- Respeitar diferenças (gênero, regionalismos, referências culturais e estéticas) e menos propensos à preconceitos e racismo.
- Conversar mais sobre o que veem no TV no seu dia-a-dia.

Fonte: Instituto Datafolha – dez 2006

Pesquisa nacional pessoas com mais de 16 anos

Projetos Especiais

Além de estar disponível para milhões de brasileiros via TV e de ser utilizado por várias instituições sociais em todo país, o Futura desenvolve e implementa projetos sociais alinhados com causas e demandas. Listamos abaixo alguns de nossos projetos:

A Cor da Cultura

É um projeto de valorização da história e cultura afro-brasileira, que dá visibilidade a ações afirmativas já promovidas pela sociedade. Contempla o desenvolvimento e a produção de 56 programas, livros pedagógicos, glossário, CD e jogo sobre o tema, distribuídos, na forma de um kit educativo, para 3.000 escolas e instituições sociais. 31 Secretarias Municipais de Educação, em sete estados foram parceiras de implementação do projeto, que capacitou 4.000 educadores.

O projeto foi apoiado pelo MEC, que contribuiu para a elaboração do kit e viabilizou a ampliação de sua distribuição e implementação. A "Cor da Cultura" é fruto da parceria entre a Petrobras, a SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o CIDAN - Centro de Documentação do Artista Negro, a TV Globo e o Canal Futura.

Amigos do Futuro

Uma parceria com o Instituto Votorantim, que tem como objetivo promover a articulação entre a Votorantim e instituições locais de referência em torno de projetos sociais. Jovens, famílias, educadores e funcionários da Votorantim desenvolvem ações

sociais e educacionais, utilizando a programação e a metodologia do Futura, através de ações presenciais coordenadas pela equipe de mobilização comunitária do Futura.

O projeto atingiu cinco áreas de negócios do Grupo Votorantim, em dez unidades distribuídas por 17 municípios e 9 estados brasileiros envolvendo ativamente 332 instituições e 3.714 educadores.

Cuidando do Futuro

Desenvolvido com a Fundação Bradesco, este projeto atingiu os 27 estados brasileiros, usando a programação do Canal como o elemento motivador para o desenvolvimento de projetos pedagógicos dentro das temáticas de Meio Ambiente, Consumo, Trabalho e Saúde (Sexualidade e Drogas). Desde 2005 já foram envolvidos diretamente com o projeto 1.290 educadores e 47.297 alunos de 37 escolas da Fundação Bradesco.

Educação nos Trilhos

Criado em 2000 em parceria com a Fundação Vale do Rio Doce, o projeto tem como objetivo transformar estações e trens de passageiros em ambientes favoráveis para a troca de conhecimento, informação e cultura, utilizando o conteúdo da programação do Canal Futura. Por ano, são beneficiadas pelo "Educação nos Trilhos" cerca de 450 mil pessoas que circulam pelas Estradas de Ferro Carajás (PA e MA) e Vitória a Minas (ES e MG).

Geração Futura

O projeto é uma iniciativa do Canal Futura, organizando periodicamente oficinas de produção audiovisual para alunos de ensino médio e estudantes universitários de todo o Brasil. O "Geração Futura" dá ênfase à experimentação televisiva; ao diálogo direto com profissionais da comunicação; à mistura de participantes com diferentes interesses, origens e formações; à construção coletiva de produções para a grade do Canal e à correlação entre mídia e participação social.

Desde 1999, mais de 300 jovens de todo o país já participaram do projeto, produzindo vídeos, vinhetas, animações, minidocumentários e interprogramas com exibição garantida na tela do Futura.

TVs Universitárias parceiras do Futura

Hoje, o Futura também é uma geradora educativa e conta com TVs universitárias parceiras, que retransmitem o Futura em sinal aberto, por operadora de cabo local ou ainda em circuito interno, alcançando 10 milhões de pessoas em todo o Brasil. Estas parcerias permitem a produção de conteúdos locais, que são exibidos nacionalmente, disseminando e valorizando a diversidade cultural e os regionalismos encontrados Brasil afora.

Esta rede possibilita um rico intercâmbio com diferentes centros de produção de referência e trocas com o meio acadêmico. Além disso, amplia e otimiza o trabalho que é desenvolvido nas comunidades, unindo os esforços mobilizados localmente pelo Futura e pelas próprias TVs Universitárias.

ANEXO 2- O programa *O bom jeitinho brasileiro*

O Bom Jeitinho Brasileiro fala da infinita capacidade de improvisação do nosso povo. Participando, a cada programa, do dia-a-dia de um personagem singular, o espectador descobre que, por trás da informalidade consagrada no Brasil, surgem maneiras diferentes de resolver os mesmos problemas. Perseverantes, criativos e realizadores, os protagonistas da série não desistem. A série flagra a luta diária de pessoas comuns e anônimas para mostrar que é possível fazer a diferença e inventar um novo "jeitinho".

Temas: comportamento; empreendedorismo

Público-alvo: público em geral

Estreia: 2006

Licenciamento: liberado

Sinopses por episódio (26 min):

1ª temporada

Gildásio

O programa conta a história de Gildásio, pedreiro e eletricista, que revende peças de computador numa feira de antiguidades no Rio de Janeiro. A rotina do personagem é acompanhada do momento em que ele se levanta, às 4hs, para levar sua mercadoria para a feira, até o fim do evento. O programa revela como Gildásio, um autodidata, criou a Infogil, sua "marca", que compra, vende, conserta e revende peças de informática na feira.

Tião

A trajetória de Tião, que começou como faxineiro, há 30 anos, no Centro de Ciências da UERJ, no Rio de Janeiro, e hoje cria brinquedos educativos a partir de sucata, é o tema deste programa. As câmeras acompanham o dia-a-dia dele na Oficina de Materiais Didáticos, na UERJ, mostrando toda sua criatividade na hora de criar os brinquedos. A família e colegas falam da paixão de Tião pelo trabalho e pela pescaria - sua maior diversão depois dos brinquedos.

Luci

A rotina de Luci, uma mulher de fibra que trabalha como copeira da Vale do Rio Doce, é o tema do programa. Acompanhamos o dia-a-dia da personagem com sua família, em Nilópolis, no Estado do Rio, e no trabalho. O programa também registra as atividades extras da personagem: ela vende sanduíches para os colegas, faz aulas de inglês na Vale e, nos fins de semana, vende sacolés para a criançada e dá consultoria de sensualidade para amigas.

Edson Ferreira dos Santos

O programa revela o "jeitinho" que o Edson deu para sobreviver sem emprego. A câmera acompanha o trabalho do personagem como guarda-volumes, na calçada, em frente ao Consulado Americano, no Centro do Rio de Janeiro. Com depoimentos de seus parentes, amigos e comerciantes locais, o programa registra também cenas do personagem em sua casa e no bairro onde mora.

Regina Maria Rodrigues

O corre-corre diário da faxineira Regina é o tema deste programa, que se passa numa pequena cidade de São Paulo. A personagem é acompanhada de perto pelas câmeras em todos os seus trabalhos: como faxineira em uma agência de publicidade, em uma casa de família e, nos fins de semana, numa pizzeria. O programa mostra Regina vendendo cosméticos e lingerie para suas clientes e também fritando coxinhas que vende por encomenda.

Afonso Bretas

O programa retrata a rotina do multifacetado Bretas. Gravado na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, o programa mostra o personagem nas versões escultor de pedra-sabão; professor de Arte; funcionário da Secretaria de Turismo; e diretor, produtor e ator de teatro da Companhia de um Homem Só. Destaque especial para o registro do Bretas-móvel, carrinho-atração para venda de balas e bebidas em festas, inventado pelo personagem.

Valdete Soares da Silva

O programa acompanha o dia-a-dia de Valdete, coordenadora do Grupo de Expansão Cultural, do Centro Social da comunidade de Campinho, Rio de Janeiro. Das 5h às 22h, a câmera registra toda a rotina da personagem, que dá aulas de dança, música e teatro para crianças e adolescentes, cuida da casa e dos filhos, e ainda faz cursinho pré-vestibular à noite.

Raquel

A paixão de Raquel, moradora do Vidigal, no Rio, pelo serviço de obra é o ponto de partida desse programa. A câmera acompanha o dia-a-dia dessa mulher, casada, mãe de quatro filhos, apelidada pelos amigos de “Maria Machado”, que mete literalmente a mão na massa. Desempregada, quando não está fazendo bicos, ela passa o dia reformando a sua própria casa, a de amigos ou de parentes.

Rui

No episódio vamos acompanhar a história de Evaldo Rui, 48 anos. Formado em mecânica, foi funcionário público durante 13 anos, mas, movido por idéias e convicções, trocou a estabilidade por uma trajetória de liberdade pessoal. Rui é biscateiro por gosto. Flagrando os seus pequenos jeitinhos e ouvindo amigos e familiares, seremos capazes de avaliar os dramas decorrentes de sua escolha radical, que, segundo ele, “só entende quem vê, só sabe quem conhece”.

Terezinha

Este episódio acompanha o dia-a-dia da baiana Terezinha, 69 anos, nascida e criada em São Félix do Coribe, cidade de cerca de 12 mil habitantes no extremo oeste da Bahia. Mãe de nove filhos, ela dá expediente como servente em uma escola pública, borda, faz doces para vender, trabalha numa organização não-governamental, atua na Associação de Bairro e ainda é presidente do diretório municipal do Partido Comunista.

Maria Luíza

Boleira de mão-cheia, a pernambucana Maria Luíza da Conceição é do tipo que não tem medo de trabalho. O programa mostra a rotina dessa diarista e “confeitarista” que trabalha em casas de família, faz bolos e doces para festas e casamentos e ainda vende produtos de beleza. Maria Luíza ainda atua como Amiga da Escola.

Geni

A paixão da pernambucana Geni dos Santos pela cultura de seu povo é o tema deste O bom jeitinho brasileiro. Geni divide a casa com a família e a sede do grupo Nação Maracatu Estrela Brilhante, no subúrbio de Recife. Para viver, faz tranças, bolsas e bordados. Idealista, ela sonha criar uma organização não-governamental para manter as tradições de sua cultura negra.

Newton

Newton Boa Nova, 53 anos, é separado e tem dois filhos: Felipe, de 19 anos, e Daniel, 25. Ele mora com Felipe. Taxista há nove anos, Newton dá expediente de segunda a segunda. Entediado com a sua rotina de trabalho, decidiu inovar: transformou seu carro em um “táxi temático”. Assim ele se veste de Homem-Aranha, Papai Noel, Bicho Papão, entre outros, e participa e divulga eventos como feiras de livros e a Semana Farroupilha e campanhas como a do Câncer de Mama.

Consultoria: Roberto DaMatta é antropólogo. Ensaísta de cultura, mestre e doutor pela Universidade de Harvard, também chefiou o departamento de Antropologia e foi professor de Antropologia da Universidade de Notre Dame (EUA). Entre suas obras estão: Carnavais, malandros e heróis e O que faz o Brasil, Brasil?.

Ficha técnica

Roteiro: Isadora Andrade, Adriana Schimidt Nolasco

Direção: Antonio de Andrade, Tomás Portella, Terencio Porto

Assistente de direção: Mariana Kapps

Direção de fotografia: Kika Cunha, Maritza Caneca, Araken Dourado, Eduardo Pessoa,

Videografismo e abertura: Vítor Bellicanta, Nikolas Klam

Produção Executiva: Mauro Pizzo

Produção: Lara Guarany, Anna Julia W erneck, Tatiana Aslanian

Edição: Márcia Medeiros, Flavia Celestino, Adriana Borges, Daniela Ramalho, Lethicia Ribeiro

Som: Bernardo Gebara, Estúdio Arpx, Marcel da Costa, Bruno Espírito Santo, Michel Messer Trilha original: Rodrigo Lima

Pesquisa: Maria de Andrade, Laís Rodrigues

Canal Futura

Coordenação de programa: Lúcia Morgado Produtores-

assistente: Meriene Mazzei, Vinícius Dias Supervisão de conteúdo: Débora Garcia

Supervisão artística: João Alegria Produção

executiva: Vanessa Jardim Gerente de

programação: Ana Lúcia Gomes Gerente-geral:

Lúcia Araújo

Supervisão-geral: Hugo Barreto

2ª temporada

Zé Paulino

O paraibano e boiadeiro Zé Paulino faz sucesso com seu programa Voz do Vaqueiro, na rádio de sua cidade, no interior da Paraíba. Como é analfabeto, ele faz desenhos para lembrar as letras de suas músicas. Para conseguir um trocado, Zé Paulino se apresenta em procissões, festas, eventos e até em enterros.

Kátia

O programa conta a história de Kátia, que dá aulas de boxe para jovens do morro do Cantagalo, no Rio, onde mora. Ela é presidente da liga independente de futsal da comunidade e ainda atua como guia turístico na visita de estrangeiros à favela. Família, amigos e colegas de trabalho revelam de onde vem a força de Kátia, essa típica representante do bom jeitinho brasileiro.

Djair

O programa acompanha o dia-a-dia de Djair, o “marido” mais requisitado de Curitiba. Ele deixou o cargo de hoteleiro para realizar o sonho de ter seu próprio negócio. Espécie de encanador e electricista, Djair ganha a vida dando expediente como “marido de aluguel”. Ele conserta DVD, fura parede, bate prego, conserta torneira, etc. Educado e galanteador, conquista as clientes e até mesmo seus maridos.

Francisco

Francisco é pedreiro, construtor e inventor. No seu barraco, no alto do morro do Vidigal, no Rio, ele faz experimentos a partir de garrafas Pet, bagaço de cana-de-açúcar e restos de sandálias de

borracha. O programa acompanha a trajetória desse paraibano empreendedor, que tem o sonho de ver seu tijolo feito de garrafas Pet ser usado na construção de escolas.

Tampinha

José Ibraim, o Tampinha, nasceu para ser palhaço. Sempre com uma piada na ponta da língua, é daqueles que não perdem uma oportunidade na vida. De dia, trabalha como motoboy na sua mini-empresa, a Tampinha Express. À noite, dá expediente como garçom-palhaço de um restaurante, em Brasília. Depoimentos da família, amigos e clientes registram a alegria contagiante desse nordestino invocado.

Cleide

A carioca Cleide dos Santos praticamente não dorme. De dia, cuida da casa e dos três filhos. De madrugada, encara sua segunda jornada: encadernar e entregar mais de 300 jornais de casa em casa. Sempre de olho no relógio, ainda arruma tempo para jogar futevôlei e dançar gafieira, sua maior paixão.

Vavá

A paixão do carioca Vavá por brinquedos é o tema desse programa. Conhecido como “brinquedeiro”, ele dá oficinas de jogos e brinquedos artesanais, criados a partir de sucata. Da infância pobre, Vavá conta que nunca ganhou um brinquedo no Natal. Por isso, já adulto começou a criar seus próprios brinquedos como o teatrinho de marionetes, o bondinho de Santa Teresa e o carrinho de fórmula 1.

Solange

O programa conta a história da professora Solange, que abusa da criatividade na hora de ensinar seus alunos os princípios da Ciência. Com depoimentos do marido, amigos, alunos e colegas de trabalho, o programa revela ainda como Solange aproveita a sala de aula para falar de cidadania, sexualidade e responsabilidade social.

Mestre Pelé

O programa revela a história de Mestre Pelé, 73 anos, tradicional capoeirista e cantador de samba da Bahia. Ex-pedreiro e pai de “uns quinze filhos”, Mestre Pelé já plantou mandioca, vendeu carvão e abriu estradas. Correu muito da polícia quando a capoeira era recriminada. Anos depois, foi convidado a dar aulas para policiais. Para tirar um troco, produz e vende instrumentos como o berimbau e o agogô, no Pelourinho.

Euza

A alegria contagiante e o eterno otimismo renderam à carioca Euza Borges, de 36 anos e moradora do Morro dos Macacos, no Rio, uma comunidade na Internet. Vice-presidente da ONG Pixote e aluna de Gestão de Eventos Carnavalescos em uma universidade, ainda arruma tempo para cantar, tocar bateria em uma escola de samba e rodar a cidade de bicicleta.

Francisco

O programa revela o “jeitinho” que Francisco da Parabólica deu para sobreviver sem emprego. A câmera acompanha o trabalho do personagem como instalador de antenas na pequena cidade de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte. Nas horas vagas, cria invenções como uma churrasqueira e um sistema de refrigeração com canos e antenas parabólicas.

Silvia

Para garantir o sustento de sua família e dos artistas que hospeda em sua casa, a cearense Silvia Moura, de 42 anos, se vira ora com coreógrafa, ora como professora de dança. Quando mesmo assim não consegue completar seu orçamento, borda bolas de tecido e vende no banco, na feira, no ônibus.

Consultoria:

Roberto DaMatta é antropólogo. Ensaísta de cultura, mestre e doutor pela Universidade de Harvard, também chefiou o departamento de Antropologia e foi professor de Antropologia da Universidade de Notre Dame (EUA). Entre suas obras estão Carnavais, malandros e heróis e O que faz o Brasil, Brasil?.

Ficha técnica

Direção: Antonio de Andrade e Mariana Kapps

Roteiro: Isadora Andrade

Edição: Marcia Medeiros, Adriana Borges, Tatiana Gouveia e Lethicia Ribeiro

Produção executiva: Mauro Pizzo

Direção de fotografia e câmera: Leonardo Neri

Pesquisa: Maria de Andrade e Lais Rodrigues

Produção: Lara Guaranys, Anna Julia W erneck, Tatiana Aslanian e Rafael Lando

Som: Pedro Moreira e Bernardo Gebara

Videografismo e abertura: Vitor Bellicanta e Nikolas Klam

Trilha original: Rodrigo Lima

Produtora realizadora: Filmes do Serro

Canal Futura

Produtores assistentes: Meriene Mazzei e Cecília Moutinho

Supervisão de conteúdo: Débora Garcia

Supervisão artística: João Alegria Produção
executiva: Vanessa Jardim

Gerente de programação: Ana Lúcia Gomes

Gerente geral: Lúcia Araújo

Supervisão geral: Hugo Barreto